KRISHNAMURTI

SOBRE O VIVER CORRETO

ON RIGHT LIVELIHOOD

Cultrix

J. Krishnamurti

Sobre o Viver Correto

Tradução
PEDRO S. DANTAS JR.

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Não será então imprescindível cada um de nós conhecer por si mesmo qual é o modo adequado de viver corretamente? Porque, se formos avarentos, invejosos, em permanente busca de poder, nossas formas de viver corresponderão às nossas exigências interiores e, assim, produzirão um mundo de competição, de rudeza e de opressão, que acabará por levar à guerra.

Ojai, 9 de julho de 1944

Sumário

Prólogo 9
Ojai, 9 de Julho de 1944 11
Ojai, 3 de Junho de 1945 12
Ojai, 27 de Maio de 1945 15
Bangalore, 8 de Agosto de 1948 17
Ojai, 14 de Agosto de 1955 21
De *Comentários Sobre a Vida, Primeira Série*, Capítulo 88 . 23
De *A Primeira e a Última Liberdade*, Capítulo 3 28
Bombaim, 24 de Fevereiro de 1957 32
De *Comentários Sobre a Vida, Segunda Série*, Capítulo 31 .. 35
Varanasi, 12 de Janeiro de 1962 39
De *Comentários Sobre a Vida, Segunda Série*, Capítulo 17 .. 41
De *Esta Questão da Cultura*, Capítulo 17 47
Bombaim, 28 de Março de 1948 51
Bangalore, 15 de Agosto de 1948 54
Poona, 17 de Outubro de 1948 58
Bombaim, 26 de Fevereiro de 1950 63
De *A Urgência da Mudança* 69
Bombaim, 11 de Março de 1953 73
De Uma Conversa com Estudantes na Escola de Rajghat,
20 de Janeiro de 1954 79
Amsterdã, 23 de Maio de 1955 84
De Um Diálogo com os Jovens em Saanen,
5 de Agosto de 1972 87
De *Krishnamurti e a Educação*, Capítulo 8 91
De *Comentários Sobre a Vida, Segunda Série*, Capítulo 2 ... 98

Saanen, 24 de Julho de 1973 102
Saanen, 3 de Agosto de 1973 105
De *Verdade e Realidade*, Capítulo 10, Saanen,
25 de Julho de 1976 113
Ojai, 3 de Abril de 1977 115
De *Comentários Sobre a Vida, Terceira Série*, Capítulo 48.. 118
De *Cartas para as Escolas, Vol. I*, 1º de Dezembro de 1978 128
De *Esta Questão de Cultura*, Capítulo 7, com os Jovens.... 130
De *Cartas para as Escolas, Vol. I*, 15 de Dezembro de 1978 134
Saanen, 28 de Julho de 1979 136
De *Cartas para as Escolas, Vol. II*, 15 de Novembro de 1983 144
De *Princípios do Aprendizado*, Capítulo 13, Diálogo em
Brockwood Park School, 17 de Junho de 1973 149
De *Perguntas e Respostas*, Saanen, 24 de Julho de 1980.... 163
De *Krishnamurti para Si Mesmo*, Brockwood Park, 30
de Maio de 1983 168
De *Comentários Sobre a Vida, Terceira Série*, Capítulo 30.. 177
Fontes e Agradecimentos 185

Prólogo

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e, com treze anos, foi aceito pela Sociedade Teosófica que o considerou talhado para o papel de "mestre do mundo", cujo advento vinha anunciando. Em pouco tempo, Krishnamurti despontaria como professor vigoroso, independente e original, cujas palestras e escritos não se ligavam a nenhuma religião específica nem eram próprias do Ocidente ou do Oriente, mas de todo o mundo. Repudiando com firmeza a imagem messiânica, em 1929 ele dissolveu dramaticamente a ampla organização monista que se constituíra à sua volta e declarou ser a verdade um "território inexplorado", do qual não se podia aproximar através de nenhuma religião formal, de nenhuma filosofia ou seita.

Pelo resto de sua vida, Krishnamurti rejeitou com vigor a condição de guru que tentavam lhe impingir. Ele continuou a reunir grandes multidões em todo o mundo, mas não se atribuía nenhuma autoridade, não queria ter discípulos, e falava sempre como uma pessoa se dirigindo a outra. No âmago de seus ensinamentos, encontrava-se a constatação de que mudanças fundamentais na sociedade só podem ser conseguidas através da transformação da consciência individual. Acentuava constantemente a necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separatistas da religião, bem como das condicionantes nacionalísticas. Krishnamurti apontava sempre para a urgente necessidade de se manter o espírito aberto e o "amplo espaço da mente em que há inimaginável energia". Tal parece ter sido o manancial de sua criatividade e a chave para o poder catalítico que exercia sobre uma tão grande variedade de pessoas.

Palestrou sem cessar por todos os cantos do mundo até sua morte, ocorrida em 1986, aos noventa anos de idade. Suas conferências e diálogos, diários e cartas foram reunidos em mais de sessenta livros. Desse vasto corpo de ensinamentos compilou-se esta série de livros-tema. Cada livro focaliza um assunto que possui particular relevância e urgência em nossa vida diária.

Ojai, 9 de Julho de 1944

Para se ter uma vida simples, não basta contentar-se em possuir alguns poucos objetos, pois ela consiste no viver corretamente e no ser independente das distrações, dos vícios e da ânsia de possuir. Ficar livre da mania de comprar permite criar os meios de se atingir um viver correto, mas existem certos meios obviamente inadequados. Ambição, tradição e o desejo de poder trarão à tona as formas erradas de viver. Mesmo nestes tempos, em que todos estão de certa forma presos a um determinado tipo de trabalho, é possível encontrar a profissão certa. É preciso que cada um esteja ciente das conseqüências da profissão inadequada, com seus desastres e desgraças, sua rotina enfadonha e seus meios de lidar com a morte. Não será então imprescindível cada um de nós conhecer por si mesmo qual é o modo adequado de viver corretamente? Porque, se formos avarentos, invejosos, em permanente busca de poder, nossas formas de viver corresponderão às nossas exigências interiores e, assim, produzirão um mundo de competição, rudeza e opressão que acabará por levar à guerra.

Ojai, 3 de Junho de 1945

Questionador: O problema de ganhar a vida decentemente é fundamental para a maioria de nós. Uma vez que as correntes econômicas do mundo são inapelavelmente interdependentes, acredito que, qualquer que seja a minha atividade, estarei explorando alguém ou contribuindo para a causa da guerra. Como deve então proceder aquele que deseja ganhar a vida de forma decente, para escapar das garras da exploração e da guerra?

Krishnamurti: Para quem deseja encontrar um meio justo de viver, a vida econômica como está organizada atualmente é certamente difícil. Como diz o questionador, as correntes econômicas são entrelaçadas e, assim, o problema é complexo e, como qualquer problema humano complexo, precisa ser abordado com simplicidade. À medida que a sociedade se torna mais e mais complexa e organizada, a sistematização do pensamento e da ação está sendo reforçada em benefício da eficiência. A eficiência se torna cruel quando os valores sensoriais predominam, quando os valores eternos são deixados de lado.

Existem, obviamente, meios errados de viver. Aquele que ajuda na fabricação de armas ou de outros mecanismos capazes de matar seu semelhante está certamente ocupado em perpetuar a violência, e isso jamais trará a paz ao mundo. Os políticos que, seja em benefício próprio, de sua nação ou de uma ideologia, se ocupam em governar e explorar os outros estão certamente usando meios errados de viver, meios que conduzem à guerra, à desgraça e à miséria humana. O padre que se atém a um determinado preconceito, dogma ou crença, a uma determinada forma de adoração e oração, também está usando

formas erradas de viver, pois estará apenas disseminando a ignorância e a intolerância, que colocam um homem contra outro homem. Qualquer profissão que conduza ou mantenha os conflitos ou as diferenças entre um homem e outro é obviamente um meio errado de viver. Essas ocupações levam à exploração e às lutas.

Nossas formas de viver são ditadas pela tradição ou pela cobiça e pela ambição, não são? Em geral, nós não nos pomos deliberadamente a pensar sobre a melhor forma de viver. Ficamos muito agradecidos em poder obter tudo aquilo que conseguimos e seguimos cegamente o sistema econômico que está em torno de nós. Mas o questionador quer saber como se esquivar da exploração e da guerra. Para escapar disso ele precisa não se deixar influenciar, não seguir a profissão tradicional, nem pode ele ser invejoso ou ambicioso. Muitos de nós escolhem uma profissão em função da tradição, ou porque somos de uma família de advogados ou de comerciantes; ou nosso desejo de poder e de posição define a nossa profissão; a ambição nos leva a competir e a ser cruéis nesse nosso desejo de conseguir êxito. Assim, aquele que não quer explorar ou contribuir para a causa da guerra precisa deixar de seguir a tradição, deixar de lado a cobiça, a ambição, a auto-afirmação. Se ele se abstiver de tudo isso, naturalmente encontrará a profissão adequada.

Embora seja importante e benéfica, a profissão adequada não é um fim em si mesma. Você pode ter um meio correto de viver mas, se você for interiormente insuficiente e pobre, será uma fonte de desgraça para si mesmo e, portanto, também para os outros; você se tornará insensato, violento, auto-afirmativo. Sem a liberdade interior da realidade você não terá alegria, não terá paz. Apenas na busca e descoberta dessa realidade interior é que podemos não só nos contentar com pouco, mas também estar conscientes de algo que existe além de qualquer medida. Isso é o que precisa ser buscado em primeiro lugar e, se isso acontecer, seguindo seu exemplo, tudo o mais tornar-se-á realidade.

Essa liberdade interior de realidade criativa não é um dom; deve ser descoberta e experimentada. Não é uma aquisição que você deva agregar a você mesmo para com ela se vangloriar. Trata-se de um estado de ser, como o silêncio, no qual não existe transformação, no

qual existe a completude. Essa criatividade não precisa, necessariamente, procurar expressar-se; não se trata de um talento que exija uma manifestação exterior. Você não precisa ser um grande artista nem ter uma grande audiência; se você estiver em busca disso, perderá essa realidade interior. Não se trata de um dom, nem é o resultado de um talento; esse tesouro imperecível precisa ser encontrado quando o pensamento se libertar da concupiscência, do desejo mau e da ignorância, quando o pensamento se libertar das coisas mundanas e da ambição pessoal de vir-a-ser. Deve ser experimentada através do pensamento e da meditação adequadas. Sem essa liberdade interior da realidade, a existência é dor. Tal como um homem sedento busca água, assim devemos buscar. Apenas a realidade pode aplacar a sede de impermanência.

Ojai, 27 de Maio de 1945

Desenvolvemos exageradamente o intelecto com o sacrifício de nossos sentimentos mais profundos e claros, e uma civilização fundada no cultivo do intelecto produz a crueldade e a adoração do sucesso. A ênfase no intelecto ou na emoção resulta em desequilíbrio, e o intelecto está sempre tentando se salvaguardar. A simples determinação serve apenas para fortalecer o intelecto e o embota e endurece; é sempre auto-agressivo no vir-a-ser e no não-vir-a-ser. Os caminhos do intelecto precisam ser compreendidos pela percepção constante, e sua educação precisa transcender o seu raciocínio lógico.

Questionador: Vejo que existe um conflito entre a minha profissão e o meu relacionamento. Eles caminham em direções diferentes. Como posso fazer para que eles se encontrem?

Krishnamurti: A maioria de nossas profissões é ditada pela tradição, ou pela cobiça, ou pela ambição. Em nossas profissões somos rudes, competitivos, ardilosos, espertos e extremamente autoprotetores. Se mostramos fraqueza, seja quando for, podemos cair; por isso é preciso que acompanhemos a alta eficiência da ambiciosa engrenagem do mundo dos negócios. Trata-se de uma luta constante para manter o controle, para ser sempre mais esperto e sagaz. A ambição jamais encontrará a satisfação definitiva; está sempre à procura de campos mais amplos para sua auto-afirmação.

Mas nos relacionamentos ocorre um processo bastante diferente. Nele é preciso haver afeição, consideração, ajuste, autonegação, concessões, não para conquistar, mas para viver com felicidade. Nele

deve existir a terna auto-anulação, a liberdade em relação ao domínio, à possessividade, mas o vazio e o medo causam o ciúme e a dor no relacionamento. O relacionamento é um processo de autodescoberta, no qual existe uma compreensão maior e mais profunda. O relacionamento é um constante ajuste na autodescoberta; ele exige paciência, flexibilidade infinita e um coração sincero.

Mas como podem estar juntos auto-afirmação e o amor, a profissão e o relacionamento? Um é rude, competitivo, ambicioso; o outro é abnegado, atencioso, gentil; eles não podem ficar juntos. Com uma das mãos a pessoa lida com sangue e dinheiro, e com a outra tenta ser gentil, afetuosa, atenciosa. Como um alívio para suas profissões insensíveis e sem vida elas buscam consolo e bem-estar nos relacionamentos. Mas os relacionamentos não geram bem-estar, pois trata-se de um processo diferente de autodescoberta e compreensão. O homem ocupado tenta em sua vida de relacionamentos buscar o consolo e o prazer como uma compensação para o enfado da sua atividade. Sua ocupação diária de ambição, cobiça e crueza conduz, passo a passo, à guerra e às barbaridades da civilização moderna.

A ocupação correta não é ditada pela tradição, pela cobiça ou pela ambição. Se cada um estiver seriamente preocupado em estabelecer relacionamentos adequados, não apenas com uma pessoa mas com todos, então ele encontrará a profissão correta. A profissão correta vem acompanhada da regeneração, da mudança no coração, não com a simples determinação de encontrá-la.

A integração só é possível se existir clareza de compreensão em todos os diferentes níveis da nossa consciência. Não pode existir integração entre amor e ambição, entre clareza e trapaça, entre compaixão e guerra. Enquanto profissão e relacionamentos se mantiverem afastados, haverá constante conflito e desgraça. Qualquer reforma dentro do padrão dualista é retrocesso; somente para além dele pode existir a paz criativa.

Bangalore, 8 de Agosto de 1948

Questionador: Você fala muito sobre a necessidade de uma vigilância incessante. Acho que meu trabalho me entorpece de forma tão irresistível que falar sobre vigilância depois de um dia de trabalho é como colocar sal na ferida.

Krishnamurti: Meu senhor, esta é uma questão importante. Por favor, vamos examinar juntos, cuidadosamente, e ver o que nela está envolvido. Bem, a maioria de nós se entorpece com o que chamamos de nosso trabalho, nosso emprego, nossa rotina. Os que amam o trabalho e os que são obrigados a trabalhar em função de necessidade e que percebem que o trabalho os torna aborrecidos — ambos se aborrecem. Tanto os que amam o seu trabalho como os que resistem a ele se aborrecem, não é verdade? O que faz um homem que ama o seu trabalho? Ele pensa nele da manhã até a noite, está permanentemente ocupado com ele. Esse homem está tão identificado com o trabalho que não pode olhar para ele — ele é a própria ação, o próprio trabalho. O que sucede com essa pessoa? Ela vive numa prisão, vive em isolamento com seu trabalho. Nesse isolamento, ela pode ser bastante esperta, bastante inventiva, muito sutil, mas ainda assim está isolada. E ela se entorpece porque está resistindo a qualquer outro tipo de trabalho, a qualquer outra abordagem. Seu trabalho é, portanto, uma forma de escapar da vida — da sua vida, de seus compromissos sociais, das incontáveis solicitações, e assim por diante. E há também o homem da outra categoria, o homem que — como a maioria de vocês — se obriga a fazer algo de que não gosta e que

resiste a isso. É o trabalhador da fábrica, o funcionário do banco, o advogado, ou qualquer outra das nossas profissões.

Mas o que nos entorpece? Será o trabalho ou a nossa resistência ao trabalho, ou a tentativa de evitar outros impactos sobre nós? Estão acompanhando o que quero dizer? Espero estar me fazendo claro. Pois bem, o homem que ama seu trabalho está tão absorvido nele, tão enredado, que isso acaba por se tornar um vício. Dessa forma, seu amor ao trabalho é uma maneira de fugir da vida. E para o homem que resiste ao trabalho, que desejaria estar fazendo algo diferente, há o eterno conflito da resistência ao que está fazendo. Assim, nosso problema é: o trabalho entorpece a nossa mente? Ou esse entorpecimento é causado pela resistência ao trabalho, de um lado, e pelo uso que se faz do trabalho para evitar os impactos da vida, de outro? Isto é, será que a ação e o trabalho entorpecem a mente ou será que a mente fica entorpecida pelo conflito, pela resistência ou pela tentativa de fuga? Obviamente, não é o trabalho, mas a resistência que entorpece a mente. Se você não oferecer resistência e aceitar o trabalho, o que acontece? O trabalho não o entorpece, porque apenas uma parte da sua mente está realizando a tarefa que você tem que executar. O resto do seu ser, o inconsciente, a parte oculta, está ocupada com os pensamentos nos quais você está realmente interessado. Sendo assim, não existe conflito. Isso pode parecer bastante complexo, mas se você acompanhar cuidadosamente verá que a mente se entorpece, não pelo trabalho, mas pela resistência ao trabalho, ou pela resistência à vida. Digamos, por exemplo, que você precise fazer determinado trabalho que lhe demandará cinco ou seis horas. Se você disser: "Que amolação! Que coisa horrível! Eu gostaria de poder estar fazendo outra coisa", obviamente sua mente está resistindo e esse trabalho. Parte da sua mente desejaria que você estivesse fazendo outra coisa. Essa divisão, produzida pela resistência, cria aborrecimento, porque você está desperdiçando o seu esforço, querendo estar fazendo algo diferente. Ao passo que, se você não resistir, mas fizer aquilo que é realmente necessário, então você diz: "Preciso ganhar a vida e vou ganhar minha vida de maneira correta." Mas o viver corretamente não implica a necessidade de exército, de polícia, ou de advogados que prosperam nas disputas, nos distúrbios, nos sub-

terfúgios astuciosos e assim por diante. Este é um problema por si só bastante difícil.

Se você estiver ocupado em fazer algo indispensável para ganhar a vida, e se resistir a isso, obviamente a mente se aborrece, pois trabalhar com resistência é como fazer um motor trabalhar com freio acionado. O que acontece ao pobre motor? Seu desempenho torna-se insuficiente, não é verdade? Se você já dirigiu um carro, sabe o que acontece se dirigir com o freio manual acionado — você não apenas irá desgastar o freio como também ira desgastar o motor. Isso é exatamente o que está fazendo quando resiste ao trabalho. Ao passo que, se você aceitar o que tem a fazer, e o fizer de maneira tão inteligente e completa quanto possível, o que sucede? Como você não está mais resistindo, as outras camadas da sua consciência estão ativas, não importa o que você esteja fazendo; você está dedicando ao trabalho apenas a sua mente consciente, e o inconsciente, a parte oculta da sua mente, está ocupada com outras coisas nas quais há muito mais vitalidade, muito mais profundidade. Embora você enfrente o trabalho, o inconsciente toma iniciativas e funciona.

Bem, se você observar, o que realmente acontece na sua vida diária? Você está interessado, digamos, em descobrir Deus, em ter paz. Esse é o seu real interesse, com o qual a sua consciência, bem como o seu inconsciente, está ocupada — em encontrar felicidade, em encontrar realidade, em viver corretamente, de forma bonita e clara. Mas você precisa ganhar a vida, pois não existe essa coisa de viver isolado — tudo o que existe tem alguma forma de relacionamento. Assim, estando interessado em paz, e uma vez que seu trabalho na vida diária interfere com isso, você resiste ao trabalho. Você diz: "Eu gostaria de ter mais tempo para meditar, para pensar, para praticar o violino", ou o que quer que seja. Ao fazer isso, quando você resiste ao trabalho que precisa fazer, essa resistência é um desperdício de energia, o que aborrece a mente. Mas todos nós fazemos uma série de coisas que precisam ser feitas — escrever cartas, falar, limpar o esterco do gado ou o que quer que seja — e por esse motivo não resistimos e dizemos: "Preciso fazer este trabalho." Então, se você compreende isso, você o fará de boa vontade e sem aborrecimento. Se não houver resistência, no momento em que o trabalho

estiver terminado, você descobrirá que a mente está em paz; uma vez que o inconsciente e as camadas mais profundas da mente estão interessadas na paz, você descobrirá que a paz começa a surgir. Sendo assim, não há diferença entre a ação, que pode ser rotineira, que pode ser desinteressante, e a sua busca de realidade; elas são compatíveis quando a mente deixa de resistir, quando a mente deixa de ser entorpecida pela resistência. É a resistência que cria a diferença entre paz e ação. A resistência baseia-se numa idéia, e a resistência não pode produzir ação. Apenas a ação liberta, e não a resistência ao trabalho.

Assim sendo, é importante compreender que a mente se embota devido à resistência, à reprovação, à fuga e à censura. A mente não se embota quando não há resistência; quando não há censura ou reprovação, ela permanece ativa, viva. Resistência é isolamento, e a mente do homem que vive continuamente a se isolar, seja de forma consciente ou inconsciente, torna-se embotada devido a essa resistência.

Ojai, 14 de Agosto de 1955

Questionador: O senhor afirma que a mente ocupada não pode receber Deus ou a verdade. Mas, como posso ganhar a vida, a menos que esteja ocupado com o meu trabalho? O senhor mesmo não está ocupado com estas palestras como o seu meio de ganhar a vida?

Krishnamurti: Que Deus não permita que eu fique ocupado com as minhas palestras! Eu não estou ocupado com elas. E este não é o meu meio de vida. Se eu estivesse ocupado com elas, não haveria intervalos entre os pensamentos, não haveria aquele silêncio, que é essencial para que se veja algo de novo. Falar, então, tornar-se-ia uma grande monotonia. Não quero me aborrecer com as minhas palestras; é por isso que eu não falo de memória. Trata-se de algo totalmente diferente. Não importa, veremos isso oportunamente.

O questionador indaga como ele pode ganhar a vida se não se ocupar com o seu trabalho. Você se ocupa com o seu trabalho? Por favor, ouça isto. Se você está ocupado com seu trabalho, então você não ama o seu trabalho. Compreende a diferença? Se eu gosto do que estou fazendo, não estou ocupado com isso, meu trabalho não é algo à parte de mim. Mas somos treinados neste país, e infelizmente isso está se tornando hábito no mundo todo, a adquirir habilidades em trabalhos de que não gostamos. Pode haver uns poucos cientistas, uns poucos técnicos especializados, uns poucos engenheiros que realmente gostam daquilo que fazem no sentido pleno da palavra, tal como vou explicar mais tarde. Mas a maioria de nós não gosta do que faz, eis por que continuamos ocupados com a nossa vida. Acredito que existe uma diferença entre as duas situações.

Examinemos melhor essa questão: como posso gostar do que estou fazendo se o tempo todo sou movido pela ambição, e tento através de meu trabalho atingir um objetivo, tornar-me alguém, alcançar sucesso? O artista preocupado com o seu nome, com a sua grandeza, com as comparações, com a satisfação da sua ambição deixou de ser artista; ele é meramente um técnico como qualquer outro. Isso significa, na verdade, que para gostar de alguma coisa é preciso que deixe de existir qualquer ambição, qualquer desejo de reconhecimento pela sociedade — a qual, aliás, é sempre podre. (Risos.) Senhores, por favor, não. E não somos treinados para isso, não somos educados para isso; precisamos nos encaixar em alguma trilha que a sociedade ou a família nos preparou. Porque meus antepassados foram médicos, advogados ou engenheiros, eu tenho de ser um médico, advogado ou engenheiro. E atualmente é preciso que haja sempre mais engenheiros, porque é isso que a sociedade exige. Assim, perdemos o amor pela coisa em si — se é que um dia o tivemos, o que eu duvido. Quando você gosta de algo, não fica ocupado com isso. A mente não está sendo conivente para que se alcance determinada meta, ou para que se tente ser melhor do que alguém; qualquer comparação, competição, todo desejo de sucesso e de satisfação cessa totalmente. Só a mente ambiciosa permanece ocupada.

Da mesma forma, a mente ocupada com Deus, com a verdade, jamais poderá encontrá-los, porque aquilo com que a mente se ocupa já é conhecido. Se você já conhece o imensurável, o que você sabe é resultado do passado; portanto, não é o imensurável. A realidade não pode ser medida; portanto, não há como se ocupar com ela. Existe apenas uma quietude da mente, um vazio no qual não existe movimento, e apenas então o desconhecido pode tornar-se realidade.

De Comentários Sobre a Vida, Primeira Série, *Capítulo 88*

Trabalho

Arredio e com inclinação ao cinismo, ele era uma espécie de ministro do governo. Ele fora trazido por um amigo, ou seria mais preciso dizer, fora arrastado, e parecia surpreso por se ver ali. O amigo queria discutir algum assunto e, evidentemente, acreditava que o outro poderia muito bem acompanhá-lo e ouvir o seu problema. O ministro mostrava-se curioso e algo superior. Ele era um homem grande, de olhar agudo e palavra fácil. Ele já estava com a vida feita e, agora, dispunha-se a se acomodar. Viajar é uma coisa, chegar é outra. Viajar é um constante chegar, e a chegada que não pressupõe nova viagem é a morte. Como nos satisfazemos facilmente e o descontentamento encontra rapidamente o contentamento! Todos queremos algum tipo de refúgio, um porto seguro que nos abrigue de todos os conflitos, e em geral nós o encontramos. O sábio, assim como o tolo, encontra o seu porto seguro e fica alerta no seu interior.

"Venho tentando compreender o meu problema há vários anos, mas jamais fui capaz de ir até o fundo dele. No meu trabalho, tenho sempre criado antagonismos à minha volta; de alguma forma, sempre surgiu inimizade entre todos aqueles que tentei ajudar. Ao ajudar alguns, eu semeio a oposição em outros. Com uma mão eu dou e com a outra parece que eu firo. Isso vem acontecendo há anos, mais até do que possa recordar, e agora surgiu uma situação na qual preciso

agir de forma decisiva. Na verdade, não quero magoar ninguém, e sinto-me perdido quanto ao que fazer."

O que é mais importante: não machucar, não criar inimizades ou realizar algum tipo de trabalho?

"Durante o meu trabalho eu machuco as pessoas. Sou um daqueles que mergulham no trabalho; se me meto em alguma coisa, quero ir até o fim. Sempre fui assim. Penso que sou razoavelmente eficiente e odeio ver ineficiência. Afinal de contas, se nos propomos a realizar determinado tipo de trabalho social, precisamos ir até o fim, e aqueles que são ineficientes ou preguiçosos naturalmente se sentem ofendidos e se tornam inimigos. O trabalho de dar ajuda aos outros é importante, e ao ajudar os necessitados eu machuco aqueles que se colocam no caminho. Mas eu realmente não quero magoar as pessoas, e comecei a perceber que preciso fazer algo a respeito."

O que é importante para você: trabalhar ou não machucar as pessoas?

"Quando vemos tanta desgraça e mergulhamos no trabalho de reformas, ao longo desse trabalho magoamos determinadas pessoas, embora de maneira não intencional."

Ao salvar um grupo de pessoas, outras são destruídas. Um país sobrevive às custas de outro. As pessoas chamadas religiosas, em sua ânsia de reformas, salvam alguns e destroem outros; eles trazem bênçãos e também maldições. Parecemos sempre ser gentis com alguns e brutais com outros. Por quê? O que é importante para você? Trabalhar ou não magoar as pessoas?

"Afinal, é preciso magoar certas pessoas, os desleixados, os ineficientes, os egoístas, parece inevitável. O senhor não magoa as pessoas com as suas palestras? Conheço um homem muito rico que se sentiu muito magoado pelo que o senhor disse a respeito da riqueza."

Eu não quero magoar ninguém. Se algumas pessoas se magoam durante algum trabalho, então para mim esse trabalho deve ser colocado de lado. Não tenho trabalho nem esquemas para qualquer tipo de reforma ou revolução. Para mim primordial não é o trabalho, mas, sim, não magoar as pessoas. Se o homem rico se sentiu magoado pelo que foi dito, ele não foi magoado por mim, mas sim pela verdade do que é, que ele detesta; ele não quer ser exposto. Não é minha

intenção comprometer ninguém. Se um homem fica temporariamente comprometido pela verdade do que é e sente raiva do que vê, ele põe a culpa nos outros; mas isso é apenas uma fuga. É tolice ficar zangado com o fato. Evitar um fato pela raiva é uma das reações mais comuns e insensatas.

Mas o senhor não respondeu à minha pergunta. O que é importante para o senhor: trabalhar ou não magoar as pessoas?

"O trabalho precisa ser feito, o senhor não acha?", perguntou o ministro.

Por que precisa ser feito? No afã de beneficiar alguns, você magoa ou destrói outros. Qual o valor disso? Você pode salvar o seu país em particular, mas explora ou mutila o outro. Por que você está tão preocupado com o seu país, com o seu partido, com a sua ideologia? Por que você está tão identificado com o seu trabalho? Por que o trabalho significa tanto?

"Precisamos trabalhar, ser ativos; caso contrário, seria o mesmo que estar mortos. Se a casa está pegando fogo, não é momento para estarmos nos preocupando com questões fundamentais."

Para aqueles que são apenas ativos, os temas fundamentais nunca são seus assuntos; eles apenas se preocupam com atividade, que traz benefícios superficiais e danos profundos. Mas, se me permite a pergunta, por que é tão importante para você um certo tipo de trabalho? Por que você está tão ligado a ele?

"Oh, eu não sei, mas isso me dá uma grande dose de felicidade."

Então você não está interessado no trabalho propriamente dito, mas naquilo que você extrai dele. Pode ser que você não faça dinheiro com ele, mas consegue muita felicidade com ele. Da mesma forma como um outro pode conseguir poder, posição e prestígio ao salvar o seu partido ou o seu país, você tira prazer do seu trabalho; assim como outro tira grande satisfação, que ele chama de bênção, ao servir o seu salvador, o seu guru, o seu Mestre, assim você está satisfeito com o que chama de trabalho altruísta. Na verdade, não é o país, o trabalho ou o salvador que é importante para você, mas o que você extrai disso. A sua felicidade é que é importante e o seu trabalho em particular lhe dá aquilo que você deseja. Você na verdade não está interessado nas pessoas que supostamente está ajudando; elas

são apenas um meio de atingir a sua felicidade. E, obviamente, os ineficientes, aqueles que se postam no seu caminho, são magoados; pois o que importa é o seu trabalho, e o trabalho representa a sua felicidade. Esse é o fato brutal; mas nós espertamente o ocultamos com palavras que soam bonito, tais como serviço, pátria, paz, Deus, e assim por diante.

Portanto, se me é permitido dizer, você realmente não se importa de magoar pessoas que impedem a eficiência do trabalho que lhe dá felicidade. Você encontra a felicidade em determinado trabalho, e esse trabalho, qualquer que seja ele, é você. Você está interessado em alcançar a felicidade, e o trabalho lhe oferece essa oportunidade; assim, o trabalho fica muito importante, e então, é claro, você se torna muito eficiente, impiedoso e dominador em nome daquilo que lhe dá felicidade. Por conseguinte, você não se importa de magoar as pessoas, de criar inimizades.

"Eu nunca pensei dessa forma antes, e tudo isso é absolutamente verdadeiro. Mas o que devo fazer a respeito?"

E não será importante também descobrir por que você levou tantos anos para perceber um fato tão simples como este?

"Eu suponho, tal como diz, que jamais me preocupei em saber se magoava ou não as pessoas, contanto que seguisse o meu caminho. Em geral, eu sigo o meu caminho, porque sempre fui muito eficiente e direto — o que você chamaria de impiedoso, no que está perfeitamente certo. Mas o que devo fazer agora?"

Você levou todos estes anos para perceber esse simples fato porque até agora você não teve vontade de fazê-lo; pois, ao percebê-lo, você está atacando as verdadeiras bases do seu ser. Você buscou felicidade e a encontrou, mas ela sempre trouxe consigo o conflito e o antagonismo; e agora, talvez pela primeira vez, você está enfrentando fatos sobre você mesmo. O que você irá fazer? Não haverá uma forma diferente de abordar o trabalho? Não será possível ser feliz e trabalhar, a não ser através da fórmula de buscar a felicidade no trabalho? Quando nos valemos do trabalho ou das pessoas como meio para atingir determinado fim, então, obviamente, nós não temos nenhum relacionamento ou comunhão, nem com o trabalho nem com as pessoas; e então somos incapazes de amar. O amor não é um meio

para se atingir um determinado fim; ele é a sua própria eternidade. Quando eu uso você e você me usa, o que em geral chamamos de relacionamento, somos importantes um para o outro apenas como um meio para atingir algo mais; portanto, não somos importantes um para o outro, em absoluto. A partir desse uso recíproco, surgem inevitavelmente o conflito e o antagonismo. Então, o que deve você fazer? Vamos descobrir juntos o que fazer, e não buscar uma resposta vinda de outro. Se você puder buscá-la, ao descobri-la você a estará vivenciando; então ela será real e não apenas uma confirmação ou conclusão, uma simples resposta verbal.

"Qual é, então, o meu problema?"

Talvez possamos fazer essa pergunta de outro modo: espontaneamente, qual é a sua primeira reação a esta pergunta: O trabalho vem primeiro? Se não vem, o que é que vem primeiro?

"Estou começando a perceber aonde você quer chegar. Minha primeira reação é um choque; fico realmente consternado ao perceber o que venho fazendo no meu trabalho nestes anos todos. Esta é a primeira vez que verifico isso, como você diz, e posso garantir que não é muito agradável. Se eu puder ir além disso, talvez eu possa perceber o que é importante, e então o trabalho prosseguirá naturalmente. Mas se o trabalho ou alguma coisa vem antes, isso ainda não está claro para mim."

Por que não está claro? A clareza é uma questão de tempo ou de vontade de ver? O desejo de não ver desaparecerá por si só com o correr do tempo? Ou não se dará o caso de que a sua falta de clareza se deve ao simples fato de que você não quer ser claro porque isso atrapalharia todo o padrão da sua vida diária? Se você está consciente de que está postergando deliberadamente, isso significa que você já tem essa clareza. Não é verdade? É essa evitação que produz confusão.

"Tudo está ficando bastante claro para mim agora, e é irrelevante o que vou fazer ou não. Eu farei provavelmente aquilo que venho fazendo, mas com um espírito bem diferente. Veremos."

De A Primeira e a Última Liberdade, *Capítulo 3*

O Indivíduo e a Sociedade

A mente que deseja compreender um problema deve não apenas se limitar a compreendê-lo completamente, integralmente, mas também deve ser capaz de segui-lo com presteza, pois o problema nunca é estático. O problema é sempre novo, seja ele um problema de fome, um problema psicológico, ou qualquer outro tipo de problema. Qualquer crise é sempre nova; portanto, para compreendê-la, a mente precisa estar sempre fresca, clara, suave em sua busca. Acredito que a maioria de nós reconhece a urgência de uma revolução interior, única maneira de conseguir uma mudança radical no que é exterior, na sociedade. Esse é o problema que preocupa a todos os que têm intenções sérias. Como produzir na sociedade uma mudança radical, fundamental, eis o nosso problema; e essa mudança do exterior não pode acontecer sem antes ter ocorrido uma revolução interior. Uma vez que a sociedade é sempre estática, qualquer ação, qualquer reforma efetuada sem essa revolução interior torna-se igualmente estática; assim, sem essa constante revolução interior não há esperança, porque, sem ela, a ação exterior se torna repetitiva, habitual. A ação do relacionamento entre você e um outro, entre você e eu, é a sociedade; e, enquanto não houver essa constante revolução interior, enquanto não houver uma transformação psicológica criativa, essa sociedade se torna estática, não tem qualidade geradora de vida. E, exatamente pelo fato de não existir essa revolução interior constante, a sociedade está se

tornando cada vez mais estática, cristalizada, e vem, portanto, se desagregando constantemente.

Qual o relacionamento que existe entre você e a miséria, entre você e a confusão, a que existe em você e ao seu redor? Certamente essa confusão, essa desgraça, não se criou a si própria. Você e eu a criamos; não foi uma sociedade capitalista ou comunista ou fascista, mas você e eu a criamos no nosso relacionamento um com o outro. O que você é interiormente tem sido projetado no exterior, no mundo; o que você é, o que você pensa e o que você sente, o que você faz na sua vida diária, tudo isso é projetado externamente, e isso constitui o mundo. Se somos desgraçados, confusos e caóticos no nosso interior, pela projeção, tudo isso vem a ser o mundo, a sociedade, porque o relacionamento entre você e eu, entre mim e um outro, é a sociedade — e se o nosso relacionamento é confuso, egocêntrico, estreito, limitado, racional, nós projetamos isso e trazemos o caos para o mundo.

O mundo é o que você é. Então o seu problema é problema do mundo. Certamente esse é um fato básico e simples, não é verdade? No nosso relacionamento comum ou com muitos, parece que esquecemos sempre esse ponto. Queremos produzir alterações através de um sistema ou através de uma revolução de idéias e valores baseada num sistema, esquecendo que somos você e eu que criamos a sociedade, que produzimos a confusão ou a ordem, dependendo da forma como vivemos. Sendo assim, é preciso começar pelo que está perto, ou seja, devemos nos preocupar com a nossa existência diária, com os nossos pensamentos, ações e sentimentos diários, que se revelam na maneira pela qual ganhamos a vida e no nosso relacionamento com as idéias e as crenças. Isso é a nossa existência diária, não é? Estamos preocupados em viver, em conseguir empregos, em ganhar dinheiro; estamos preocupados com o relacionamento com a nossa família ou com os nossos vizinhos; e estamos preocupados com idéias e com crenças.

Bem, se você examinar o seu trabalho, descobrirá que ele se baseia principalmente na inveja; que ele não é apenas um meio de ganhar a vida. A sociedade é construída de tal forma que se constitui num processo de conflito constante, de constante evolução; ela se

baseia na cobiça, na inveja — inveja do seu superior; o funcionário quer se tornar o gerente, o que demonstra que ele não está apenas preocupado em ganhar a vida ou com um meio de subsistência, mas também em conquistar posição e prestígio. Essa atitude naturalmente cria confusão na sociedade, nos relacionamentos, mas se você e eu estivéssemos preocupados exclusivamente com viver, descobriríamos as formas corretas de garanti-lo, formas não baseadas na inveja. A inveja é um dos fatores mais destrutivos dos relacionamentos, pois indica o desejo de poder, de posição, e acaba por levar à política; ambas estão intimamente relacionadas. O funcionário, na sua tentativa de se tornar o gerente, acaba por se tornar um agente criador da política de poder que produz guerra; sendo assim, indiretamente ele é responsável pela guerra.

❖

Por que a sociedade estará entrando em colapso, desmoronando, como é certamente o que está ocorrendo? Uma das razões fundamentais é que o indivíduo — você — deixou de ser criativo. Deixe-me explicar o que quero dizer. Você e eu nos tornamos imitadores, estamos copiando, interior e exteriormente. Exteriormente, quando aprendemos uma técnica, quando nos comunicamos uns com os outros em nível verbal, naturalmente tem que haver certo grau de imitação ou de cópia. Eu copio palavras. Para se tornar um engenheiro, preciso inicialmente aprender as técnicas e, a seguir, usar a técnica para construir uma ponte. Deve haver certa dose de imitação e de cópia nas técnicas exteriores, mas quando existe imitação interior, psicológica, certamente deixamos de ser criativos. Nossa educação, nossa estrutura social, nossa chamada vida religiosa, todas elas se baseiam na imitação; ou seja, eu me encaixo em determinada fórmula social ou religiosa. Deixei de ser um indivíduo real; psicologicamente, tornei-me uma mera máquina repetidora, com certas respostas condicionadas, sejam elas budistas, cristãs, hindus, alemãs ou inglesas. Nossas respostas são condicionadas de acordo com o padrão da sociedade, seja ela oriental, religiosa ou materialista. Assim, uma das causas funda-

mentais da desintegração da sociedade é a imitação, e um dos agentes desintegradores é o líder, cuja verdadeira essência é a imitação.

Para que possamos compreender a natureza da sociedade em desintegração, não será importante indagar se eu e você, se o indivíduo, pode ser criativo? Podemos perceber que quando existe imitação existe desintegração, quando existe autoridade existe a cópia. E já que toda a nossa constituição mental e psicológica se baseia na autoridade, para que possamos nos tornar criativos é preciso que nos libertemos da autoridade. Não terão vocês notado que nos momentos de maior criatividade, naqueles momentos realmente felizes de interesse vital, não existe o senso de repetição e não sentimos que estamos copiando? Esses momentos são sempre novos, diferentes, criativos e felizes. Vemos, assim, que uma das causas fundamentais da desintegração da sociedade é a cópia, e a adoração da autoridade é isso.

Bombaim, 24 de Fevereiro de 1957

Questionador: Sou um estudante. Antes de ter ouvido falar do senhor eu estudava com afinco e me preparava para fazer carreira. Mas tudo agora me parece muito fútil e eu perdi completamente o interesse nos estudos e na carreira. O que o senhor diz parece muito atraente, mas impossível de atingir. Tudo isso me deixou muito confuso. O que devo fazer?

Krishnamurti: Senhor, eu o deixei confuso? Eu o fiz perceber que aquilo que está fazendo é fútil? Se eu fui a causa da sua confusão, então você não está confuso, pois quando eu me retirar você voltará à sua confusão anterior ou à sua clareza. Mas se este questionador fala sério, então o que na verdade ocorreu foi que, ao ouvir o que aqui foi dito ele despertou para suas próprias atividades; ele agora vê que o que está fazendo, ou seja, estudar para construir uma carreira para o futuro, é bastante vazio, sem muito significado. Então ele diz: "O que devo fazer?" Ele está confuso, mas não porque eu o deixei confuso e, sim, porque, ao ouvir o que foi dito, ele se deu conta da situação do mundo e da própria condição e relacionamento com o mundo. Ele se deu conta da futilidade, da inutilidade disso que se chama construir uma carreira para o futuro. Ele se deu conta disso; não fui eu quem o tornou consciente disso.

Acredito que isso é o que precisa ser verificado primeiramente: ao ouvir, ao observar, ao examinar suas próprias atividades, vocês fizeram essa descoberta por vocês mesmos; então, ela é de vocês, não minha. Se fosse minha, eu a levaria comigo ao partir. Mas isso é algo que não pode ser carregado por outro porque foi verificado

por você. Você se observou ao agir, observou a sua própria vida, e agora você percebe que construir uma carreira para o futuro é algo bastante fútil. Assim, confuso, você diz: "O que devo fazer?"

Na verdade, o que você deve fazer? Você deve prosseguir com seus estudos, não é verdade? Isso é óbvio, porque você precisa ter algum tipo de profissão, um meio adequado de ganhar a vida. Compreende? Por favor, ouçam isto. Você precisa ganhar a vida de forma apropriada. E o direito certamente não é um meio adequado, porque a lei mantém a sociedade tal como está, uma sociedade baseada no consumismo, na cobiça, na inveja, na autoridade e na exploração, e que portanto está em agitação dentro de si mesma. Assim, o direito não é profissão para quem está pensando seriamente nas questões religiosas; e ele não pode também tornar-se policial ou soldado. O soldado, evidentemente, tem como profissão matar, e nisso não há diferença entre defender e atacar. O soldado está preparado para matar, e a função do general é preparar a guerra.

Então, se essas três não são profissões adequadas, o que você vai fazer? Você precisa pensar no assunto, não é verdade? Você precisa descobrir por você mesmo o que você realmente quer fazer, e não seguir a orientação do seu pai, ou da sua avó, de algum professor ou de quem quer que seja que lhe diga o que fazer. E o que significa descobrir o que você realmente quer fazer? Significa descobrir o que você gosta de fazer, não é verdade? Quando você gosta do que está fazendo, você não tem ambição, nem cobiça, você não está em busca de fama, porque apenas o amor pelo que está fazendo é totalmente suficiente em si mesmo. Nesse amor não existe frustração porque você não está mais em busca de satisfação.

Mas, veja bem, tudo isso requer uma grande dose de pensamento, de investigação, de meditação, e infelizmente a pressão do mundo é muito grande — o mundo aqui representado pelos seus pais, pelos seus avós, pela sociedade que o cerca. Todos eles querem que você seja um homem de sucesso; eles querem que você se encaixe no padrão estabelecido, então eles o educam de forma a se amoldar. Mas toda a estrutura da sociedade baseia-se no consumismo, na inveja, na auto-afirmação impiedosa, na atividade agressiva de cada um de nós; e se você olhar e perceber por você mesmo, realmente

e não apenas em teoria, que uma sociedade assim deve inevitavelmente apodrecer a partir do seu interior, você então descobrirá a sua própria forma de agir fazendo aquilo que gosta de fazer. Isso pode causar um conflito com a sociedade atual — mas, por que não? Um homem religioso, ou o homem que busca a verdade, vive em revolta contra a sociedade fundada essencialmente no consumismo, na respeitabilidade e na busca ambiciosa do poder. Ele não está em conflito com a sociedade; a sociedade é que está em conflito com ele. A sociedade não pode jamais aceitá-lo. A sociedade pode apenas fazer dele um santo e adorá-lo — e, assim, destruí-lo.

Assim, o estudante que está ouvindo ficou confuso. Mas se ele não se livrar dessa confusão — fugindo para o cinema ou para um templo, lendo um livro ou se voltando para um guru — e verificar qual foi a origem dessa confusão, se ele encarar essa confusão e, ao fazê-lo, não se amoldar ao padrão da sociedade, então ele será um verdadeiro homem religioso. E esses homens religiosos são necessários, pois eles é que criarão um novo mundo.

De Comentários Sobre a Vida, Segunda Série, *Capítulo 31*

Qual a Verdadeira Função de um Professor?

Os banianos e os tamarindos dominavam o pequeno vale, que estava vivo e verdejante depois das chuvas. Ao contrário do descampado, onde o sol brilhava intensamente e queimava, na sombra havia um frescor agradável. As sombras eram enormes e as velhas árvores marcavam suas silhuetas contra o céu azul. Havia um surpreendente número de pássaros naquele vale, pássaros de inúmeras variedades, e eles pousavam naquelas árvores e desapareciam nelas. Provavelmente não haveria mais chuvas por vários meses, mas naquele momento o campo mostrava-se verdejante e pacífico, os poços estavam cheios e havia muita esperança na região. As cidades decadentes ficavam muito além das colinas, enquanto que nas proximidades havia lugarejos imundos cujos habitantes morriam de fome. O governo limitava-se a fazer promessas e os aldeões pareciam pouco se importar. Havia grande beleza e alegria em torno deles, mas eles não tinham olhos para isso nem para suas riquezas interiores. Em meio a tanta beleza, as pessoas viviam apáticas e vazias.

Ele era um professor que ganhava pouco e que tinha uma família numerosa, mas estava interessado na educação. Dizia ter grande dificuldade em conciliar as coisas, mas de alguma forma ele o conseguia, e a pobreza não era um fator que o atrapalhasse. Embora não houvesse alimento em abundância, eles tinham o bastante para comer, e como seus filhos podiam se educar sem precisar pagar na escola

onde ele lecionava, eles iam vivendo. Ele era muito eficiente na matéria que ensinava e podia também ensinar outras matérias, o que, segundo ele, qualquer professor inteligente poderia fazer. Ele novamente afirmava o seu grande interesse pela educação.

"Qual a função de um professor?", ele perguntou.

Será ele um mero divulgador de informações, um transmissor de conhecimento?

"Ele, no mínimo, precisa ser isso. Em qualquer sociedade, os meninos e meninas precisam estar preparados para ganhar a vida, para depender de suas capacidades, e assim por diante. Faz parte das funções de um professor fornecer conhecimentos ao estudante de forma que ele possa vir a ter um trabalho quando chegar a hora, e de forma que ele possa também, quem sabe, ajudar a estabelecer uma estrutura social melhor. O estudante precisa estar preparado para enfrentar a vida."

Isso é verdade, senhor, mas não estamos tentando descobrir qual a função de um professor? Será apenas preparar o estudante para uma carreira bem-sucedida? Não terá o professor uma significação maior e mais ampla?

"Certamente ele tem. Em primeiro lugar, ele pode ser um exemplo. Pelo seu modo de viver, pela sua conduta, pelas suas atitudes e aparência, ele pode influenciar e servir de inspiração para o estudante."

Será função do professor servir de exemplo para seus estudantes? Será que já não existem heróis e líderes em número suficiente, sem que seja necessário adicionar novos nomes a essa enorme lista? E será o exemplo o modo de educar? A função da educação não será ajudar o estudante a se tornar livre, a ser criativo? E haverá liberdade na imitação, na conformidade, seja ela interna ou externa? Quando o estudante é encorajado a seguir um exemplo, não estará sendo mantido o medo, numa forma sutil e profunda? Se o professor se torna um exemplo, não estará esse mesmo exemplo moldando e mudando o rumo da vida do estudante, e não estará então o professor encorajando o eterno conflito entre o que ele é e o que deveria ser? Não será a função do professor ajudar o estudante a descobrir o que ele é?

"Mas o professor deve guiar o estudante em direção a uma vida melhor e mais nobre."

Para guiar, você precisa saber. E você sabe? O que você sabe? Você sabe apenas aquilo que você aprendeu filtrado pela tela dos seus preconceitos, que representam o seu condicionamento como hindu, cristão ou comunista; e essa maneira de guiar leva apenas a uma desgraça maior, ao derramamento de sangue, como está sendo demonstrado no mundo todo. Não será a função de um professor ajudar o estudante a se livrar inteligentemente de todas essas influências condicionadoras, de forma que ele possa ser capaz de enfrentar a vida plena e profundamente, sem medo, sem descontentamento agressivo? A insatisfação é parte da inteligência, mas não a pacificação simples do descontentamento. A insatisfação da ganância é facilmente pacificada, pois ela segue o desgastado padrão da ação aquisitiva. E não será função do professor dissipar a ilusão gratificadora dos guias, dos exemplos e dos líderes?

"Então, ao menos, o professor pode inspirar o estudante a grandes feitos."

De novo, não estará o senhor abordando o problema de forma equivocada? Se você, como professor, incute o pensamento e o sentimento no estudante, não estará dessa forma tornando-o psicologicamente dependente de você? Quando você age como a sua inspiração, quando ele olha para você como olharia para um líder ou para um ideal, certamente ele está dependendo de você. E a dependência, não gera medo? E o medo, não danifica a inteligência?

"Mas se o professor não deve ser nem o inspirador nem o exemplo ou o guia, então, em nome dos deuses, qual é sua verdadeira função?"

A partir do momento em que você não é nenhuma dessas coisas, o que você é? Qual o seu relacionamento com o estudante? Você teve antes algum relacionamento com o estudante? Seu relacionamento com ele baseia-se numa idéia do que deve ser bom para ele, de que ele deve ser isto ou aquilo. Você era o professor e ele o aluno; você influía sobre ele, você o influenciava de acordo com seu condicionamento particular; consciente ou inconsciente, você o moldava de acordo com a sua própria imagem. Mas se você deixar de

agir sobre ele, então ele se torna importante por si mesmo, o que significa que você deve compreendê-lo, e não apenas exigir que ele o compreenda ou aos seus ideais, que são falsos, de qualquer maneira. Então você tem que lidar com o que é e não com o que deveria ser.

Certamente, quando o professor encara cada aluno como um indivíduo único, que portanto não deve ser comparado com nenhum outro, ele não está evidentemente preocupado com métodos ou sistemas. Sua única preocupação é "ajudar" o estudante a compreender as influências condicionadoras que estão à sua volta e no seu interior, de forma que ele possa encarar inteligentemente e sem medo o complexo processo de viver, e não acrescentar novos problemas à já enorme confusão existente.

"O senhor não está pedindo aos professores uma tarefa que está muito além de suas possibilidades?"

Se você for incapaz disso, então por que ser professor? Sua pergunta só tem sentido se o ofício de ensinar representa para você apenas uma carreira, um trabalho como outro qualquer, pois eu sinto que nada é impossível para o verdadeiro educador.

Varanasi, 12 de Janeiro de 1962

Questionador: Depois de um dia duro de trabalho, a mente da pessoa está cansada. O que se deve fazer?

Krishnamurti: A pergunta é: depois de um dia de trabalho, com tantas ocupações, a pessoa descobre que o pouco tempo de que dispõe está ocupado; a mente está cansada. O que se deve fazer?

Sabem, toda a nossa estrutura social está errada; a nossa educação é absurda; a nossa assim chamada educação limita-se a repetir, a decorar, a estudar para o exame. Como pode a mente que lutou o dia inteiro na qualidade de cientista, de especialista, ou do que quer que seja, que permaneceu assim ocupada por treze horas em uma coisa ou outra — como pode ela ter um lazer que seja proveitoso? Impossível. E poderia você, depois de viver quarenta ou cinqüenta anos como cientista ou burocrata, ou como médico, ou como seja lá o que for — não que eles não sejam necessários — ter dez anos em que sua mente não esteja condicionada, em que não seja incapaz? Assim, na realidade, a pergunta a ser feita é: será possível ir para o escritório, ser um engenheiro, ser um especialista em fertilizantes, ser um bom educador, e, ainda, o dia todo, a cada minuto, manter a mente surpreendentemente aguçada, sensível e viva? Esse, realmente, é o tema, e não ter uma certa tranqüilidade no final do dia. Vocês estão ligados à engenharia, a alguma especialização — não podem evitar, a sociedade assim o exige, e vocês precisam trabalhar. Será possível, enquanto vocês estão trabalhando, jamais ficarem aprisionados nas garras dessa monstruosidade chamada sociedade? Não posso responder por vocês. Eu afirmo que é possível, e não em teoria, mas verdadei-

ramente. É possível apenas quando não existe centro algum; eis por que eu estava falando disso. Pense num médico que é especialista de nariz e garganta e que vem trabalhando em sua profissão por cinqüenta anos. Qual é o seu céu? Sem dúvida, é a garganta e o nariz. Mas será possível ser um bom médico de nariz e garganta, e ainda viver, agir, observar, estar ciente de tudo por inteiro, de todo o processo do pensamento? Certamente é possível, mas isso requer uma energia extraordinária. E essa energia é gasta em conflitos, em tentativas. Essa energia é desperdiçada quando se é vaidoso, ambicioso, invejoso.

Pensamos na energia em termos de fazer algo, em termos da assim chamada idéia religiosa segundo a qual você precisa dispor de uma enorme energia, de maneira que possa atingir Deus e, portanto, você precisa permanecer solteiro, precisa fazer isto ou aquilo — você conhece todos os truques que as pessoas religiosas impõem sobre si mesmas, e assim terminam meio esfomeadas, vazias, aborrecidas. Deus não quer pessoas aborrecidas — pessoas insensíveis. Você só pode alcançar Deus na completa vitalidade tendo todas as suas partes vivas, vibrantes; mas, vocês sabem, a dificuldade é viver sem cair numa trilha, sem cair nos hábitos do pensamento, das idéias, da ação. Se você aplicar a mente, descobrirá que pode viver neste mundo feio — estou usando a palavra *feio* no seu sentido estrito, sem nenhum conteúdo emocional oculto — e trabalhar e agir, e ao mesmo tempo conservar a mente alerta, como um rio que se purifica o tempo todo.

De Comentários Sobre a Vida, Segunda Série, *Capítulo 17*

O que o Está Tornando tão Apático?

Ele tinha um emprego modesto, com um pequeno salário; veio com a mulher, que queria falar sobre o problema deles. Eles eram ambos bastante jovens, e, embora fossem casados já há alguns anos, não tinham filhos; mas não era esse o problema deles. Seus rendimentos mal davam para sustentar uma vida nestes tempos difíceis, mas como não tinham filhos, era suficiente para sobreviver. O que o futuro lhes reservava nenhum homem podia saber, embora dificilmente pudesse ser pior do que o presente. Ele não era muito dado a falar, mas a mulher fazia ver a ele que isso era preciso. Ao que tudo indicava, ela o havia trazido à força, pois ele chegara bastante relutante; mas ele estava ali e ela parecia feliz. Ele disse que não sabia falar com facilidade, pois nunca havia falado com ninguém sobre ele mesmo, a não ser com a mulher. Tinha poucos amigos e, mesmo com estes, jamais abria o coração, pois eles não o compreenderiam. À medida que falava, ele aos poucos foi se tornando mais comunicativo, e sua mulher ouvia com ansiedade. Ele explicou que o trabalho não era o problema; era razoavelmente interessante e, de qualquer forma, garantia-lhes o alimento. Eles eram bastante simples, sem afetação, e ambos haviam sido educados numa das nossas universidades.

Por fim, ela começou a explicar o problema deles. Ela disse que há pouco mais de dois anos o marido perdera o interesse pela vida. Ele fazia seu trabalho no escritório, mas isso era tudo; saía para tra-

balhar pela manhã e voltava no final da tarde, e seus patrões não se queixavam dele.

"Meu trabalho é muito rotineiro e não requer muita atenção. Eu me interesso pelo que faço mas, de certa forma, tudo requer muito esforço. Minha dificuldade não é no escritório ou com as pessoas com as quais trabalho, é comigo mesmo. Como disse a minha mulher, eu perdi o interesse pela vida e não sei exatamente o que se passa comigo."

"Ele sempre foi uma pessoa entusiasmada, sensível e muito afetuosa, mas há um ano e pouco ele se tornou apático e indiferente a tudo. Ele costumava ser muito carinhoso comigo, mas agora a vida se tornou muito triste para nós dois. Ele não parece se importar se eu estou por perto ou não, e tornou-se penoso viver na mesma casa. Ela não é ríspido nem nada desse tipo; simplesmente ficou apático e muito indiferente."

Não será porque vocês não têm filhos?

"Não se trata disso", disse ele. "Nosso relacionamento físico é razoavelmente satisfatório. Nenhum casamento é perfeito, e nós temos nossos altos e baixos, mas não creio que essa minha apatia seja resultado de algum desajuste sexual. Embora minha mulher e eu já há algum tempo não tenhamos vivido juntos sexualmente devido a essa minha apatia, eu não creio que tenha sido a falta de filhos que causou isto."

Por que você diz isso?

"Antes que essa apatia tivesse tomado conta de mim, minha mulher e eu descobrimos que não poderíamos ter filhos. Isso nunca me importou, embora ela muitas vezes chore por causa disso. Ela quer filhos, mas aparentemente um de nós é incapaz de reproduzir. Sugeri diversas alternativas que poderiam tornar possível que ela tivesse um filho, mas ela se recusa a tentar qualquer delas. Ela quer ter um filho comigo ou não ter nenhum; e está profundamente preocupada com isso. Afinal, sem o fruto a árvore é meramente decorativa. Nós ficamos acordados até tarde falando sobre tudo isso, mas aí está. Reconheço que não se pode ter tudo na vida, e não é a falta de filhos que provocou esta apatia; ao menos eu estou bastante certo disso."

Será devido à tristeza de sua mulher, ao sentimento de frustração dela?

"Veja, senhor, meu marido e eu já discutimos muito esse problema. Estou muito mais do que simplesmente triste por não ter filhos, e peço a Deus que um dia eu possa vir a ter um. Meu marido quer que eu seja feliz, é claro, mas sua apatia não se deve à minha tristeza. Se tivéssemos um filho agora, eu ficaria infinitamente feliz, mas para ele isso seria apenas uma distração, e acredito que seja assim com a maioria dos homens. Essa apatia vem germinando nele nos últimos dois anos como um tipo de doença interior. Ele costumava falar comigo sobre tudo, sobre os pássaros, sobre seu trabalho no escritório, sobre suas ambições, sobre seu cuidado e amor por mim; ele costumava abrir seu coração comigo. Mas agora seu coração está fechado e sua mente parece estar muito distante. Já conversei com ele, mas não adiantou."

Vocês já experimentaram se separar por algum tempo para ver o que acontecia?

"Já. Fui morar com minha família por seis meses mais ou menos, e escrevíamos um para o outro; mas essa separação não fez nenhuma diferença. Se teve algum resultado foi o de piorar tudo. Ele cozinhava a sua própria comida, saía muito pouco, afastou-se dos amigos e ficava cada vez mais recolhido em si mesmo. Na verdade, ele nunca foi muito sociável. Mesmo depois dessa separação ele não demonstrou nenhuma centelha de animação."

Você acredita que essa apatia seja um máscara, uma pose, a fuga de algum desejo íntimo não satisfeito?

"Acho que não compreendi bem o que o senhor está dizendo."

Talvez você tenha um grande desejo de algo que precise ser atendido, e como esse desejo não é satisfeito, talvez você esteja fugindo da dor tornando-se apático.

"Eu nunca pensei sobre isso; isso nunca me ocorreu antes. Como posso descobrir?"

Por que será que nunca lhe ocorreu? Alguma vez você já se perguntou sobre o porquê de ter se tornado apático? Você não quer saber?

"É estranho, mas eu jamais me perguntei a causa desta estúpida apatia. Eu nunca me fiz essa pergunta."

Agora que você está fazendo a si mesmo essa pergunta, qual é sua resposta?

"Eu não acredito que tenha alguma. Mas eu estou realmente chocado por perceber como me tornei apático. Eu nunca gostei disso. Estou horrorizado com o meu próprio estado."

Afinal, é bom saber em que estado realmente a gente se encontra. Pelo menos é um começo. Você nunca se perguntou antes o que o tornou tão apático, tão letárgico; você simplesmente aceitou e foi adiante, não é verdade? Você quer descobrir o que o fez assim ou já se resignou a essa situação?

"Tenho medo de que ele tenha simplesmente aceitado isso sem lutar."

Você quer superar esse estado, não quer? Você quer falar sem a presença da sua mulher?

"Oh, não! Não existe nada que eu não possa falar na frente dela. Eu sei que não é a falta ou o excesso de relacionamento sexual que causou em mim este estado, nem existe outra mulher. Eu não poderia procurar outra mulher. E não é a falta de filhos."

Você pinta ou escreve?

"Eu sempre quis escrever, mas nunca pintei. Nos meus passeios costumava ter algumas idéias, mas agora até isso se foi."

Por que você não tenta pôr alguma coisa no papel? Não importa quão estúpido possa parecer; você não precisa mostrar a ninguém. Por que não tenta escrever algo? Mas, vamos voltar. Você quer mesmo saber o que causou essa apatia ou prefere continuar como está?

"Eu gostaria de ir para algum lugar distante, sozinho, renunciar a tudo e encontrar alguma felicidade."

Isso é o que você quer fazer? Então, por que não o faz? Está hesitando por causa da sua mulher?

"Eu não sou bom para a minha mulher do jeito que estou; não passo de um fracasso."

Você acredita que vai encontrar a felicidade retirando-se da vida, isolando-se? Será que você não se isolou já o suficiente? Renunciar para descobrir não é renúncia alguma; é apenas uma barganha esperta,

uma troca, um movimento calculado para alcançar algo. Você abre mão de uma situação para alcançar uma outra. Renunciar tendo em vista determinado fim é apenas se render para conseguir um ganho maior. Mas você pode ser feliz através do isolamento, da separação? A vida não é parceria, contato, comunhão? Você pode se retirar de uma parceria para encontrar felicidade em outra, mas não pode evitar completamente todos os contatos. Mesmo em completo isolamento, você está em contato com os seus pensamentos, com você mesmo. O suicídio é a forma mais completa de isolamento.

"Evidentemente, eu não quero cometer suicídio. Eu quero viver, mas não quero continuar a ser como estou."

Você tem certeza de que não quer continuar como está? Veja, está bastante claro que existe algo que está causando essa apatia, e você quer fugir dela e se isolar ainda mais. Fugir do que está acontecendo é o mesmo que se isolar. Você quer se isolar, talvez temporariamente, ansiando por felicidade. Mas você já se isolou, e de maneira intensa; esse isolamento maior ainda, que você chama de renúncia, é apenas uma forma de se retirar da vida. E você poderá encontrar felicidade através de um isolamento cada vez maior? A natureza do eu é se isolar; sua verdadeira qualidade é a exclusividade. Ser exclusivo é renunciar pensando em ganhar. Quanto mais você evita as parcerias, maior o conflito, a resistência. Nada pode existir em isolamento. Não importa quão penoso seja o relacionamento, ele precisa ser intensa e pacientemente compreendido. O conflito provoca a apatia. As tentativas de se tornar algo apenas produzem problemas, conscientes ou inconscientes. Você não se torna apático sem uma causa, pois, como você diz, você era esperto e atento. Você não foi sempre apático. O que causou essa mudança?

"Parece que o senhor sabe; não quer lhe dizer, por favor?"

Eu poderia, mas que bem produziria isso? Ele aceitaria ou rejeitaria de acordo com seu estado de espírito e disposição; mas o importante é que ele mesmo descubra, não é verdade? Não será essencial que ele revele todo o processo e veja a verdade que há nele? A verdade é algo que não pode ser dita para o outro. Ele precisa estar apto a recebê-la, e ninguém pode prepará-lo para isso. Isso não é indiferença de minha parte; mas ele precisa enfrentar isso abertamente, livre e inesperadamente.

O que o está tornando apático? Será que não é necessário que você descubra por si mesmo? Conflito, resistência, produzem apatia. Acreditamos que, através da luta, iremos compreender que através da competição nos tornaremos brilhantes. A luta certamente produz agudeza, mas o que é agudo logo se torna rombudo; o que é usado constantemente logo se desgasta. Nós aceitamos o conflito como inevitável, e construímos a nossa estrutura de pensamento e ação sobre essa inevitabilidade. Mas será o conflito inevitável? Não haverá um modo de vida diferente? Sim, existe, se compreendermos o processo e a significação do conflito.

Pergunto de novo: o que o tornou apático?

"Será que eu me fiz apático?"

E pode algo torná-lo apático a menos que você mesmo queira se tornar apático? Esse desejo pode ser consciente ou oculto. Por que você concordou em tornar-se apático? Haverá em você algum conflito de raízes profundas?

"Se existe, não tenho consciência alguma dele."

Mas não quer ter? Não quer compreendê-lo?

"Estou começando a perceber onde o senhor quer chegar", disse ela, "mas posso não estar em condições de dizer a meu marido a causa de sua apatia por não estar segura dela eu mesma."

Você pode ou não perceber a forma pela qual a apatia se instalou nele, mas estaria você ajudando se a apontasse verbalmente? Não será essencial que ele descubra por si mesmo? Por favor, veja a importância disso, e então não ficará impaciente ou ansiosa. Uma pessoa pode ajudar outra, mas apenas a própria pessoa pode empreender a jornada da descoberta. A vida não é fácil; é muito complexa, mas temos que abordá-la de uma maneira simples. Nós somos o problema; o problema não é o que chamamos vida. Só poderemos compreender o problema, que somos nós mesmos, se soubermos como abordá-lo. O importante é a abordagem e não o problema.

"Mas o que devemos fazer?"

Vocês devem ter ouvido tudo o que foi dito. Se ouviram, perceberão que apenas a verdade pode trazer a liberdade. Por favor, não se preocupem, deixem que a semente crie raiz.

Depois de algumas semanas os dois voltaram. Havia esperança em seus olhos e um sorriso em seus lábios.

De Esta Questão da Cultura, *Capítulo 17*

Não sei se nos seus passeios vocês puderam perceber uma comprida e estreita lagoa ao lado do rio. Alguns pescadores devem tê-la cavado, e ela não está ligada ao rio. O rio corre firmemente, largo e profundo, mas essa lagoa é carregada de escória, pois não está ligada à vida do rio, e não há peixes nela. É uma lagoa estagnada, enquanto o rio, profundo, cheio de vida e vitalidade, segue o seu curso celeremente.

Bem, não acreditam vocês que com os seres humanos ocorre algo parecido? Eles cavam pequenas lagoas para si mesmos, afastadas da suave corrente da vida, e nessa pequena lagoa eles entram em estagnação e morrem; e a essa estagnação, a essa decadência, damos o nome de existência. Ou seja, todos nós sonhamos com um estado de permanência; temos certos desejos de viver para sempre, queremos prazeres sem fim. Cavamos um pequeno buraco e nos entrincheiramos atrás dele com nossas famílias, com nossas ambições, com nossas culturas, nossos medos, nossos deuses, nossas diversas formas de adoração, e lá morremos, deixando a vida passar — esta vida que é impermanente, que muda constantemente, que é tão suave, que tem profundezas enormes e uma vitalidade e beleza extraordinárias.

Você já teve a oportunidade de perceber que, ao sentar-se calmamente nas margens de um rio, você ouve a sua canção — o burburinho da água, o som da correnteza que passa? Há sempre um senso de movimento, um extraordinário movimento em direção ao mais amplo e ao mais profundo. Mas na pequena lagoa não há movimento algum; sua água está estagnada. E se você observar, perce-

berá que é isso o que a maioria de nós deseja; pequenas lagoas estagnadas existindo à margem da vida. Afirmamos que nossa existência-lagoa é correta, e inventamos uma filosofia para justificá-la; desenvolvemos teorias sociais, políticas, econômicas e religiosas para lhe dar sustentação, e não queremos ser perturbados, pois, vejam, o que buscamos é um sentimento de permanência.

Sabem o que significa buscar a permanência? Significa querer que o prazeroso continue indefinidamente e o que não é prazeroso tenha logo fim. Queremos que nosso nome seja conhecido e prossiga através da família, através da propriedade. Queremos um sentimento de permanência nos nossos relacionamentos, nas nossas atividades, o que significa que buscamos uma vida duradoura e contínua na lagoa estagnada; não queremos mudanças verdadeiras, e para isso construímos uma sociedade que nos garante a permanência da propriedade, do nome e da fama.

Mas, vejam, a vida não é isso, em absoluto; a vida não é permanente. Assim como as folhas caem da árvore, tudo na vida é impermanente, nada dura para sempre; existe sempre a mudança e a morte. Já tiveram a oportunidade de ver a beleza de uma árvore desfolhada contra o céu? Todos os seus galhos estão bem delineados, e na sua nudez há um poema, há uma canção. Todas as folhas se foram e ela aguarda a chegada da primavera. E quando chega a primavera a árvore novamente é tomada pelo bailado das folhas que, na devida estação, caem e são levadas para longe; e essa é a ordem natural da vida.

❖

O fato é que a vida é como o rio: move-se incessantemente, sempre procurando, explorando, empurrando, encharcando suas margens, penetrando cada fenda com suas águas. Mas, vejam, a mente não permite que isso aconteça a ela. A mente percebe que é perigoso, arriscado viver em estado de impermanência, de insegurança; então ela constrói um muro em torno dela: o muro da tradição, da religião organizada, das teorias sociais e políticas. Família, nome, propriedade, as pequenas virtudes que cultivamos — tudo isso está dentro dos

muros, longe da vida. A vida é movimento, impermanência, e ela incessantemente tenta penetrar, romper esses muros, atrás dos quais se escondem a confusão e a desgraça. Os deuses dentro dos muros são falsos deuses, e seus escritos e filosofias não têm significado porque a vida está além deles.

❖

A mente que busca permanência logo entra em estagnação; tal qual a lagoa ao lado do rio, ela logo se enche de corrupção e decadência. Apenas a mente que não tem muros, que não tem apoio para os pés, barreiras, lugar de descanso, que se move completamente junto com a vida, empurrando sem cessar, explorando, explodindo — apenas essa mente pode ser feliz, eternamente nova, porque é criativa em si mesma.

Compreende o que eu estou falando? Você deveria compreender, porque tudo isso é parte da educação real e, quando você compreende isso, toda a sua vida se transformará e seu relacionamento com o mundo, com o seu vizinho, com a sua mulher ou marido, terá um significado completamente diferente. Então você não tentará se satisfazer com nada, vendo que a busca da satisfação apenas traz dor e desgraça. Eis por que vocês deveriam perguntar a seus professores acerca de tudo isso e discutir entre vocês. Se compreenderem isso, terão começado a perceber a extraordinária verdade do que é a vida, e nessa compreensão há grande beleza e amor, o florescimento da bondade. Mas as tentativas da mente que busca uma lagoa de segurança, de permanência, pode levar apenas à escuridão e à corrupção. Uma vez estabelecida na lagoa, essa mente tem medo de se aventurar fora dela, de explorar, de buscar; mas a verdade, Deus, a realidade ou o que quer que seja residem além da lagoa.

❖

Questionador: O que é o trabalho do homem?

Krishnamurti: O que você acredita que seja? Será estudar, passar nos exames, arranjar um trabalho e executá-lo pelo resto da sua vida?

Será ir ao templo, juntar-se a grupos, lançar diversas reformas? Será trabalho do homem matar animais para se alimentar? Será trabalho do homem construir uma ponte para que o trem possa cruzar, cavar poços numa terra árida, descobrir petróleo, escalar montanhas, conquistar a terra e os ares, escrever poemas, pintar, amar, odiar? Construir civilizações que virão abaixo em alguns séculos, promover guerras, criar Deus à sua imagem e semelhança, matar pessoas em nome da religião ou do Estado, falar da paz e da fraternidade enquanto usurpa o poder e é rude com os outros — isso é o que o homem vive fazendo à sua volta, não é verdade? E será esse o verdadeiro trabalho do homem?

Você pode ver que todo esse trabalho leva à destruição e à desgraça, ao caos e ao desespero. Grandes luxos existem lado a lado com extrema pobreza; doença e fome, ao lado de refrigeradores e aviões a jato. Tudo isso é trabalho do homem; e ao ver tudo isso não se limite a perguntar a si mesmo: "Será que isso é tudo? Não haverá algo mais que seja o verdadeiro trabalho do homem?" Se pudermos descobrir qual é o verdadeiro trabalho do homem, então aviões a jato, máquinas de lavar, pontes, casas, tudo terá um significado inteiramente diferente; mas, se não descobrirmos qual é o verdadeiro trabalho do homem, empenhar-se simplesmente em reformas ou em remodelar aquilo que o homem já fez não levará a nada.

Então, qual é o verdadeiro trabalho do homem? Certamente, o verdadeiro trabalho do homem é descobrir a verdade, Deus; é amar e não ser aprisionado pelas suas próprias atividades auto-enclausuradoras. Na própria descoberta do que é a verdade existe amor, e esse amor no relacionamento do homem com o homem criará uma civilização diferente, um mundo novo.

Bombaim, 28 de Março de 1948

Questionador: Quais são as bases do viver corretamente? Como posso descobrir se o meu modo de vida é correto, e como posso encontrar um modo de vida correto numa sociedade basicamente errada?

Krishnamurti: Numa sociedade basicamente errada, não pode haver meio de vida correto. O que vemos em todo o mundo nos dias de hoje? Qualquer que seja ele, o nosso modo de vida nos leva à guerra, à desgraça e à destruição gerais, o que é um fato evidente. O que quer que façamos, inevitavelmente conduz ao conflito, à decadência, à rispidez e à dor. Então, a atual sociedade está basicamente errada; ela se baseia — não é assim? — na inveja, no ódio, no desejo de poder, e uma sociedade desse tipo está fadada a criar meios errados de vida, tais como o soldado, o policial e o advogado. Pela sua própria natureza eles são agentes desintegradores da sociedade, e quanto mais advogados, quanto mais soldados ou policiais existirem, mais óbvia é a decadência da sociedade. Isto é o que está se passando pelo mundo todo: existem mais soldados, policiais e advogados e, naturalmente, os homens de negócio os acompanham. Tudo isso precisa ser mudado de maneira que se possa constituir uma sociedade justa — mas achamos que essa tarefa é impossível. Na verdade, não é, e somos eu e você que precisamos empreendê-la. Porque, no momento presente, qualquer modo de vida que adotemos cria desgraça para os outros ou então leva à mais completa destruição da humanidade, como podemos ver na nossa experiência diária. Como mudar isso? Isso só pode ser mudado quando eu e você deixarmos de buscar o poder, não formos invejosos, não estivermos tomados pelo ódio e pelo an-

tagonismo. Quando você, nos seus relacionamentos, introduzir essa transformação, então estará ajudando a criar uma nova sociedade, uma sociedade na qual existem pessoas que não são mantidas pela tradição, que não pedem nada para elas mesmas, que não estão buscando poder, porque interiormente elas são ricas, elas encontraram a realidade. Só o homem que busca a realidade pode criar uma nova sociedade; só o homem que ama pode produzir uma transformação no mundo.

Eu sei que essa não é uma resposta satisfatória para a pessoa que quer descobrir qual a forma de viver adequada na atual estrutura da sociedade. Vocês devem fazer o melhor possível na atual estrutura da sociedade — seja tornando-se fotógrafo, negociante, advogado, policial, ou o que quer que seja. Mas se o fizer, esteja consciente do que está fazendo; seja inteligente, esteja a par de tudo, plenamente consciente do que você está perpetuando; reconheça toda a estrutura da sociedade, com a sua corrupção, os seus ódios, a sua inveja; e se você não se render a essas coisas, então talvez você esteja apto a criar uma nova sociedade. Mas, no momento em que você pergunta o que é viver corretamente, todas essas questões surgem inevitavelmente, não é verdade? Você não está satisfeito com a sua forma de vida; você quer ser invejado, quer ter poder, quer ter mais luxo e conforto, posição e autoridade; portanto, você está inevitavelmente criando ou mantendo uma sociedade que trará a destruição ao homem, a você mesmo.

Se você enxergar com clareza o processo de destruição no seu próprio modo de vida, se você perceber que ele é o resultado da sua própria busca de viver, então obviamente você descobrirá a forma adequada de ganhar dinheiro. Mas antes disso você deve ver o retrato da sociedade tal qual ela é, se desintegrando, corrompida; e quando enxergar isso claramente, então a sua maneira de ganhar a vida se manifestará. Mas antes você tem de examinar o retrato, ver o mundo tal qual ele é, com suas divisões nacionais, com suas crueldades, ambições, ódios e controles. Então, à medida que você enxerga com mais clareza, você descobreque um modo de ganhar a vida adequado aparece — você não precisa procurá-lo. Mas a dificuldade com a maioria de nós é que temos inúmeras responsabilidades; pais, mães

estão esperando que ganhemos dinheiro e que os sustentemos. E, como é difícil arranjar um emprego na forma em que a sociedade se encontra atualmente, qualquer emprego é bem-vindo; então nos submetemos aos mecanismos da sociedade. Mas aqueles que não estão tão completamente compelidos, que não têm a necessidade imediata de um emprego e que, portanto, podem examinar bem o retrato, esses são os responsáveis. Mas, vejam, aqueles que não estão com preocupações imediatas de um emprego são tomados por algo diferente: eles estão preocupados com sua própria expansão, com seus luxos, com seu bem-estar e com seus divertimentos. Eles têm tempo, mas o estão dissipando. E aqueles que têm tempo são responsáveis pela mudança da sociedade; os que não são imediatamente pressionados pela necessidade de ganhar a vida deveriam realmente se ocupar com todo esse problema da existência, e não se ocupar com essa mera ação política e com essas atividades superficiais. Os que dispõem de tempo e do chamado lazer deveriam buscar a verdade, pois são eles que poderão produzir uma revolução no mundo, não aqueles cujo estômago está vazio. Mas, infelizmente, os que têm tempo não estão preocupados com o eterno. Eles estão ocupados em preencher o seu tempo. Portanto, também eles são causa da desgraça e da confusão que existem no mundo. Assim, aqueles de vocês que estão me ouvindo, aqueles de vocês que têm um pouco de tempo, deveriam pensar e considerar esse problema, e através de sua própria transformação produziriam uma revolução no mundo.

Bangalore, 15 de Agosto de 1948

Questionador: Posso continuar a ser um funcionário do governo se pretendo seguir os seus ensinamentos? A mesma pergunta poderia ser feita em relação a diversas profissões. Qual a solução correta para o problema do modo de viver?

Krishnamurti: Senhores, o que entendemos por meio de vida? É a satisfação das necessidades — alimento, vestuário e abrigo — não é verdade? A dificuldade do meio de vida só aparece quando usamos as coisas essenciais da vida, o alimento, a roupa e o abrigo, como meios de agressão psicológica. Ou seja, quando usamos as necessidades como forma de auto-engrandecimento, então surge o problema do modo de vida; nossa sociedade baseia-se, essencialmente, não em suprir as necessidades, mas no desenvolvimento psicológico, que usa o essencial como uma expansão psicológica da pessoa. É preciso pensar um pouco sobre isso. Obviamente, alimento, roupa e abrigo poderiam ser produzidos em abundância; existe conhecimento científico suficiente para atender a toda a demanda; mas a demanda pela guerra é maior, não apenas por parte dos fomentadores da guerra, mas por cada um de nós, porque cada um de nós é violento. Existe conhecimento científico suficiente para suprir o homem de todas as suas necessidades; isso já foi dito, e eles poderiam ser produzidos de forma que homem algum passasse necessidade. Por que isso não acontece? Porque ninguém se satisfaz com comida, roupa e abrigo. Todos querem algo mais, e, em outras palavras, o "mais" é poder. Mas seria animalesco satisfazer-se meramente com as necessidades. Nós só nos satisfaremos com as necessidades no seu verdadeiro sentido, que é

a liberdade em relação ao desejo de poder, quando tivermos descoberto o tesouro interior, que é invulnerável, que você chama de Deus, de verdade ou do que quer que seja. Se você puder encontrar essas riquezas invulneráveis dentro de você, então você estará feliz com pouco, e esse pouco pode ser conseguido.

Infelizmente, nós nos deixamos levar pelos valores dos sentidos. Os valores dos sentidos se tornaram mais importantes do que os valores reais. Afinal, toda a nossa estrutura social, a nossa civilização atual baseia-se essencialmente nos valores dos sentidos. Os valores dos sentidos não são valores dos sentidos apenas, mas valores do pensamento, porque o pensamento também é resultado dos sentidos; e quando o mecanismo do pensamento, que é o intelecto, é cultivado, então ocorre em nós uma predominância do pensamento, que é também um valor dos sentidos. Enquanto estamos buscando valores dos sentidos, sejam eles do tato, do paladar, do cheiro, da percepção ou do pensamento, o exterior torna-se muito mais importante do que o interior; e a simples negação do exterior não é caminho para o interior. Você pode negar o exterior e se retirar do mundo indo se esconder numa floresta ou numa caverna, e lá ficar pensando em Deus; mas essa mesma negação do exterior, esse pensar em Deus ainda é dos sentidos, pois o pensamento é dos sentidos e qualquer valor baseado nos sentidos está fadado a criar confusão — o que está ocorrendo no mundo atualmente. Os valores dos sentidos estão dominando, e enquanto a estrutura social se apoiar nisso, os meios para o modo de viver se mantêm extremamente difíceis.

Então, qual o modo correto de viver? Essa pergunta só poderá ser respondida quando houver uma completa revolução na presente estrutura da sociedade, não de acordo com a fórmula da esquerda ou da direita, mas uma revolução completa dos valores que não se baseie nos sentidos. Mas, se aqueles que dispõem de lazer — como os mais idosos, que vivem de suas pensões, que passaram seus anos precedentes procurando Deus ou, então, diversas formas de destruição — realmente dedicassem seu tempo, sua energia para encontrar a solução correta, então eles agiriam como um meio, como um instrumento para produzir a revolução no mundo. Mas eles não se interessam. Eles querem segurança. Eles trabalharam muitos anos pensando na

aposentadoria, e eles gostariam de viver em conforto pelo resto de suas vidas. Eles têm tempo, mas são indiferentes. Eles apenas se preocupam com alguma abstração do tipo que eles chamam de Deus, e que não tem nenhuma relação com o real; mas sua abstração não é Deus, é uma forma de escape. E aqueles que preenchem suas vidas com incessante atividade são apanhados no caminho; eles não têm tempo de encontrar as respostas para os vários problemas da vida. Assim, os que estão preocupados com esses assuntos, com realizar uma grande transformação no mundo através da compreensão deles próprios, apenas neles existe a esperança.

Certamente podemos saber o que vem a ser uma profissão inadequada. Ser soldado, policial, advogado é seguramente uma profissão inadequada, pois vivem do conflito, da dissensão; e o grande homem de negócios, o capitalista, vive da exploração. O grande homem de negócios pode ser um indivíduo ou pode ser o Estado; se o Estado assume os negócios, ele não deixa de explorar você ou eu. E como a sociedade se apóia no exército, na polícia, no direito, no grande homem de negócios, ou seja, no princípio da dissensão, como podemos você ou eu, que queremos uma profissão decente, correta, sobreviver? Há um crescente desemprego, maiores exércitos, maiores contingentes policiais com seus serviços secretos, e os grandes negócios estão se tornando cada vez maiores, constituindo enormes empresas que às vezes são incorporadas pelo Estado — pois o Estado tornou-se uma grande empresa em determinados países. Dada esta situação de exploração, de uma sociedade construída com base na dissensão, como você poderá encontrar um meio correto de vida? É praticamente impossível, não é verdade? Ou você precisará ir embora e formar uma comunidade com algumas poucas pessoas — uma comunidade cooperativa auto-suficiente — ou simplesmente se render a esse grande mecanismo. Mas, percebam, a maioria de nós não está realmente interessada em encontrar um modo correto de viver. Muitos de nós se preocupam em conseguir um emprego e se agarrar a ele na esperança de evoluir com maiores e melhores salários. Como cada um de nós quer segurança, estabilidade, uma posição permanente, não ocorre uma revolução radical. Não são aqueles que se encontram satisfeitos consigo mesmos, realizados, mas apenas os aventureiros,

aqueles que querem fazer experiências com suas vidas, com a sua existência, que descobrem as coisas reais, uma nova forma de vida.

Assim, antes que possa haver uma forma correta de vida, os meios evidentemente falsos de ganhar a vida devem inicialmente ser vistos; o exército, o direito, a polícia, as grandes corporações de negócios que estão sugando as pessoas, que as estão explorando, seja sob o nome de Estado, de capital ou de religião. Quando você enxerga o falso e o expulsa, ocorre a transformação, ocorre a revolução; e apenas essa revolução pode criar uma nova sociedade. Procurar, como indivíduo, um meio correto de vida é bom, é excelente, mas não soluciona o grande problema. O grande problema só se resolverá quando você e eu não estivermos mais buscando segurança. Não existe isso de segurança. Quando você busca segurança, o que acontece? O que está acontecendo no mundo neste momento? A Europa inteira quer segurança, chora por ela, e o que está acontecendo? Eles querem segurança cultivando o seu nacionalismo. Afinal, você é um nacionalista porque quer segurança, e você acredita que através do nacionalismo você irá obter segurança. Já foi provado repetidas vezes que você não pode obter segurança através do nacionalismo, porque o nacionalismo é um processo de isolamento, um convite às guerras, às desgraças e à destruição. Assim, o viver bem em escala ampla deve começar com aqueles que compreendem o que é falso. Quando você está batalhando contra o que é falso você está criando o meio correto de vida. Quando você está batalhando contra toda a estrutura da dissensão, da exploração — seja pela esquerda ou pela direita, ou pela autoridade da religião e dos padres — essa é a profissão adequada no momento; porque isso irá criar uma nova sociedade, uma nova cultura. Mas, para lutar, você precisa enxergar com muita clareza a definição do que é falso, de forma que o falso possa ser colocado de lado. Para descobrir o que é falso, você precisa estar ciente dele; você precisa observar tudo o que estiver fazendo, pensando e sentindo; e, a partir disso, você não apenas descobrirá o que é falso, mas a partir disso surgirá uma nova vitalidade, uma nova energia, e essa energia irá ditar qual o tipo de trabalho que deve ser feito e qual não.

Poona, 17 de Outubro de 1948

Questionador: Ao falar sobre o modo correto de viver, o senhor disse que a profissão do militar, do advogado e do serviço do governo eram evidentemente meios de vida inadequados. O senhor não estará defendendo uma retirada da sociedade, e não será isso fugir dos conflitos sociais e dar força às injustiças e explorações que ocorrem à nossa volta?

Krishnamurti: Para transformar ou compreender algo você precisa inicialmente examinar do que se trata; só então haverá possibilidade de renovação, de regeneração, de transformação. Transformar o que existe simplesmente sem compreendê-lo é uma perda de tempo, é um retrocesso. Reformar sem compreender é retrocesso, porque nós não enfrentamos o que existe. Mas se principiarmos por compreender exatamente o que existe, então saberemos como agir. Você não pode agir sem antes observar, discutir e compreender o que existe. Precisamos examinar a sociedade tal como ela é, com suas fraquezas, seus pontos fracos, e para examiná-la precisamos compreender diretamente o nosso relacionamento com ela, sem interpor nenhuma explicação teórica ou intelectual.

Na sociedade tal como existe atualmente não há escolha entre um modo de vida correto e um errado. Você apanha o que puder, se tiver sorte bastante para fazê-lo. Assim, para o homem que precisa urgentemente de um emprego, não há problema; ele pega o que conseguir, pois ele precisa comer. Mas para aqueles de vocês que não estão diretamente pressionados, isso seria um problema, e é isso que estamos discutindo: qual o modo correto de vida numa sociedade

baseada nas diferenças de classe e no consumo, no nacionalismo, na cobiça, na violência e assim por diante. Dado isso, pode haver um meio de vida correto? Evidentemente, não. E existem profissões evidentemente inadequadas, meios errados de vida, tais como o exército, a advocacia, a polícia e o governo.

O exército não existe para a paz, mas para a guerra. A função do exército é criar a guerra, a função do general é fazer planos para a guerra. Se ele não o fizer, vocês se livrarão dele, não é verdade? Vocês o mandarão embora. A função do estado-maior é planejar e se preparar para futuras guerras, e um estado-maior que não se prepara para as futuras guerras é, obviamente, ineficiente. Portanto, o exército não é uma profissão de paz e, sendo assim, não é um meio de vida correto. Conheço as implicações, assim como vocês. Os exércitos existirão enquanto governos soberanos existirem com seu nacionalismo e suas fronteiras; e uma vez que vocês apóiam governos soberanos, vocês têm de apoiar o nacionalismo e a guerra. Portanto, enquanto você for um nacionalista, você não tem escolha quanto a um meio de vida correto.

O mesmo acontece com a polícia. A função da polícia é proteger e manter as coisas como estão. Ela se torna também instrumento de investigações, de inquisição, não apenas nas mãos de governos totalitários, mas nas mãos de qualquer governo. A função da polícia é andar por aí, investigar a vida das pessoas. Quanto mais revolucionário você se tornar, interna ou externamente, mais perigoso você se torna para o governo. Eis por que os governos, especialmente os governos totalitários, liquidam aqueles que estão interna ou externamente criando uma revolução. Assim, obviamente, a profissão da polícia não é uma profissão adequada para um bom meio de vida.

O mesmo acontece com o advogado. Ele vive da contenda: é essencial para o seu modo de vida que eu e você briguemos e discutamos. (Risos.) Vocês riem. Provavelmente muitos de vocês são advogados e esse riso indica uma mera resposta nervosa a um fato; e através da negação do fato vocês continuarão sendo advogados. Vocês podem dizer que são vítimas da sociedade, mas vocês se tornam vítimas porque aceitam a sociedade tal como ela é. Assim, o direito não é uma forma adequada de vida. Os meios corretos de

vida só podem existir quando não se aceita o atual estado das coisas; e, no momento em que você não aceita, você também não aceita o direito como profissão.

Da mesma forma, você não pode esperar encontrar o meio correto de vida nas grandes corporações de homens de negócios que estão acumulando fortuna, nem na rotina burocrática do governo com seus funcionários e sua burocracia. Os governos só estão interessados em manter tudo como está e, se você for um engenheiro do governo, estará contribuindo direta ou indiretamente para a guerra.

Enquanto você aceitar a sociedade tal como ela é, qualquer profissão, seja o exército, a polícia, o direito ou o governo, não será evidentemente um meio de vida correto. Vendo isso, o que deve fazer um homem sério? Deverá ele correr e ir se enterrar em algum vilarejo? Mas mesmo lá ele terá de viver de alguma forma. Ele pode viver de esmolas, mas o próprio alimento que lhe é dado vem indiretamente do advogado, do policial, do soldado, do governo. E ele não pode viver isolado porque, repito, isso é impossível; viver isolado é mentir, tanto psicológica quanto fisiologicamente. Assim, o que deve fazer essa pessoa? Tudo o que ela pode fazer, se for séria, se for inteligente e perceber todo o processo, é rejeitar o atual estado de coisas e dar à sociedade tudo aquilo de que é capaz. Ou seja, você aceita o alimento, a roupa e o abrigo da sociedade, mas precisa dar algo em troca. Enquanto você usar o exército, a polícia, a justiça, o governo como seu meio de vida, estará mantendo tudo como está, estará apoiando a dissensão, a inquisição e a guerra. Mas se você rejeitar o que vem da sociedade e aceitar apenas o que é essencial, precisa dar algo em troca. E é mais importante descobrir o que você está dando para a sociedade do que perguntar qual o meio de vida correto.

O que você está dando para a sociedade? O que é a sociedade? A sociedade é o relacionamento com um ou com muitos. É o seu relacionamento com um outro. O que você está dando para o outro? Você está dando algo para o outro no verdadeiro sentido da palavra, ou meramente recebendo o pagamento por alguma coisa? Enquanto você não descobrir o que está dando, tudo do que você obtiver da sociedade será um meio de vida errado. Esta não é uma resposta

muito clara; portanto você precisa ponderar, investigar toda a questão do seu relacionamento com a sociedade. Você pode retrucar me perguntando: "O que está o senhor dando para a sociedade para ser alimentado, ter roupas e abrigo?" Eu estou dando para a sociedade aquilo que estou falando hoje — o que não é meramente uma palestra que qualquer tolo pode fazer. Eu estou dando para a sociedade aquilo que para mim é verdade. Você pode rejeitá-lo e dizer: "Bobagem, isso não é verdade." Mas eu estou dando o que para mim é verdade, e eu estou muito mais preocupado com isso do que com o que a sociedade me dá. Senhor, quando o senhor não usa a sociedade ou o vizinho como um meio de auto-expansão, o senhor está plenamente satisfeito com o que a sociedade lhe dá na forma de alimento, de roupas e de abrigo. Portanto, o senhor não tem cobiça; e, não sendo cobiçoso, seu relacionamento com a sociedade é totalmente diferente. A partir do momento em que o senhor deixa de usar a sociedade como um meio para a sua auto-expansão, o senhor passa a rejeitar as coisas da sociedade, e portanto ocorre uma revolução no seu relacionamento. O senhor não depende do outro para as suas necessidades psicológicas — e só então o senhor poderá ter um meio de vida correto.

Você pode afirmar que essa é uma resposta muito complicada, mas não é. A vida não tem respostas simples. O homem que busca uma resposta simples para a vida obviamente tem a mente embotada, estúpida. A vida não tem conclusões, não tem padrões definidos; a vida é viver, alterar, mudar. Não existe resposta positiva e definitiva para a vida, mas nós podemos compreender todo o seu sentido e significado. Para compreender, precisamos de início perceber que estamos usando a vida como um meio de auto-expansão, como um meio de auto-satisfação; e porque estamos usando a vida como meio de auto-satisfação, criamos uma sociedade que é corrupta, que deve começar a se deteriorar no mesmo instante em que começa a existir. Assim, numa sociedade organizada existe, inerente a ela, a semente da decadência.

É muito importante para cada um de nós descobrir o tipo de seu relacionamento com a sociedade, seja ele baseado na cobiça — o que significa auto-expansão, auto-satisfação, o que implica poder, po-

sição e autoridade — ou se meramente se aceita da sociedade o que é essencial, como o alimento, as roupas e o abrigo. Se o seu relacionamento está ligado à necessidade e não à cobiça, então você encontrará o meio correto de vida onde quer que esteja, mesmo quando a sociedade é corrupta. Assim, como a sociedade atual está se desintegrando muito rapidamente, é preciso descobrir. E aqueles cujo relacionamento é apenas de necessidade criarão uma nova cultura; eles serão o núcleo de uma sociedade na qual as necessidades da vida são distribuídas igualmente e não são usadas como meio de auto-expansão. Enquanto a sociedade continuar sendo para você um meio de auto-expansão, haverá a ânsia de poder, e é o poder que cria uma sociedade de classes distintas, a alta e a baixa, os ricos e os pobres, o homem que tem e o que não tem, o letrado e iletrado, cada um lutando contra o outro, tudo baseado no consumismo e não na necessidade. Essa capacidade aquisitiva é que dá poder, posição e prestígio, e enquanto isso existir, seu relacionamento com a sociedade terá de ser um meio de vida inadequado. Só pode haver um meio de vida correto quando você olha para a sociedade apenas em termos das suas necessidades — e neste caso o seu relacionamento com a sociedade é bastante simples. Simplicidade não é o que há de "mais", nem significa vestir um tecido rústico e renunciar ao mundo. Limitar-se meramente a umas poucas coisas não significa simplicidade. A simplicidade da mente é essencial, e essa simplicidade da mente não pode existir se a mente é usada para a auto-expansão, a auto-satisfação, não importa que essa auto-satisfação se origine da busca de Deus, do conhecimento, do dinheiro, da propriedade ou da posição. A mente que está em busca de Deus não é uma mente simples, pois o seu Deus é sua própria projeção. O homem simples é o homem que enxerga exatamente o que ele é e compreende — ele não exige nada mais. Uma mente assim está satisfeita; ela compreende o que é — o que não significa aceitar a sociedade tal como ela é, com suas explorações, suas classes, suas guerras e assim por diante. Mas a mente que enxerga e compreende o que é, e que portanto age, uma mente assim tem poucas necessidades, é muito simples e silenciosa. E só a mente silenciosa pode receber o eterno.

Bombaim, 26 de Fevereiro de 1950

Questionador: Quanto mais ouvimos o que o senhor diz, mais temos a impressão de que o senhor está pregando um afastamento da vida. Sou funcionário do Secretariado. Tenho quatro filhos e ganho apenas 125 rupias por mês. Pode me explicar por favor o que posso fazer para enfrentar a sombria batalha pela existência na forma nova que está sugerindo? O senhor acredita realmente que a sua mensagem pode ter significado importante para os que morrem de fome e para os subdesenvolvidos que ganham salários miseráveis? O senhor já viveu no meio de gente assim?

Krishnamurti: Antes de mais nada, vamos abordar a questão de ter eu vivido ou não entre essas pessoas. Isso implica — não é verdade? — que para compreender a vida você precisa passar por todas as fases dela, por todas as experiências; você precisa viver entre os ricos e os pobres, precisa passar fome e experimentar todas as possíveis condições de existência. Mas, para apresentar o problema de forma sucinta, será preciso experimentar a embriaguez para conhecer a sobriedade? Será que uma experiência totalmente, plenamente compreendida não revela todo o processo da vida? Será preciso percorrer todas as fases da vida para compreender a vida? Por favor, percebam que este não é um modo de fugir da resposta — pelo contrário. Acreditamos que para atingir a sabedoria precisamos percorrer todas as fases da vida e da experiência, do rico ao pobre, do mendigo ao rei. É isso? Será a sabedoria o acúmulo de muitas experiências? Ou a sabedoria é encontrada na completa compreensão de uma única experiência? Porque jamais compreendemos completamente, plenamen-

te uma experiência; vagamos de experiência em experiência, esperando encontrar alguma salvação, algum refúgio, alguma felicidade. Fizemos da nossa vida um processo para acumular continuamente as experiências e, portanto, é uma luta sem fim, uma batalha interminável visando conseguir, adquirir. Certamente, este é um modo tedioso e bastante estúpido de ver a vida, não é verdade?

Não será possível reunir a plena significação de uma experiência e, assim, compreender toda a extensão e profundidade da vida? Eu afirmo que isso é possível e que esta é a única forma de compreender a vida. Qualquer que seja a experiência, qualquer que seja o desafio e a resposta à vida, se se pode compreendê-la plenamente, então a busca de cada experiência não tem sentido; ela se torna uma perda de tempo. Porque somos incapazes dessa compreensão plena, inventamos a idéia ilusória de que acumulando experiências chegaremos, por fim, Deus sabe aonde!

O questionador quer saber se eu prego um alheamento em relação à vida. O que entendemos por vida? Estou raciocinando em voz alta sobre esse problema: então vamos acompanhar juntos. O que entendemos por vida? A vida só é possível nos relacionamentos, não é verdade? Se não existem relacionamentos, não existe vida. Ser é estar relacionado; a vida é um processo de relacionamento, de estar em comunhão com o outro — com dois ou com dez — com a sociedade. A vida não é um processo de isolamento, de retirada. Mas, para a maioria de nós, viver é um processo de isolamento, não é verdade? Lutamos para nos isolar na ação, no relacionamento. Todas as nossas atividades são auto-enclausuradoras; elas restringem, isolam, e nesse processo ocorrem atritos, sofrimento e dor. Viver, relacionar-se, e nada pode existir isolado; portanto, não pode existir retirada da vida. Ao contrário, deve haver a compreensão do relacionamento — o seu relacionamento com a sua mulher, com os seus filhos, com a sociedade, com a natureza, com a beleza do dia, com a luz do sol brilhando sobre as águas, com o vôo do pássaro, com tudo aquilo que você tem e com os ideais que o controlam. Para compreender tudo isso, você não pode se afastar disso. A verdade não é encontrada no isolamento; ao contrário, no isolamento, seja ele consciente ou inconsciente, só existe escuridão e morte.

Assim, não estou propondo um afastamento da vida, uma supressão da vida. Ao contrário, só podemos compreender a vida no relacionamento. E é porque não compreendemos a vida que estamos o tempo todo fazendo tentativas de retirada, de nos isolar e, tendo criado uma sociedade baseada na violência e na corrupção, Deus se constitui no isolamento final.

A seguir, o questionador indaga como, ganhando tão pouco, ele poderá viver tudo aquilo de que estamos falando. Bem, antes de mais nada, ganhar a vida não é o problema do homem que ganha pouco, mas é também problema seu e meu, não é verdade? Você pode ter um pouco mais de dinheiro, você pode estar bem de vida, ter um emprego melhor, uma posição melhor, uma conta bancária melhor; mas ainda assim é problema meu e seu, porque esta sociedade é tudo aquilo que todos nós criamos. Enquanto nós três — você, eu e o outro — realmente compreendamos o relacionamento, não poderemos fazer uma revolução na sociedade. O homem que não tem alimentos no estômago evidentemente não pode encontrar a realidade; ele precisa antes se alimentar. Mas o homem cujo estômago está cheio, certamente tem a responsabilidade imediata de cuidar para que se faça uma revolução fundamental na sociedade, para que as coisas não prossigam como estão. Pensar e sentir esses problemas em toda a sua extensão é responsabilidade daqueles que dispõem de tempo, que têm lazer, e não daquele que ganha pouco e que precisa lutar para manter o orçamento, que não tem tempo e que vive desgastado nesta sociedade apodrecida e exploradora. Somos eu e você aqueles de nós que dispõem de mais tempo e lazer, que temos obrigação de encarar esses problemas em profundidade — o que não significa que devemos nos tornar debatedores profissionais, propondo um sistema em substituição a outro. O que você e eu, que dispomos de tempo, que dispomos de condições para pensar, temos de fazer é procurar a forma de atingir uma sociedade, uma nova cultura.

Bem, mas o que acontece com o pobre homem que ganha 125 rupias? Ele precisa cuidar da família, precisa aceitar as superstições da avó, das tias, dos sobrinhos e assim por diante; ele precisa se casar de acordo com determinado padrão; precisa ter rituais, cerimô-

nias, e se ajustar com toda essa tolice supersticiosa. Ele está aprisionado nela e, se se rebela, você, o homem respeitável, o sufoca.

Portanto, a questão do viver corretamente é problema meu e de vocês, não é verdade? Mas a maioria de nós não está nem um pouco preocupada com o problema de viver corretamente. Ficamos felizes e agradecidos pelo simples fato de ter um emprego, e assim mantemos uma sociedade e uma cultura que torna o viver corretamente algo impossível. Senhores, não tratem isso teoricamente. Se vocês se dedicam a uma profissão errada e fazem realmente algo a respeito, não percebem a revolução que isso produz na vida de vocês e na de todos os que estão à sua volta? Mas se vocês ouvem casualmente e continuam como antes, porque você tem um bom emprego e para você não há problemas, evidentemente vocês continuarão produzindo desgraça no mundo. Para o homem que tem pouco dinheiro existe um problema, mas ele, como o resto de nós, está preocupado apenas em ter mais. E quanto mais ele consegue, mais o problema continua, pois ele quer sempre mais.

O que é um modo de vida correto? Obviamente, existem certas profissões que são prejudiciais à sociedade. O exército é prejudicial à sociedade, pois ele planeja e encoraja assassinatos em nome do país. Porque vocês são nacionalistas, obedientes a governos soberanos, vocês precisam ter forças armadas que protejam suas propriedades; e a propriedade é muito mais importante para você do que a vida, do que a vida de seus filhos. Eis por que vocês fazem o recrutamento, eis por que suas escolas são encorajadas a manter o treinamento militar. Em nome do país vocês estão destruindo os seus filhos. O país é a personificação de vocês, é uma projeção de vocês, e quando vocês veneram o seu país vocês estão sacrificando o seu filho à veneração de vocês mesmos. É por isso que o exército, que é instrumento de um governo soberano e separado, é um meio de vida errado. Mas é fácil entrar para o exército, e isso se torna um modo garantido de ganhar um pouco de dinheiro. Examinem esse fato extraordinário da civilização moderna. Sem dúvida, o exército é uma maneira errada de ganhar a vida, porque ele se baseia na destruição planejada e calculada. Enquanto eu e você enxergarmos a verdade disso não poderemos produzir nenhum tipo diferente da sociedade.

Da mesma forma, você pode perceber que um emprego na força policial é um meio de vida inadequado. Não sorriam nem tratem isso com pouca importância. A polícia acaba sendo um meio de investigar a vida de cada um. Não estamos nos referindo à polícia como uma forma de ajudar, de guiar, mas como um instrumento do Estado, a polícia secreta, e tudo o mais. Então o indivíduo se torna um mero instrumento da sociedade, o indivíduo não tem privacidade, nem liberdade, nem direitos; ele é investigado, controlado, moldado pelo governo, que é a sociedade. Evidentemente, esse é um meio de vida errado.

E existe a profissão do direito. Não será um modo de vida errado? Vejo que alguns de vocês estão sorrindo. Provavelmente, são advogados e sabem melhor do que eu em que se baseia esse sistema. Fundamentalmente, não superficialmente, ele se baseia na manutenção de tudo como está, os desentendimentos, as disputas, a confusão, as brigas, em encorajar os rompimentos e a desordem em nome da ordem.

Existe também a profissão errada do homem que quer ficar rico, o grande homem de negócios, o homem que acumula, que reúne, que armazena dinheiro através da exploração, através da impiedade — embora possa fazer isso em nome da filantropia ou em nome da educação.

Evidentemente, então, todos estes são meios de vida errados, e uma completa mudança na estrutura social, uma revolução do tipo correto só é possível quando se inicia em você. A revolução não pode se basear num ideal ou num sistema; mas quando você percebe tudo isso como um fato, você se livra dele e, portanto, passa a estar livre para agir. Mas, senhores, vocês não querem agir. Vocês têm medo de serem perturbados, e dizem: "Já existe confusão bastante; por favor, não nos venha com mais." Se vocês não fazem mais confusão, outros estão aí a fazê-la por vocês — usando essa confusão como meio de conseguir poder político. Certamente, é responsabilidade de cada um como indivíduo ver a confusão dentro e fora, e fazer algo a respeito — não meramente aceitá-la e esperar por um milagre, por uma Utopia maravilhosa criada por outros e na qual você possa mergulhar sem esforço.

Senhores, esse problema é dos senhores tanto quanto é problema do homem pobre. O homem pobre depende de você e você depende dele; ele trabalha para você enquanto você roda num belo carro e ganha um bom salário, acumulando dinheiro às custas dele. Então o problema é tanto seu quanto dele e, enquanto você e ele não alterarem radicalmente esse relacionamento, não ocorrerá revolução alguma; embora possa ocorrer violência e derramamento de sangue, em essência vocês manterão as coisas tais como estão. Nosso problema, portanto, é a mudança do relacionamento; e essa mudança não se encontra no nível intelectual ou no verbal, mas só pode acontecer quando você compreender de fato o que você é. Você não pode compreendê-lo se teorizar, verbalizar, negar ou justificar, e por isso é importante compreender todo o processo da mente. Uma revolução que é um simples produto mental não é absolutamente uma revolução: mas a revolução que não é da mente, que não é da palavra nem do sistema, é a única revolução, a única solução para o problema. Mas, infelizmente, cultivamos os nossos cérebros, nossos assim chamados intelectos, de tal forma que perdemos todas as nossas capacidades, a não ser as meramente intelectuais e verbais. Só quando virmos a vida como um todo, na sua inteireza, na sua totalidade, existirá a possibilidade de uma revolução que dará tanto ao rico quanto ao pobre o que lhes é devido.

De A Urgência da Mudança

A Beleza e o Artista

Questionador: Eu gostaria de saber o que vem a ser um artista. Lá nas margens do Ganges, num pequeno quarto escuro, há um homem sentado tecendo um belíssimo sari em seda e ouro, e em Paris, no seu ateliê, outro homem está pintando um quadro que, espera ele, lhe trará fama. Em alguma parte, um escritor com muito engenho escreve histórias falando sobre o muito antigo problema do homem e da mulher; e há também o cientista no seu laboratório e o técnico reunindo milhões de peças de forma a fazer um foguete chegar à lua. E na Índia um músico vive uma vida de grande austeridade de forma a transmitir fielmente a beleza pura da sua música. E há a dona de casa que prepara a refeição e o poeta que caminha a sós no bosque. Não estão todos esses artistas seguindo o seu próprio caminho? Sinto que a beleza está nas mãos de todos, mas eles não sabem disso. O homem que faz lindas roupas ou excelentes sapatos, a mulher que dispõe de forma tão bela as flores sobre sua mesa, todos eles procuram trabalhar com beleza. Sempre me indago o motivo pelo qual os pintores, os escultores, os compositores, os escritores — os assim chamados artistas criativos — têm uma importância tão extraordinária neste mundo, e não o sapateiro ou o cozinheiro. Não são estes também criativos? Quando se consideram todas as variedades de expressão que as pessoas acham bonitas, então que lugar tem um verdadeiro artista na vida, e quem é o verdadeiro artista? Já se disse que a beleza é a verdadeira essência da vida. Será aquele edifício

ali, que é considerado tão bonito, a expressão dessa essência? Eu apreciaria muito que o senhor falasse sobre essa questão da beleza e do artista.

Krishnamurti: Certamente, o artista é aquele que desenvolve suas habilidades na ação? Essa ação está na vida e não fora dela. Portanto, se o que produz o artista for o viver habilmente, essa habilidade pode se mostrar durante algumas horas enquanto ele estiver tocando seu instrumento, escrevendo poemas ou pintando quadros, ou pode operar um pouco mais se ele for hábil em vários outros fragmentos — tal como ocorria com os artistas do Renascimento que trabalhavam em muitos campos diferentes. Mas as poucas horas de compor música ou de escrever podem contradizer o restante da sua vida, que transcorre em desordem e confusão. Assim, será mesmo esse homem um artista? O homem que toca o violino com destreza e tem um olho na fama não está interessado no violino: ele apenas o está explorando para ficar famoso; o "eu" é muito mais importante do que a música. O mesmo ocorre com o escritor ou com o pintor com um olho na fama. O músico identifica o seu "eu" com o que ele considera ser a boa música, e o religioso identifica esse "eu" com o que ele considera ser o sublime. Todos esses são hábeis em seus pequenos campos de atuação, mas o resto do vasto domínio da vida é deixado de lado. Precisamos, portanto, descobrir o que vem a ser habilidade em ação, em viver, não apenas em pintar ou em escrever ou na tecnologia, mas de que modo viver a totalidade da sua vida com habilidade e beleza. Habilidade e beleza são sinônimos? Pode um ser humano — seja ele artista ou não — viver a totalidade de sua vida com habilidade e beleza? Viver é agir, e quando essa ação produz sofrimento ela deixa de ser hábil. A pergunta então é: pode um homem viver sem sofrimento, sem atritos, sem inveja e cobiça, sem nenhum tipo de conflito? A questão não é saber quem é artista e quem não é, mas se um ser humano, você ou um outro, pode viver sem tortura ou distorções. Certamente, é errado desmerecer a boa música, as grandes esculturas, a boa poesia ou a dança, ou torcer o nariz para elas; isso é não ser habilidoso em sua própria vida. Mas a arte e a beleza, que são habilidade em ação, deveriam atuar o dia todo e não apenas du-

rante algumas poucas horas por dia. Esse é o verdadeiro desafio, e não apenas tocar o piano maravilhosamente. Você deve tocá-lo maravilhosamente cada vez que encostar nele, mas isso não é o bastante. É como cultivar um pequeno canto de um campo muito grande. Estamos preocupados com o campo todo e esse campo é a vida. O que fazemos sempre é negligenciar o campo como um todo e nos concentrar em pequenos fragmentos dele, nossos ou dos outros. A arte deve despertar completamente e, portanto, ser habilidade em ação na vida como um todo. E isso é beleza.

Q: E o que dizer do operário da fábrica ou do empregado do escritório? Será ele um artista? Seu trabalho não impossibilita qualquer tipo de habilidade em ação, e assim arrefece nele qualquer possibilidade de vir a ser hábil em qualquer outra área? Ele não está condicionado pelo seu trabalho?

K: Certamente que sim. Mas se ele despertar, ou irá deixar seu trabalho ou o transformará de tal forma que o trabalho se tornará arte. O importante não é o trabalho, mas o despertar para o trabalho. O importante não é o condicionamento do trabalho, mas o despertar para ele.

Q: O que quer dizer com "despertar"?

K: Você está desperto apenas pelas circunstâncias, pelos desafios, por algum desastre ou alegria? Ou o estar desperto é um estado sem causa aparente? Se você desperta em função de um acontecimento ou de uma causa, então você depende desse acontecimento, e, quando você depende de algo — seja de uma droga, de sexo, da pintura ou da música —, você está se deixando adormecer. Assim, qualquer dependência significa o fim da habilidade, o fim da arte.

Q: O que vem a ser esse outro estado de despertar que não tem causa? O senhor está falando sobre um estado no qual não existe nem causa nem efeito. E pode haver algum estado da mente que não seja resultado de alguma causa? Eu não compreendo isso, porque certamente

tudo o que pensamos e tudo o que somos é resultado de alguma causa. É o resultado final de alguma cadeia de causa e efeito.

K: Essa cadeia de causa e efeito não tem fim, porque o efeito se torna causa e a causa dá origem a novos efeitos, e assim por diante.

Q: Então, que tipo de ação pode existir fora dessa cadeia?

K: Tudo o que conhecemos é ação com uma causa, um motivo, ação que é resultado. Toda ação existe em relacionamento. Se o relacionamento é baseado numa causa, ele não passa de uma arguta adaptação, e por conseguinte leva a outra forma de apatia. O amor é a única coisa sem causa, a única coisa livre; é beleza, é habilidade, é arte. Sem amor não existe arte. Quando o artista está tocando maravilhosamente não existe o "eu"; existe amor e beleza, e isso é arte. Isso é habilidade em ação. Habilidade em ação é a ausência do "eu". Mas quando você negligencia ao campo da vida como um todo e se concentra apenas numa pequena parte — não importa quanto o "eu" possa estar ausente, você estará vivendo inabilmente e, portanto, não será um artista da vida. A ausência do "eu" no viver é amor e beleza, o que produz a sua própria habilidade. Esta é a maior das artes: viver habilmente na totalidade do campo da vida.

Q: Oh, senhor! Como poderei chegar a fazer isso? Eu o vejo e sinto no meu coração, mas como posso mantê-lo?

K: Não há meio de mantê-lo, não há forma de alimentá-lo, não há como praticá-lo; existe apenas como percebê-lo. E perceber isso é a maior de todas as habilidades.

Bombaim, 11 de Março de 1953

Acho que seria útil abordarmos a questão da rapidez em que a mente se deteriora e quais são os agentes primários que tornam a mente apática, insensível, rápida em suas respostas. Acredito que seria significativo podermos examinar essa questão do porquê da deterioração da mente, porque talvez compreendendo isso possamos nos tornar aptos a descobrir o que vem a ser na realidade uma vida simples.

À medida que envelhecemos, notamos que, se a mente, que é instrumento da compreensão, o instrumento com o qual mergulhamos em qualquer problema para investigar, questionar e descobrir, se a mente for mal utilizada, ela se deteriora e desintegra; e me parece que um dos principais fatores dessa deterioração da mente é o processo de escolha.

Toda a nossa vida está baseada em escolhas. Fazemos escolhas em diferentes níveis da nossa existência. Escolhemos entre branco e azul, entre uma flor e outra flor, entre certos impulsos psicológicos de gostar e desgostar, entre certas idéias e crenças, aceitando algumas e rejeitando outras. Assim, nossa estrutura mental baseia-se nesse processo de escolha, nessa contínua tentativa de escolher, distinguir, descartar, aceitar, rejeitar. E nesse processo ocorre uma luta constante, um esforço constante. Não há nunca uma compreensão direta, mas sempre o processo entediante de acumulação da capacidade de distinguir — o que na realidade se baseia na memória, no acúmulo de conhecimentos —, portanto, existe esse constante esforço que é feito através da escolha.

Mas, pergunto, a escolha não é ambição? Nossa vida é ambição. Queremos ser alguém, queremos que pensem bem de nós, queremos

atingir um resultado. Se eu não sou sábio, quero me tornar sábio. Se eu sou violento, quero me tornar não-violento. O "tornar-se" é o processo da ambição. Quer eu queira me tornar o maior político, quer o santo mais perfeito, a ambição, a motivação, o impulso de se tornar é o processo da escolha, é o processo da ambição, que essencialmente se baseia na escolha.

Nossa vida, portanto, é uma série de lutas, o movimento de um conceito ideológico a outro, ou de uma fórmula ou desejo a outro, e nesse processo de transformação, nesse processo de luta a mente se deteriora. A natureza dessa deterioração é a escolha; e nós acreditamos que a escolha é necessária, escolha da qual nasce a ambição.

Então vem a pergunta: será possível encontrarmos um modo de vida que não se baseia na ambição, que não seja de escolha, que seja um florescer no qual o resultado não seja buscado? Tudo o que sabemos sobre a vida é uma série de lutas que terminam em resultados, e esses resultados estão sendo descartados por maiores resultados. Isso é tudo o que sabemos.

No caso do homem que vive sozinho numa caverna, nesse mesmo processo de se tornar perfeito existe uma escolha, e essa escolha é ambição. O homem que é violento tenta deixar de ser violento; essa evolução é em si mesma ambição. Não estamos tentando descobrir se a ambição é certa ou errada, se é essencial para a vida, mas se ela leva a uma vida de simplicidade. Não me refiro à simplicidade de poucas roupas; essa não é uma vida simples. Vestir um tecido rústico não significa que o homem seja simples; pelo contrário, pode ser que, ao renunciar às coisas mundanas, a mente fique mais ambiciosa, pois tenta se aferrar ao próprio ideal que ela projetou e criou.

Assim, se observarmos o nosso próprio modo de pensar, não deveríamos investigar essa questão da ambição? O que queremos dizer com ela? E será possível viver sem ambição? Percebemos que ambição gera competição, seja nas crianças na escola, seja entre os políticos, em toda a escala — tentando bater um recorde. Essa ambição produz certos benefícios industriais, mas no seu despertar, evidentemente, ocorre o obscurecimento da mente, o condicionamento tecnológico, de maneira que a mente perde sua maleabilidade, sua simplicidade e, portanto, é incapaz de experienciar diretamente. Não de-

veríamos investigar, não como grupo, mas individualmente — você e eu —, não deveríamos descobrir o que significa essa ambição, e saber se estamos ao menos cientes da existência dessa ambição na nossa vida?

Quando nos oferecemos para servir o país, para realizar uma obra nobre, não haverá nisso o elemento fundamental da ambição, que é o modo da escolha? E não será, portanto, a escolha uma influência corruptora na nossa vida, porque ela impede o florescimento? O homem que floresce é o homem que é, e não que está vindo a ser.

Não existirá uma diferença entre a mente que floresce e a mente em transformação? A mente em transformação é uma mente que está sempre crescente, se transformando, evoluindo, acumulando experiência como conhecimento. Conhecemos esse processo muito bem na nossa vida diária, com todos os seus resultados, com todos os seus conflitos, desgraças e brigas, mas não conhecemos a vida florescente. E não teremos que descobrir a diferença que existe entre as duas — não tentando demarcar ou separar — mas descobrindo-a no nosso processo de viver? Quando descobrirmos isso, poderemos talvez estar aptos a deixar de lado essa ambição, a maneira da escolha, e descobrir um florescimento, que é a maneira da vida, que pode ser a verdadeira ação.

Assim, se nos limitarmos a dizer que precisamos não ser ambiciosos sem ter descoberto um modo de vida florescente, o simples matar da ambição destrói também a mente, porque se trata de uma ação da vontade que é a ação da escolha. Portanto, não será essencial que cada um de nós encontre na própria vida a verdade da ambição? Todos nós somos encorajados a ser ambiciosos; nossa sociedade se baseia nisso: a força de uma motivação com vista a um resultado. E em função dessa ambição ocorrem desigualdades que a legislação procura nivelar, procura alterar. Talvez essa forma, esse modo de abordar a vida esteja essencialmente errado e possa existir uma outra abordagem que representa o florescimento da vida, que possa expressar-se sem acumulação. Afinal de contas, sabemos quando estamos conscientes de que lutamos por algo, de nos tornarmos algo; isso é ambição, a busca de um resultado.

Mas existe uma energia, uma força na qual há uma compulsão sem o processo de acumulação, sem o pano de fundo do "eu", do si mesmo, do ego. Esse é o método da criatividade. Sem compreender isso, sem experimentar isso verdadeiramente, nossa vida fica muito apática, vive uma série interminável de conflitos em que não existe criatividade nem felicidade. E talvez, se pudermos compreender — não pelo descartar da ambição mas pelo entender as maneiras da ambição — sendo abertos, compreendendo, escutando a verdade da ambição, talvez possamos atingir aquela criatividade em que há uma contínua expressão que não é a expressão da auto-satisfação, mas a expressão da energia sem a limitação do "eu".

❖

Questionador: Por favor, o senhor poderia nos explicar o que entende pela expressão *nossa vocação*? Suponho que para o senhor ela tenha um significado diferente da conotação comum dessas palavras.

Krishnamurti: Cada um de nós persegue algum tipo de vocação — o advogado, o soldado, o policial, o homem de negócios, e assim por diante. Evidentemente, existem certas profissões que são prejudiciais para a sociedade — o advogado, o soldado, o policial e o industrial que não está fazendo outros homens igualmente ricos.

Quando queremos, quando escolhemos uma determinada vocação, quando treinamos nossos filhos para seguir determinada vocação, não estamos criando um conflito dentro da sociedade? Você escolhe uma vocação e eu uma outra. Isso não produzirá conflito entre nós? Não é isso o que está acontecendo no mundo, porque nós nunca descobrimos qual é a nossa verdadeira vocação? Estamos sendo apenas condicionados pela sociedade, por uma determinada cultura, para aceitar certas formas de vocação que geram competição e ódio entre homem e homem. Nós sabemos disso, nós vemos isso.

Agora, pergunto, existirá alguma outra maneira de viver na qual eu e você possamos atuar de acordo com as nossas verdadeiras vocações? Não existe uma vocação para o homem? Por favor, ouçam isto, senhores. Existem vocações diferentes para o homem? Vemos

que existem: você é um escriturário, eu engraxo sapatos; você é um engenheiro e eu sou um político. Conhecemos inúmeras variedades de vocações e vemos que elas estão em conflito umas com as outras. Sendo assim, o homem, através de sua vocação, vive em conflito e ódio com o homem. Sabemos disso. Convivemos com isso dia após dia.

Vamos agora tentar descobrir se não existe uma vocação para o homem. Se pudermos todos descobrir isso, então a expressão de diferentes capacidades não produzirá conflito entre o homem e o homem. Eu afirmo que existe apenas uma vocação para o homem. Apenas uma vocação, e não muitas. A única vocação do homem é descobrir o que é real. Senhores, não se afastem. Essa não é uma resposta mística.

Se eu e você estamos descobrindo o que é a verdade, o que é a nossa verdadeira vocação, então nessa busca nós não estaremos competindo. Eu não estarei competindo com você; eu não vou lutar com você, embora você possa expressar essa verdade numa forma diferente. Você pode ser o Primeiro-Ministro, eu não serei ambicioso e não vou querer ocupar seu lugar porque estarei procurando tanto quanto você o que é verdade. Portanto, enquanto não descobrirmos a verdadeira vocação do homem, estaremos em competição uns com os outros, estaremos odiando uns aos outros. E qualquer que seja a legislação que se fizer aprovar nesse nível, você pode causar apenas um caso maior.

Não será possível se começarmos na infância, através de educação adequada, através do educador apropriado, ajudar o menino, o estudante, a ser livre para descobrir o que é a verdade sobre tudo — não apenas a verdade no sentido abstrato, mas descobrir a verdade de todos os relacionamentos — o relacionamento do menino com as máquinas, seu relacionamento com a natureza, com o dinheiro, com a sociedade, com o governo, e assim por diante? Isso requer — não é verdade? — um tipo diferente de professores que estejam preocupados em ajudar ou fornecer ao menino, ao estudante, a liberdade para que ele possa começar a tentar descobrir como cultivar a inteligência, o que não pode nunca ser condicionado por uma sociedade que está sempre se deteriorando.

Então, não existe uma única vocação para o homem? O homem não pode viver isolado. Ele só pode existir em relacionamento, e quando nesse relacionamento não há a descoberta da verdade, a descoberta da verdade do relacionamento, então ocorre o conflito.

Só existe uma vocação para você e para mim. E na busca disso encontraremos a expressão pela qual não entraremos em conflito e não destruiremos um ao outro. Mas isso certamente deve começar pela educação adequada, pelo educador adequado. O educador também precisa ser educado. Fundamentalmente, o professor não é um mero fornecedor de informações, mas produz no estudante a liberdade, a rebelião pela qual se descobre o que é a verdade.

De Uma Conversa com Estudantes na Escola de Rajghat, 20 de Janeiro de 1954

Uma das maiores dificuldades que temos é a de descobrir o que provoca a mediocridade. Vocês sabem o que essa palavra significa? Uma mente medíocre realmente significa uma mente que está danificada, que não está livre, que está tomada pelo medo, por um problema; é a mente que se limita a se debater em torno do seu interesse pessoal, em torno do próprio sucesso ou fracasso, em torno de suas soluções imediatas e dos sofrimentos que inevitavelmente surgem numa mente insignificante. Uma das coisas mais difíceis — não é verdade? — é uma mente medíocre romper com seus hábitos de pensamento, com seu padrão de comportamento, e ficar livre para viver, para ser capaz de se mover, de agir. Vocês verão que, em geral, nossa mente é pequena, insignificante. Observe a sua mente e verá com que ela está ocupada — com pequenas coisas tais como você ser aprovado num exame, sobre o que as pessoas pensarão de você, sobre como você está com medo de alguém e sobre o seu próprio sucesso. Você quer um emprego, e quando consegue esse emprego você quer um emprego melhor, e assim por diante. Se vasculhar sua mente, você verá que ela está o tempo todo ocupada com esse tipo de atividade trivial, pequena e egoísta. E, estando ocupada dessa maneira, ela cria problemas, não é verdade? Ela tenta resolver seus problemas de acordo com a sua própria insignificância e, não o conseguindo, ela aumenta os seus problemas. Penso que a função da educação é a de romper essa forma de pensamento.

A mente medíocre, a mente que está presa em alguma dessas ruelas estreitas de Varanasi e vive ali, pode ler, pode ser aprovada em exames, pode ser socialmente bastante ativa, mas ainda assim vive nas ruelas estreitas de sua própria fabricação. Acredito que é muito importante para todos nós — para os velhos e para os moços — percebermos que a mente, sendo tão pequena, qualquer tentativa que ela faça, quaisquer que sejam as lutas em que ela se empenhe, quaisquer que sejam as esperanças ou medos ou anseios que ela alimente, ainda assim é pequena e insignificante. É muito difícil para a maioria de nós verificar que os gurus, que os Mestres, que as sociedades, as religiões que as mentes insignificantes fabricam são elas mesmas pequenas. É muito difícil romper esse padrão de pensamento.

Não acham que é muito importante, enquanto crianças, ter educadores e professores que não sejam medíocres? Porque, se os educadores forem tolos, enfadonhos, se só pensam em coisas pequenas e são tomados pela sua própria insignificância, naturalmente eles não podem ser úteis em produzir uma atmosfera na qual o estudante possa ser livre para romper o padrão que a sociedade impôs sobre as pessoas.

Acredito que é muito importante ser capaz de perceber a própria mediocridade, pois a maioria de nós não admite que é medíocre; todos nós pensamos que temos algo extraordinário escondido em algum lugar. Em vez de agir contra a mediocridade, precisamos reconhecer a nossa mediocridade, é preciso que saibamos que essa mediocridade cria ainda mais insignificância. Qualquer ação contra a mediocridade é uma ação nascida da mediocridade; quebrar a mediocridade é ainda insignificante e trivial. Compreendem tudo isso? Infelizmente, eu falo apenas em inglês, mas gostaria que seus professores os ajudassem a compreender isso. Ao explicar isso para vocês, a trivialidade deles próprios se romperá. A mera explanação os despertará para a sua própria insignificância e pequenez. Eis por que uma mente pequena não pode amar, não é generosa, briga por coisas triviais. O de que precisamos, não só na Índia como no mundo todo, não é de pessoas talentosas, nem de pessoas com curso superior ou com posições de destaque, mas de pessoas como eu ou você, que romperam a trivialidade de suas mentes.

Trivialidade é, em essência, o pensamento de si mesmo. E é isso o que torna a mente trivial, a constante preocupação com o próprio sucesso, com seus próprios ideais, com sua própria vontade de se tornar perfeito. Isso torna a mente insignificante porque o "eu", o si mesmo, não importa quanto ele possa se expandir, ainda assim será muito pequeno. Assim, a mente que se ocupa é uma mente insignificante; a mente que está constantemente pensando em algo, preocupada com suas próprias investigações, preocupada em saber se irá ou não conseguir um emprego, com o que os pais ou os professores ou os gurus ou os vizinhos ou a sociedade pensam, é uma mente insignificante. Ocupar-se com essas questões produz respeitabilidade, e a mente respeitável, a mente medíocre, não é uma mente feliz. Por favor, ouçam bem o que digo.

Como sabem, todos vocês querem ser respeitáveis — não é verdade? — ser bem conceituados diante dos outros — do pai, do vizinho, ou diante da sociedade —, fazer as coisas certas, e isso cria o medo. Uma mente assim jamais poderá pensar algo de novo. Este mundo deteriorado precisa é de uma mente que seja criativa, não apenas inventiva ou com capacidade. Mas essa criatividade só aparece quando não há medo, quando a mente não está ocupada com seus próprios problemas. Tudo isso requer uma atmosfera na qual o estudante se sinta realmente livre, não no sentido de fazer o que quiser, mas livre para questionar, para investigar, para descobrir, para raciocinar e para ir além do raciocínio. O estudante precisa de uma liberdade na qual ele possa descobrir o que, na verdade, ele gosta de fazer na vida, de maneira que não seja forçado a fazer algo em particular que ele odeia, que ele não gosta.

Você sabe que uma mente medíocre jamais se rebela; ela se submete ao governo, à autoridade parental; ela se sujeita a tudo. Num país como este, em que há superpopulação, em que a vida é muito difícil, eu temo que a pressão dessas condições nos façam obedecer, nos submetam, e gradualmente o espírito de revolta e de insatisfação é destruído. Uma escola desse tipo deveria educar o estudante a ter esse espírito de descontentamento durante toda a sua vida. Dificilmente satisfeito. O descontente começa a descobrir, torna-se real-

mente inteligente, se ele não encontra um canal de satisfação, de gratificação.

❖

Questionador: É justo que a fama só apareça depois da morte?

Krishnamurti: Você acredita que o aldeão que morre terá fama depois da sua morte?

Q: Um grande homem, depois que morre, torna-se famoso e reverenciado.

K: O que vem a ser um grande homem? Descubra a verdade dessa questão. Trata-se de alguém que buscou a fama? Ou de alguém que se dá grande importância? É ele alguém que se identifica com um país e se torna o seu líder? Se isso ocorrer, ele tem fama enquanto está vivo. Isso é tudo o que queremos. Todos nós queremos o mesmo; todos queremos ser grandes. Queremos seguir à frente do desfile. Vocês querem ser o governador, o grande ideal, o grande homem que irá reformar a Índia. Uma vez que vocês querem isso, uma vez que todos querem isso, vocês estarão à frente do desfile. Mas isso é grandeza? Será que a grandeza consiste em receber publicidade, em ter o nome nos jornais, em ter autoridade sobre as outras pessoas, em obter a obediência das pessoas porque você tem grande força de vontade ou personalidade, ou se zanga facilmente? A grandeza é, sem dúvida, algo totalmente diferente.

Grandeza é anonimato. Ser anônimo é a maior grandeza. A grande catedral, as grandes coisas da vida, grandes esculturas, devem ser anônimas. Elas não pertencem a ninguém em especial. É como a verdade. A verdade não pertence a você ou a mim; é totalmente impessoal e anônima. Se você afirma que possui a verdade, quando afirma que é dono da verdade você não é mais anônimo, você se torna muito mais importante do que a verdade. Mas uma pessoa anônima jamais pode ser grande. Provavelmente, ela jamais será grande, porque não quer ser grande, grande no sentido do mundo ou mesmo interiormente. Porque

ela é ninguém. Ela não tem seguidores; não tem um santuário, não se envaidece. Mas a maioria de nós, infelizmente, quer se envaidecer; queremos ser grandes, queremos ser conhecidos, queremos ter sucesso. O sucesso leva à fama, mas isso é algo vazio, não é verdade? É como as cinzas. Todo político é conhecido, e o seu negócio é ser conhecido; por isso ele não é grande. Grandeza é ser desconhecido, interna e externamente ser como nada; e isso requer grande perspicácia, grande compreensão, grande afeto.

Amsterdã, 23 de Maio de 1955

Questionador: Um homem plenamente ocupado mantém seu subconsciente dia e noite às voltas com problemas práticos que ele tem que resolver. E a visão que o senhor nos apresenta só pode ser verificada na quietude da autopercepção. Dificilmente há tempo para essa quietude; o imediato é bastante urgente. O senhor pode dar alguma sugestão prática?

Krishnamurti: Senhor, o que o senhor quer dizer com "sugestão prática"? Algo que deve ser feito imediatamente? Algum sistema que possa ser praticado de modo a tranqüilizar a mente? Afinal, se você pratica um sistema, esse sistema produzirá um resultado; mas será apenas o resultado do sistema e não uma descoberta sua, não aquela que você obtém ao ter plena percepção de você mesmo em seus contatos da vida diária. Um sistema, obviamente, produz o seu próprio resultado. Entretanto, não importa quanto você o pratique, ou por quanto tempo, o resultado será sempre ditado pelo sistema, pelo método. Não será uma descoberta; será algo imposto à mente através do desejo que ela tem de descobrir um meio de se afastar deste mundo caótico e de sofrimento.

Sendo assim, o que deve fazer aquele que vive tão ocupado, às voltas dia e noite — como ocorre com muitas pessoas — com o modo de ganhar a vida? Em primeiro lugar, poderá alguém passar o tempo todo ocupado com os negócios, com ganhar a vida? Ou terá alguns períodos durante o dia em que não está tão ocupado? Acredito que esses períodos, em que você não está tão ocupado, são muito mais importantes do que os períodos em que você está ocupado. E

não será bastante importante descobrir com o que a mente está ocupada? Se ela está ocupada, conscientemente ocupada, com assuntos de negócios durante todo o tempo — o que realmente é impossível — então obviamente não há espaço, não há quietude na qual encontrar algo novo. Felizmente, a maioria de nós não está preocupada apenas com os negócios, e há momentos em que podemos perscrutar a nós mesmos, perceber a nós mesmos. Acredito que esses períodos sejam muito mais significativos do que nossos períodos de ocupação e, se deixarmos, esses momentos começarão a tomar forma, começarão a controlar nossas atividades comerciais, a nossa vida diária.

Afinal de contas, a mente consciente, a mente que está ocupada dessa maneira não dispõe de tempo para um pensamento mais profundo. Mas a mente consciente não representa a totalidade da mente; existe ainda a parte inconsciente. A mente consciente pode sondar o inconsciente? Ou seja, a mente consciente, a mente que quer investigar, analisar, pode ela esquadrinhar o inconsciente? Ou ela deve permanecer em silêncio de maneira que o inconsciente possa dar seus sinais, suas sugestões? Será o inconsciente tão diferente do consciente, ou o consciente bem como o inconsciente serão a totalidade da mente? A totalidade da mente, tal como a conhecemos — consciente e inconsciente — é educada, é condicionada, com todas as diferentes imposições da cultura, da tradição e da memória. E talvez a resposta a todos os nossos problemas não esteja no campo da mente em absoluto; talvez esteja fora dela. Para descobrir isso, que é a verdadeira resposta a todos os complexos problemas da nossa existência, da nossa luta diária, certamente, tanto a mente consciente quanto a inconsciente precisam estar em silêncio, não é verdade?

E o questionador quer saber o que deve fazer quando está tão ocupado. Com certeza, ele não está tão ocupado; com certeza ele se diverte de vez em quando. Se ele começar a economizar algum tempo durante o dia, cinco minutos, dez minutos, meia hora, de maneira a poder refletir sobre esses assuntos, então essa mesma reflexão produzirá períodos mais prolongados nos quais ele terá tempo para pensar, para pesquisar. Assim, não acredito que a mera ocupação superficial da mente tenha grande significado. Existe algo muito mais importante, e que vem a ser descobrir o modo de operar da mente, as

formas do nosso próprio pensamento, os motivos, as urgências, as lembranças, as tradições, nas quais a mente está aprisionada. E podemos fazer isso enquanto estamos ganhando a vida, de forma que ficamos muito conscientes de nós mesmos e de nossas peculiaridades. Então eu acredito que é possível para a mente tornar-se realmente silenciosa, e assim descobrir aquilo que se encontra além de suas projeções.

De Um Diálogo com os Jovens em Saanen, 5 de Agosto de 1972

Krishnamurti: Como os jovens reagem ao desafio moderno? Sendo que o desafio não é apenas uma mera reforma social, nem uma mera revolução política com diferentes formas de política, de honestidade e de mais ou menos incorruptibilidade. Grandes mudanças estão ocorrendo na tecnologia e em fisiologia. Está ocorrendo uma ruptura na religião, e tudo isso representa uma profunda mudança. Como a juventude está reagindo a isso? Será esta uma pergunta justa? Acreditamos que vocês são jovens; portanto, como respondem a isso? Como reagem ao desafio total, não apenas formando uma pequena comunidade, ou tomando drogas, ou dizendo: "Bem, os velhos não entendem os jovens." Existe a diferença de gerações. Mas existe esse enorme desafio. Como vocês, jovens, reagem a ele?

❖

K: Ganhar a vida é um problema que não é psicológico. Você precisa viver neste mundo, você não pode fugir dele.

Questionador: Eu gostaria de perguntar se é possível agir completamente, sem ser fragmentário, e gostaria também de abordar a questão da possibilidade de se freqüentar uma escola, estabelecimento do tipo escola pública padrão, que é como uma máquina gigantesca, um programa, e fazer verdadeiramente algo de algum modo.

K: A questão é: sou um professor numa escola que é mecânica, superpovoada, e tudo o mais; como posso agir de forma plena, sem

ser esmagado por essa enorme estrutura? Se tenho que ensinar a cinqüenta ou sessenta meninos numa classe e os garotos são desordeiros e tudo o mais, como devo lidar com tudo isso? Como posso agir de forma plena em tais circunstâncias? O que devo fazer? Preciso responder a essas perguntas, por favor. Ganho a vida ensinando numa escola, num sistema que está sobrecarregado. Como poderei, dadas essas condições, ensinar de forma plena? Vocês podem fazê-lo?

Q: Digamos que até agora não fui bem-sucedido; na verdade, fui despedido.

K: É verdade, senhor. O senhor não pode fazê-lo. Isso não pode ser feito. Vejam, ensinar a cinqüenta alunos numa classe, onde você pretende ensinar, digamos, matemática, e você não está preocupado apenas em ensinar matemática, você está preocupado com a mente dos alunos, preocupado em estimular a inteligência deles, em fazer com que eles se comportem adequadamente, e tudo o mais — com cinqüenta garotos você não consegue fazer isso. Então você é despedido. O que você fará? Simplesmente, trocar essa por uma outra profissão? Ou dizer: "Por Deus, ensinar é o que existe de mais importante, pois lida com jovens, cria novas mentalidades" — e tudo o mais — "é tremendamente importante. Eu vou descobrir com outros, com os poucos que sentem isso, e inaugurar uma escola". Isso significa o dispêndio de *tremenda* energia, o que implica dizer que você está dedicando toda a sua vida a isso, e não apenas a uma ação casual.

❖

K: Agora responderemos àquele que disse: "Vivo em tal cidade e preciso ganhar a minha vida ali; não disponho de tempo; portanto, vou me retirar e formar uma pequena comunidade."

Vou embora com alguns amigos se puder, e viveremos juntos cultivando o nosso próprio jardim... e teremos tempo para pensar na melhor forma de produzir essa ação total. Será minha intenção, ao me retirar e ir viver com algumas poucas pessoas — será minha intenção real, verdadeira —, descobrir uma forma de vida na qual haja ação total?... Eu me afasto da atual estrutura da sociedade e tento

viver uma vida na qual eu compreendo esse movimento total da existência. Os monges tentaram fazê-lo, várias comunidades tentaram fazer isso; eles, ou aceitam a autoridade de uma pessoa, ou a autoridade de uma crença, ou a autoridade da necessidade de trabalhar em conjunto. Ou será que a pessoa se retira desconsiderando toda a autoridade dos outros, ou o fato de que é necessário que vivamos juntos para que possamos ter tempo para pensar? Você pode descartar isso e, ao fazê-lo, descobrir por si mesmo qual é a forma de existência e do viver não-fragmentário e, portanto, passar a agir, economicamente, psicologicamente, etc., de maneira plena? Sendo assim, depende apenas de você, de quão sérias são as suas intenções, e de se você realmente quer, tanto interna quanto externamente, viver de um modo diferente.

Q: Senhor, estará por acaso dizendo que fundar uma comunidade ou enfiar-se nos negócios é a mesma coisa? Trata-se de nenhuma ação em absoluto, mas sim de verificar isso, essa é a ação.

K: Exatamente. Você o faz; você o faz num nível prático, mas esse nível prático depende da sua intenção, da profundidade da sua honestidade.

Q: Será que qualquer comportamento intencional tem um ideal por trás dele?

K: É exatamente isso. Como você reage a tudo isso? Você corre para uma igreja, liga-se a uma atividade política, torna-se comunista, torna-se isto ou aquilo, ou leva uma vida completamente irresponsável porque seu pai, ou alguns amigos lhe darão dinheiro, e portanto você não se importa?...

Q: O que você precisa fazer o tempo todo é viver no nível prático; você dorme nos celeiros ou dorme num hotel, ou tenta fazer algo. Mas se você não tem dinheiro...

K: Eu encontrei um jovem na Índia. Ele cruzou o continente pedindo carona desde a Califórnia até Nova York; trabalhou como marinheiro,

foi de navio até a Índia, trabalhou lá e eu o encontrei na praia. Para ele, o importante era descobrir o que era a verdade. Você pode dizer que isso é uma grande tolice, mas ele queria descobrir. Portanto, ele dedicou sua vida a isso; ele não falava sobre a vida prática, ele trabalhava. Se você tem dinheiro, ou se seus pais têm bastante dinheiro, ou se os seus amigos lhe arranjam dinheiro, então você tem o problema de depender de alguém, ou de seus pais, mas você pode flertar com todas essas idéias.

Assim, voltamos ao ponto de partida; você está ciente de que qualquer tipo de ação fragmentária é realmente a ação menos inteligente e mais nociva? E é isso o que fez o velho *establishment*. Este é o seu modo de vida: manter o mundo dos negócios de uma forma, religião aos domingos e política nas quintas-feiras. Vocês sabem, todo o resto! E você está fazendo exatamente a mesma coisa, apenas dando um nome diferente. E eu afirmo que vocês, assim como os jovens supostamente vigorosos e entusiásticos, e com tremenda vitalidade para agir, sabendo o que fez a antiga geração estão tão confusos quanto os outros. Dessa maneira, não existe em absoluto a questão da diferença de gerações. Percebem como isso nos ajuda a verificar o quanto somos hipócritas? Você nega o antigo *establishment* e, no entanto, está fazendo exatamente a mesma coisa, apenas em outras palavras. Assim, uma vez que você é jovem, você precisa criar um mundo novo. Você é responsável por um mundo novo. E se você diz: "Bem, estou preocupado apenas com dinheiro ou apenas com assuntos psicológicos", isso não tem sentido.

De Krishnamurti e a Educação, *Capítulo 8*

Palestra com Estudantes: Sobre a Formação da Imagem

Quando somos jovens é delicioso estar vivo, escutar os pássaros da manhã, observar as colinas após a chuva, ver os rochedos brilhando ao sol, as folhas cintilando, ver as nuvens caminhando e se rejubilar numa manhã muito clara com um coração ardente e a mente limpa. Perdemos esses sentimentos quando crescemos, com preocupações, ansiedades, brigas, ódios, medos, e a interminável batalha para ganhar a vida. Despendemos nossos dias em lutas uns contra os outros, gostando e desgostando, com um pequeno prazer aqui e ali. Jamais ouvimos os pássaros, ou vemos as árvores como as víamos outrora, ou observamos o orvalho sobre a grama e o pássaro a voar e o rochedo brilhando numa encosta reluzindo à luz da manhã. Não vemos nada disso quando crescemos. Por quê? Não sei se algum dia vocês fizeram a si mesmos essa pergunta. Eu acho que é preciso fazê-la. Se não fizerem isso agora, logo serão pegos. Vocês irão para o colégio, se casarão, terão filhos, maridos, esposas, responsabilidades, ganharão a vida, e então ficarão velhos e morrerão. Isso é o que acontece às pessoas. Precisamos perguntar agora o que nos fez perder essa extraordinária sensibilidade pela beleza que se revela vendo as flores, ouvindo os pássaros. Por que perdemos esse sentimento do belo? Acredito que o perdemos primordialmente por sermos tão preocupados com nós mesmos. Nós temos uma imagem de nós mesmos.

Você sabe o que é uma imagem? Trata-se de algo esculpido pela mão, a partir de uma pedra ou de um mármore, e esse bloco esculpido pela mão é depositado num templo e adorado. Mas ainda assim foi feito pela mão do homem; é uma imagem feita pelo homem. Você também tem uma imagem de você mesmo, não produzida pela mão, mas pela mente, pelo pensamento, pela experiência, pelo conhecimento, por suas lutas, por todos os conflitos e mistérios da sua vida. E, à medida que você envelhece, essa imagem fica mais forte, maior, extremamente exigente e insistente. Quanto mais você ouve, age, mantém sua existência ligada a essa imagem, menos você enxerga a beleza e experimenta a alegria que existe além dos limites dela.

A razão pela qual você perde essa qualidade de plenitude é o fato de você ser tão interessado em si mesmo. Sabe o que significa a expressão "ser interessado em si mesmo"? Significa estar ocupado consigo mesmo, estar ocupado com as próprias capacidades, sejam elas boas ou más, com o que os vizinhos pensam de você, com o fato de ter ou não um bom emprego, com a possibilidade de você vir a ser ou não um homem importante, ou de ser posto de lado pela sociedade. Você está constantemente em luta no escritório, em casa, nos campos; onde quer que você esteja, o que quer que você faça, você está sempre em conflito; não sendo capaz de sair disso, você cria a imagem de um estado perfeito, do céu, ou de um Deus — mais uma vez, uma imagem produzida pela mente. Você tem outras imagens bem lá nas suas profundezas, e elas vivem em eterno conflito umas com as outras. Assim, quanto mais você está em conflito — e o conflito não deixará de existir enquanto você tiver imagens, opiniões, conceitos, idéias sobre você mesmo — maior será a luta.

Assim, a questão é: Será possível viver neste mundo sem uma imagem de você mesmo? Você trabalha como médico, como cientista, como professor, como físico. Você usa esse trabalho para criar essa imagem de você mesmo e, assim, usando esse trabalho, você cria um conflito no trabalho, no fazer. Será que vocês compreendem o que estou dizendo? Sabe, se você dança bem, se você toca um instrumento, um violino, uma vina,* você usa o instrumento ou a dança

---

* Vina: Instrumento musical indiano de quatro cordas (N.T.).

para criar a imagem sobre você, para sentir como você é maravilhoso, como você toca ou dança maravilhosamente bem. Você usa a dança, ou a habilidade de tocar o instrumento, no sentido de enriquecer a imagem que você faz de si mesmo. E é dessa maneira que você vive, criando, fortalecendo essa imagem. Assim, os conflitos ficam maiores; a mente se torna enfadonha e preocupada consigo mesma; e ela perde o sentimento da beleza, da alegria, do pensamento claro.

Penso que faz parte da educação atuar de modo a não criar imagens. Vocês então viverão sem batalhas, sem a luta interior que ocorre no seu íntimo.

A educação não tem fim. Não se trata de ler um livro, de passar num exame e dar por terminada a educação. A vida como um todo, desde o momento em que você nasce até o momento em que você morre, é um processo de aprendizado. O aprendizado não tem fim, e essa é a qualidade intemporal do aprendizado. E você não pode aprender se está em luta, se está em conflito consigo mesmo, com o seu vizinho, com a sociedade. E você estará sempre em conflito com a sociedade, com o seu vizinho enquanto houver uma imagem. Mas se você estiver aprendendo sobre o mecanismo pelo qual se forma essa imagem, então você perceberá que pode olhar para o céu, pode olhar para o rio e para as gotas de chuva depositadas nas folhas, sentir o ar fresco da manhã e a brisa suave através das folhagens. Então a vida adquire um significado extraordinário — a vida em si mesma, não o significado que lhe é atribuído pela imagem da vida — a vida em si mesma tem um significado extraordinário.

Estudante: Quando o senhor está olhando uma flor, qual é seu relacionamento com a flor?

Krishnamurti: Você olha uma flor, e qual é o seu relacionamento com a flor? Você está mesmo olhando a flor ou pensa que está olhando a flor? Percebe a diferença? Você está realmente olhando a flor ou pensa que deve olhar a flor, ou está olhando a flor com uma imagem que você tem da flor — sendo a imagem, por exemplo, o fato de que ela deve ser uma rosa? A palavra é a imagem, a palavra é o conhecimento; portanto, você está olhando a flor com a palavra,

o símbolo, com o conhecimento, e portanto você não está olhando a flor. Ou você está olhando com a mente pensando em alguma outra coisa?

Quando você olha uma flor sem a palavra, sem a imagem, e com a mente completamente atenta, então qual é o relacionamento entre você e a flor? Você já fez isso alguma vez? Já experimentou olhar uma flor sem dizer: "Esta é uma rosa?" Já olhou uma flor completamente, com toda a atenção, atenção na qual não há a palavra, não há o símbolo, não se dá nome à flor e, portanto, com atenção completa? Enquanto você não fizer isso, você não tem um relacionamento com a flor. Para estabelecer um relacionamento com o outro, ou com o rochedo ou com a folha, é preciso examinar e observar com toda a atenção. Então, o seu relacionamento com aquilo que vê será inteiramente diferente. Então não existe um observador em absoluto. Existe apenas isto. Se você observar dessa maneira, então não existe opinião, não existe julgamento. É o que é. Compreendem? Serão capazes de fazer isso? Olhe uma flor dessa maneira. Faça isso, senhor; não fale sobre isso, faça.

E: Se o senhor tivesse muito, mas muito tempo disponível, como o utilizaria?

K: Eu faria o que estou fazendo. Veja, se você gosta do que está fazendo, então você dispõe de todo o lazer de que precisa no mundo. Compreende o que digo? Você me perguntou o que eu faria se tivesse tempo para o lazer. Eu disse, eu faria o que estou fazendo, ou seja, percorrer diversas partes do mundo, conversar, ver gente, e assim por diante. Eu faço isso porque gosto, não porque eu falo para muitas pessoas e isso me faz sentir importante. Quando você se sente importante, você não gosta do que está fazendo; você gosta de si mesmo e não do que está fazendo. Assim, o seu interesse deveria ser, não com o que eu estou fazendo, mas com o que você irá fazer. Certo? Eu lhe disse o que estou fazendo. Agora me diga o que você fará quando tiver bastante tempo disponível.

E: Eu me aborreceria, senhor.

K: Você se aborreceria. Certo. Isso é o que ocorre com a maioria das pessoas.

E: Como me livrar dessa monotonia, senhor?

K: Um momento, ouça! A maioria das pessoas se aborrece. Por quê? Você perguntou como se livrar da monotonia. Descubra. Quando você fica sozinho por meia hora, você se aborrece. Então você pega um livro ou uma revista, vai a um cinema, conversa, faz algo. Você trata de ocupar a mente com alguma coisa. Essa é uma forma de fugir de você mesmo. Você me fez uma pergunta; agora preste atenção ao que está sendo dito. Você se aborrece porque se encontra com você mesmo, e você jamais havia se encontrado com você mesmo. Por isso, você se aborrece. Você diz: "Eu sou apenas isto? Sou tão pequeno! Estou muito preocupado. Preciso fugir disto." O que você é é muito aborrecido, então você foge. Mas se você diz: "Eu não vou me aborrecer, vou tratar de descobrir porque sou assim; quero saber o que eu sou, realmente", então é como olhar-se num espelho. Lá você vê claramente o que você é, com o que o seu rosto se parece. Então você diz que não gosta do seu rosto, você quer ser bonito, quer se parecer com um artista de cinema. Mas você deveria olhar para você mesmo e dizer: "Sim, isto é o que eu sou: o meu nariz não é muito reto, meus olhos são muito pequenos, meu cabelo é liso." Você se aceita. Quando você vê aquilo que você é, você não se aborrece. A monotonia, o aborrecimento só aparecem quando você rejeita o que vê e quer ser algo diferente. Da mesma forma, quando você pode se ver interiormente e ver exatamente o que você é, a visão disso não causa aborrecimento. É extremamente interessante porque, quanto mais você vê, mais existe para ser visto. Você pode ir cada vez mais fundo, e mais fundo, e mais longe, e não há fim nisso. E nisso não há aborrecimento. Se você pode fazer isso, então o que faz é o que você gosta de fazer, e quando você gosta de fazer alguma coisa, o tempo não existe. Se você gosta de plantar árvores, você as rega, cuida delas, protege-as. Quando souber o que realmente gosta de fazer, você perceberá que os dias são bastante curtos. Portanto, é preciso descobrir por você mesmo, de agora em diante, o que você

gosta de fazer, o que você realmente quer fazer, e não apenas se preocupar com uma carreira.

E: E como descobrir o que se gosta de fazer, senhor?

K: Como descobrir o que se gosta de fazer? Você precisa compreender que é diferente do que você quer fazer. Você pode querer ser um advogado, porque seu pai é advogado ou porque você percebe que, tornando-se um advogado, você pode ganhar bastante dinheiro. Então você não gosta do que faz porque tem um motivo para fazer algo que vai lhe dar lucros, que vai torná-lo famoso. Mas se você gosta de alguma coisa, não há motivo. Você não usa o que está fazendo para aumentar a sua própria importância. Descobrir o que você gosta de fazer é uma das coisas mais difíceis. Isso faz parte da educação. Para descobrir isso você precisa mergulhar fundo dentro de si mesmo. Não é nada fácil. Você pode dizer: "Eu quero ser um advogado", e você luta para ser um advogado. Então, de repente, você descobre que não quer ser um advogado. Você gostaria de pintar. Mas é muito tarde. Você já está casado. Já tem mulher e filhos. Você não pode abandonar sua carreira, suas responsabilidades. Então você se sente frustrado e infeliz. Ou você pode dizer: "Eu realmente gostaria de pintar", e dedica toda a sua vida a isso, e subitamente descobre que não é bom pintor e o que você gostaria mesmo de ser é piloto.

A educação adequada não deve ajudar a descobrir a carreira; pelo amor de Deus, esqueçam isso. Educação não significa apenas absorver informações de um professor, ou aprender matemática a partir de um livro, ou aprender datas históricas, nomes de reis e costumes. Educação significa ajudar a compreender os problemas à medida que eles surgem, e isso requer uma mente preparada — uma mente que raciocine, uma mente que seja aguda, que não tenha crenças. Pois a crença não é verdade. O homem que acredita em Deus é tão supersticioso quanto o homem que não acredita em Deus. Para descobrir, você precisa raciocinar, e você não raciocina se já tiver uma opinião, se tiver preconceitos, se a sua mente já tiver chegado a uma conclusão. Assim, você precisa de uma mente adequada, aguda, clara, definida, precisa, saudável — não uma mente crente, uma mente que segue a autoridade. Educação correta significa ajudar a descobrir por

si mesmo o que você realmente — de todo o coração — gosta de fazer. Não importa o que seja; pode ser cozinhar ou ser jardineiro, mas deve ser algo em que você ponha a sua mente, o seu coração. Então você será realmente eficiente, sem se embrutecer. E essa escola deve ser um lugar onde você seja ajudado a descobrir por si mesmo, através de discussões, através do silêncio, ouvindo — a descobrir através da sua vida — o que você realmente gosta de fazer.

E: Senhor, como podemos conhecer a nós mesmos?

K: Esta é uma boa pergunta. Ouçam-me com atenção. Como você sabe o que é? Compreende a minha pergunta? Você olha no espelho pela primeira vez e, depois de alguns dias ou semanas, olha novamente e diz: "Sou eu de novo." Certo? Assim, olhando no espelho todos os dias, você começa a conhecer o seu rosto e diz: "Este sou eu." Agora, pode você da mesma forma saber o que você é observando a si mesmo? Você pode observar os seus gestos, a forma como anda, a forma de falar; se você é duro, cruel, rude, paciente? Então, você começa a se conhecer. Você se conhece olhando-se no espelho do que você está fazendo, do que está pensando, do que está sentindo. Esse é o espelho — o sentir, o fazer, o pensar. E nesse espelho você começa a se observar. O espelho diz, esta é a realidade. Mas você não gosta da realidade. Então você quer alterá-la. Você começa a distorcê-la, você não a vê tal como ela é.

Você aprende quando existe atenção e silêncio. O aprendizado ocorre quando você está em silêncio e dedica toda a atenção ao que está fazendo. Nesse estado você começa a aprender. Fiquem agora sentados em silêncio, não porque eu estou pedindo que o façam, mas porque essa é a forma de aprender. Sentem-se em silêncio e mantenham-se quietos, não apenas fisicamente, não apenas no corpo, mas também na mente. Mantenha-se muito quieto e, então, nessa quietude, faça-se presente. Preste atenção aos sons do lado de fora deste prédio, o galo cantando, os pássaros, alguém a tossir, alguém a sair. Ouça inicialmente tudo que se passa fora de você; em seguida, ouça o que ocorre em sua mente. E você verá, então, se ouvir com atenção, nesse silêncio, que o som de fora e o som de dentro são o mesmo.

De Comentários Sobre a Vida, Segunda Série, *Capítulo 2*

Condicionamento

Ele estava muito preocupado em ajudar a humanidade, em fazer diversos trabalhos, e era bastante ativo em várias organizações em prol do bem-estar social. Ele afirmava jamais ter tirado férias prolongadas e que desde que se formara vinha trabalhando constantemente pelo aprimoramento do homem. Obviamente, ele não recebia nenhum dinheiro pelo que fazia. Seu trabalho sempre fora importante para ele e ele era muito apegado ao que fazia. Ele se tornara um assistente social de primeira classe e gostava disso. Mas ele ouvira algo em alguma das palestras acerca das diferentes maneiras de fugir que condicionam a mente, e queria falar sobre isso.

"O senhor acredita que trabalhar pela sociedade cria um condicionamento? Será que isso, depois, só traz conflitos?"

Vamos descobrir o que queremos dizer com condicionamento. Quando nos damos conta de que estamos condicionados? Será que nos damos conta disso? Você se dá conta de estar condicionado ou simplesmente se dá conta do conflito, da luta que se passa entre os diferentes níveis do seu ser? Certamente nos damos conta, não do nosso condicionamento, mas do conflito, da dor e do prazer.

"O que o senhor quer dizer com conflito?"

Qualquer tipo de conflito: o conflito entre nações, entre diferentes grupos sociais, entre pessoas, e o conflito interior do indivíduo. E não será o conflito inevitável enquanto não houver integração entre

o agente e a sua ação, entre o desafio e a resposta? O conflito é o nosso problema, não é verdade? Não apenas um determinado conflito, mas qualquer conflito: a luta entre idéias, crenças, ideologias, entre os opostos. Se não existissem conflitos, não haveria problemas.

"Estará o senhor sugerindo que busquemos uma vida de isolamento, de contemplação?"

A contemplação é árdua; é das coisas mais difíceis de entender. O isolamento, embora cada um, consciente ou inconscientemente, esteja buscando isso à sua própria maneira, não resolve os nossos problemas; ao contrário, aumenta-os. Estamos tentando compreender quais são os agentes de condicionamento que causam novos conflitos. Estamos cientes apenas do conflito, da dor e do prazer, e não estamos cientes do nosso condicionamento. O que causa o condicionamento?

"Influências sociais ou ambientais: a sociedade em que nascemos, a cultura na qual nos criamos, as pressões econômicas e políticas, e assim por diante."

Exatamente; mas será apenas isso? Essas influências são produtos nossos, não são? A sociedade é o resultado do relacionamento do homem com o homem, o que parece óbvio. Esse relacionamento é um relacionamento de costume, de necessidade, de bem-estar, de gratificação, e ele cria influências, cria valores que nos aprisionam. Esse aprisionamento é o nosso condicionamento. Nós nos aprisionamos pelos nossos pensamentos e ações; mas não nos damos conta desse aprisionamento; nos damos conta apenas do conflito, do prazer e da dor. Parece que não vamos nunca além disso; e, se acaso o fazemos, é apenas para entrar em conflitos maiores. Não nos damos conta do nosso condicionamento e, até que o façamos, só poderemos criar mais conflito e confusão.

"Como pode alguém perceber o seu próprio condicionamento?"

Isso só é possível se compreendermos um outro processo, o processo do apego. Se compreendermos por que somos apegados, então talvez possamos perceber o nosso condicionamento.

"Mas não estaremos dando uma longa volta apenas para responder a uma pergunta direta?"

Será? Tente perceber o seu condicionamento. Você só o pode fazer de forma indireta, em relação a algo mais. Você não pode se

dar conta do seu condicionamento como uma abstração, pois isso será apenas verbal, sem muito significado. Nós percebemos apenas os conflitos. O conflito existe quando não há integração entre o desafio e a resposta. Esse conflito é o resultado do nosso condicionamento. Condicionamento é apego: apego ao trabalho, à tradição, à propriedade, às pessoas, às idéias, e assim por diante. Então pergunto: se não houvesse apego, haveria condicionamento? Claro que não. Então, por que nos apegamos? Eu me apego ao meu país porque, identificando-me com ele, eu me torno alguém. Eu me identifico com o meu trabalho, e o trabalho se torna importante. Eu sou a minha família, as minhas propriedades; tenho apego a elas. O objeto de apego me oferece os meios de escapar do meu próprio vazio. O apego é uma fuga, e é uma fuga que fortalece o condicionamento. Se sou apegado a você, é porque você se tornou para mim o meio de eu fugir de mim mesmo; assim, você é muito importante para mim e eu preciso ter você, me aferrar a você. Você se tornou o agente condicionante, e a fuga é o condicionador. Se nos dermos conta de nossas fugas, poderemos distinguir os agentes, as influências que geram o condicionamento.

"Estou fugindo de mim mesmo através do trabalho social?"

Você está apegado a ele, preso a ele? Você se sentiria perdido, vazio, aborrecido, se não fizesse esse trabalho social?

"Com toda a certeza."

O apego ao seu trabalho é o seu modo de fuga. Existem fugas em todos os níveis do nosso ser. Você foge pelo trabalho, um outro foge pela bebida, outro através de cerimônias religiosas, outro através do conhecimento, outro através de Deus, e há ainda um outro que é viciado em diversões. Todas as fugas representam o mesmo; não existe uma fuga superior ou inferior. Deus e a bebida estão no mesmo nível na medida em que representarem fugas daquilo que somos. Apenas quando nos dermos conta de nossas fugas, e só então, poderemos conhecer o nosso condicionamento.

"O que farei se deixar de fugir através do trabalho social? Posso fazer algo que não seja fugir? Não será qualquer ação uma forma de fuga daquilo que sou?"

Será essa uma pergunta meramente verbal, ou refletirá ela uma realidade, um fato que você está vivenciando? Se você não fugir, o que acontece? Já experimentou?

"O que o senhor está dizendo é negativo, se me permite falar assim. O senhor não oferece nenhum substituto para o trabalho."

E não será qualquer substituição uma outra forma de fuga? Quando uma determinada forma de atividade não é satisfatória ou traz mais conflito, nós nos voltamos para uma outra. Substituir uma atividade por outra sem compreender a fuga é bastante fútil, não acha? São essas fugas, e o nosso apego a elas, que produzem o condicionamento. O condicionamento gera problemas, conflitos. É o condicionamento que nos impede a compreensão do desafio; estando condicionados, nossa resposta deve, inevitavelmente, produzir conflito.

"Como alguém pode se livrar do condicionamento?"

Apenas pela compreensão, tomando consciência de nossas fugas. Nosso apego a uma pessoa, ao trabalho, a uma ideologia, é o agente condicionador; é isso o que precisamos compreender, e não buscar uma forma melhor ou mais inteligente de fugir. Todas as fugas são insensatas, uma vez que elas inevitavelmente causam conflitos. Cultivar o desapego é outra forma de fuga, de isolamento; trata-se do apego a uma abstração, a um ideal chamado desapego. O ideal é fictício, produzido pelo ego, e tornar-se ideal significa fugir daquilo que se é. Só pode existir a compreensão do que é, uma ação adequada em direção ao que é, quando a mente não está mais buscando uma fuga. O próprio pensar sobre o que existe é uma fuga do que existe. Pensar sobre o problema é fugir do problema; pois pensar é o problema, e o único problema. A mente, não querendo ser o que é, com medo do que é, procura essas várias fugas; e a forma de fugir é o pensamento. Enquanto houver pensamento, deve haver fugas, apegos, os quais apenas fortalecem o condicionamento.

A pessoa só se livra do condicionamento se conseguir se livrar do pensamento. Quando a mente está basicamente em silêncio, só então há liberdade para que a realidade exista.

Saanen, 24 de Julho de 1973

Questionador: O senhor poderia abordar a questão de ganhar a vida, de vez que isso requer capacidade, pensamento, conhecimento? Poderia abordar esse assunto?

Krishnamurti: Tendo em vista a forma atual da civilização e da cultura de que fazemos parte, somos criados para trabalhar por nossas vidas; trabalho, trabalho, trabalho, o dia todo. Certo? Quer horror! Ser comandado, ser dirigido, ter sempre alguém a nós dizer o que fazer, ser insultado, ser derrotado. Essa é a cultura na qual crescemos e fomos moldados. E somos educados para nos ajustar a esse molde. Somos educados principalmente para adquirir conhecimentos, para cultivar a memória, bem como para ganhar a vida. Essa é a função primordial da educação tal como a vemos agora. E, portanto, nessa educação há conformação, competição, imitação, ambição e sucesso. O sucesso implica mais dinheiro, melhores posições, uma casa melhor, e assim por diante. Essa é a estrutura na qual crescemos. O conhecimento e o cultivo da memória tornaram-se de fundamental importância para o funcionamento nesse campo, e você descarta totalmente o restante da existência. Isso é um fato.

Nesse ponto você pode argumentar: "Como posso ganhar a vida, pois, embora eu necessite de conhecimento, reconheço a limitação do conhecimento?" Eu preciso ter pão e manteiga, preciso de alimentos, de roupas e de abrigo; quer seja o Estado que os forneça, que eu os consiga com o meu trabalho, dá no mesmo.

O conhecimento é muito limitado; ele é mecânico, e nós tentamos fugir através da religião, através do sexo, através de idiossincrasias,

através das neuroses, através do desejo de nos satisfazer com algo à parte deste mundo. E, no entanto, o que devo fazer? Como viver em harmonia, ter conhecimento, trabalhar com conhecimento e ainda assim livrar a mente desse processo mecânico de aprender, de maneira que os dois possam caminhar juntos? De maneira que a mente viva vá para a fábrica, trabalhe sem competir, pois não está preocupada em conquistar uma posição. Ela está preocupada apenas em conseguir um bom modo de viver. Não sei se você percebe a diferença. Ela também percebe com clareza o que é estar livre do conhecido, do que é conhecimento, do que é passado. Podem essas duas correntes seguir lado a lado em harmonia durante todo o tempo? Esse é o nosso problema. Não o problema de ganhar mais, cada vez mais, como a sociedade quer, o que vem a ser o consumismo, o comércio — todos os truques lançados contra a sua mente para fazer você comprar, e comprar, e comprar. Eu não farei isso. Percebo a falsidade disso. E vejo ao mesmo tempo a liberdade, a liberdade do conhecido, que é o conhecimento. Podem essas duas forças trabalhar juntas durante todo o tempo, de forma a não haver atritos?

Bem, mas o que vem a ser harmonia? Compreende, esse é o problema. Vejo que preciso ganhar a vida. Eu não lutarei, não competirei, irei trabalhar porque empenhei meu cérebro e minha capacidade nisso; portanto, eu trabalho com eficiência porque não tenho problemas psicológicos com o trabalho; não competirei com ninguém, portanto minha capacidade, minha energia, minha forma de escrever, de produzir ou o que quer que seja, é completa. Portanto, não existe conflito, não existe desperdício de energia. Espero que percebam isso.

E, assim, pergunto: O que é harmonia? Eu afirmo que é preciso que haja harmonia entre os dois. Mas o que é essa harmonia? Pode a harmonia, essa sensação de equilíbrio, essa sensação de bom senso, essa sensação de plenitude — de trabalhar, de ter conhecimento e de estar livre do conhecimento, que é a totalidade —, pode essa sensação de plenitude ser produzida pelo pensamento, pela pesquisa, pela leitura, pela busca, pelas perguntas? Ou será que essa plenitude surge através do pensamento? O pensamento não pode produzi-la, é óbvio. Percebendo então que o pensamento não pode produzi-la, percebendo que posso trabalhar com eficiência, com plena energia porque não

tenho problemas psicológicos e, portanto, estou trabalhando apenas para ganhar uma vida de auto-suficiência, vejo que tudo isso precisa funcionar em conjunto. E só pode funcionar em conjunto quando há inteligência. Por conseguinte, inteligência é harmonia.

É a inteligência que diz: trabalhe apenas para ganhar a vida; não por ambição, não por competição, não para ter sucesso e tudo o mais. Trabalho. Isso é vida. Foi a inteligência quem me disse, não foi uma conclusão. E a inteligência me diz também: a liberdade é necessária. Assim, a inteligência afirma que é preciso que haja harmonia. Então a inteligência produz essa harmonia. Não é um agente externo ou o pensamento quem produz essa harmonia. Bem, mas não sei se perceberam que o pensamento está sempre do lado de fora. O pensamento vem sempre de fora. Outro dia me disseram que na língua dos esquimós pensamento significa do lado de fora. Sendo assim, o pensamento não pode jamais produzir harmonia, equilíbrio, essa sensação de totalidade.

Mas o que é que produz essa sensação total de integridade, essa sensação de equilíbrio mental, de plenitude? A inteligência — que não é a aceitação intelectual de uma idéia; não é o produto da razão, da lógica, embora a razão e a lógica sejam necessárias, mas a inteligência não é resultado disso; ela é a percepção da verdade, da qual decorre a sabedoria. A sabedoria é filha da verdade, e a inteligência é filha da sabedoria — certo? Percebem isso? Pensem nisso. Compreendem? Olhem para isso, bebam isso. E então é isso: vocês não precisam lutar, ler livros e passar por todas as torturas da vida.

Saanen, 3 de Agosto de 1973

Krishnamurti: O que devo fazer, vivendo neste mundo, tendo que ganhar a vida, precisando ter roupas, alimento, moradia e lazer? Como devo proceder, conhecendo a causa dessa solidão, que é, digamos, a ambição, o espírito de competição? Como posso viver sem ambição, sem a competição própria deste mundo? Vamos, isto é a vida de vocês.

Questionador: Qual é a característica da seriedade?

K: Perguntei uma coisa e você respondeu outra. Estou perguntando como devo viver neste mundo, ganhar a vida, e ainda assim não me tornar ambicioso, nem competitivo e nem conformado. Como devo viver, de vez que me sinto terrivelmente só e percebo que a solidão nasceu da competição, da ambição, e assim por diante. Essa é a estrutura da sociedade em que vivo, essa é a cultura em que vivo. O que devo fazer?

Q: Preciso examinar as minhas reais necessidades.

K: Não é "preciso". Falando dessa forma você está falando de idéias. Você resolveria o problema da ambição reduzindo à metade as suas necessidades? Preciso de quatro pares de calças, de meia dúzia de camisas e de meia dúzia de sapatos, ou o que quer que seja — isso é tudo o que preciso. Mas ainda assim sou ambicioso. Saia disso!

Q: Como mudarei a minha conduta?

K: Não vou lhe mostrar isso. Tenha um pouco de paciência, acompanhe passo a passo e você descobrirá por si mesmo. Veja, vou repetir a questão uma vez mais. Sinto-me só; essa solidão foi produzida por uma atividade que girava em torno de mim mesmo, e uma de suas formas é a ambição, a cobiça, a inveja, a competitividade, a imitação. Preciso viver nesta sociedade que me obriga a me amoldar a ela, que me torna ambicioso, que encoraja a hipocrisia e tudo o mais. Como posso aprender um modo de viver e, ainda assim, não ser ambicioso, porque a ambição é uma forma de isolamento? Eu sou solitário — compreende? — portanto, como posso viver sem ambição neste mundo? E todos vocês são ambiciosos.

Q: Use toda a sua mente e energia para compreender isso.

K: Eu desisto! Você não se aplica, você não diz, "Olhe, eu sou ambicioso — eu sou ambicioso de dez maneiras diferentes —; espiritualmente, psicologicamente, fisicamente, e assim por diante. Eu sou ambicioso. Eu criei esta sociedade através da ambição, e essa ambição provocou este sentimento de isolamento, que é solidão, e eu tenho que viver neste mundo, e não quero ser solitário. Isso não significa coisa alguma. Portanto, eu pergunto, como posso viver neste mundo sem ambição, viver no meio de vocês, que são ambiciosos, sendo que eu não quero ser ambicioso? Como faço para viver com vocês?

Vocês não conhecem o perigo da ambição?... Este é um mundo tão maravilhoso!... Eu estou lhes mostrando que vocês são ambiciosos. Vocês não encaram essa questão, vocês dão a volta.

Q: O que é a ambição?

K: É tentar ser alguma coisa diferente do que você é. Ouçam. Eu disse que ambição significa transformar o que você é em alguma coisa que você acredita que é desejável, alguma coisa que você acredita que vai lhe dar mais poder, posição, prestígio. Ambição é escrever alguma coisa e esperar que venda um milhão de cópias, e assim por diante. E é nessa sociedade que eu sou forçado a viver. E eu verifico que isso me trouxe solidão, e vejo como é tremendamente

perniciosa essa solidão, porque ela impede o meu relacionamento com o outro. Assim, vejo a natureza destrutiva da ambição. Então, que devo fazer?

Q: Descubra uma pessoa que não seja ambiciosa.

K: E vocês não são ambiciosos? Será que tenho de sair e procurar outras pessoas? Do que vocês estão falando? Vocês não estão falando sério.

Estou perguntando a mim mesmo: Eu sou solitário — a ambição, a cobiça e a competição criaram esta solidão — e eu vejo a sua natureza destrutiva. Ela realmente impede a afeição, o carinho, o amor, e para mim tudo isso é tremendamente importante. A solidão é terrível, é destrutiva, é venenosa. Bem, mas como devo fazer para viver com vocês que são ambiciosos, de vez que tenho que viver com vocês; preciso ganhar a minha vida. O que devo fazer?...

Vocês não percebem. Eu estou me consumindo. Estou querendo fervorosamente compreender esse problema. Isso está me consumindo, porque isso é toda a minha vida e vocês estão brincando com isso. Eu estou só, desesperado, percebo a natureza destruidora, e quero resolver a questão. E, no entanto, eu tenho que viver com vocês; viver neste mundo que é ambicioso, cheio de cobiça e violência. O que devo fazer? Eu lhes mostrarei. Mas mostrar não é a mesma coisa que fazer. Eu lhes mostrarei.

Posso viver num mundo tremendamente ambicioso e, conseqüentemente, desonesto, traiçoeiro? E como faço para viver nesse mundo, uma vez que não quero me tornar ambicioso? Já vi qual é o resultado da ambição — a solidão, o desespero, a feiúra, a violência, e assim por diante. Então pergunto a mim mesmo: como faço para viver com vocês, que são ambiciosos? E eu, serei ambicioso? Não qualquer outra pessoa, não o mundo, porque o mundo sou eu; eu sou o mundo, e para mim isso é uma realidade terrível, e não apenas uma frase. Então eu sou ambicioso? Agora irei aprender. Vou observar e descobrir se sou ambicioso, não apenas numa única direção, mas em toda a minha vida. Não a ambição de vir a possuir uma casa maior, a ambição de ter sucesso, a ambição de atingir um resultado, dinheiro, mas também

a ambição de transformar "o que existe" no estado perfeito. Eu sou feio e quero transformar isso no estado da mais completa beleza. Tudo isso e muito mais é ambição. E eu observo isso. Esta é a minha vida, compreendem? Vou observar isso com paixão, e não apenas me sentar e discutir o assunto. Estou observando isso noite e dia porque verifiquei que na verdade isso é o que existe de mais terrível, porque ela é altamente destrutiva no relacionamento. E os seres humanos não podem viver sozinhos. A vida é relacionamento. A vida é ação nesse relacionamento. Se nesse relacionamento existir isolamento, será total a inação. Eu verifico isso, não verbalmente, mas como uma realidade causticante.

Agora estou atento. Tenho a ambição de transformar "as coisas como são" nas "coisas como deveriam ser", no ideal? Compreende? Transformar o "o que é" em "o que deveria ser" é uma forma de ambição. Estou fazendo isso? Ou melhor, "você" está fazendo isso? Porque, quando eu digo "eu", estou falando de você. Não fuja. Estou falando de você quando me refiro a mim porque você é eu. Porque você é o mundo, e eu sou parte desse mundo.

Então observo, e digo, sim, eu quero transformar o "o que é" em "o que deveria ser". E eu me certifico do absurdo que é isso. Trata-se de parte de uma ambição que me foi dada pela minha educação, pela minha cultura, pela minha tradição. A escola "A" é melhor que a escola "B"; portanto, copiem a escola "A" — vocês conhecem muito bem esse tipo de coisa. As religiões afirmam: mude do que você é para o que você deveria ser. Então percebo a falsidade que há nisso, e eu descarto isso totalmente. Não vou mexer nisso. Então eu aceito "as coisas como são". Esperem um pouco. Eu vejo "as coisas como são", e percebo que "as coisas como são" não são suficientemente boas. Então, como vou transformá-las sem a ambição de transformá-las em algo diferente?

Então vejo do que se trata; sou ambicioso. Não quero transformar isso em falta de ambição. Sou violento; não quero transformar isso em não-violência. Mas essa violência tem que passar por uma mudança radical. Bem, mas o que farei com ela? O que deve fazer a minha mente, que foi treinada, educada, disciplinada para ser ambiciosa e violenta? Quando descubro que mudar isso em outra coisa

ainda é violência, não prossigo mais por esse caminho. E sou deixado com "as coisas como são", que é a violência. Então, o que acontece? Como devo observar isso, como a mente deve observar isso sem querer mudá-lo?

Como a mente deve proceder para mudar de forma tão completa essa ambição educada e sofisticada para que não reste nem um vestígio de ambição? Todos os dias observo como é ativa a minha ambição. Porque sou muito sério, porque a solidão é uma coisa terrível para o relacionamento, e o homem não pode viver isolado. Ele pode fingir, pode dizer que ama, mas ainda assim lutar com o outro. Assim, como a mente pode transformar totalmente o que chamamos de ambição? Qualquer forma de exercício de vontade é, ela mesma, ambição. Tudo isso é observação. Vejo que qualquer forma de exercício de vontade para transformar "as coisas como são" é outra forma de ambição. Descobri isso. A descoberta disso me deu energia, de maneira que posso pôr de lado a vontade. A mente diz que isso acabou; eu jamais, em circunstância alguma, exercitarei a vontade — porque ela é parte da ambição.

E vejo que o conformismo é outra das reações educadas da cultura em que vivo — conformismo em relação aos cabelos longos, aos cabelos curtos, às calças curtas, à saia curta, amoldar, amoldar externa e internamente; tornar-se budista, católico, muçulmano; amoldar-se. Desde a infância tenho sido forçado, educado e compelido a me conformar. O que acontece quando eu me conformo? Há uma luta, não é verdade? Conflito — eu sou isso, você quer que eu seja aquilo. Então há o conflito, o desperdício de energia, o medo de que eu não seja o que você espera que eu seja. Assim, o confrontar-se, a vontade, o desejo de mudar "as coisas como são", tudo isso faz parte da ambição. Estou observando isso. Então eu observo e digo: "Eu não vou me conformar." Eu compreendo o que vem a ser conformar-se: estou me conformando quando visto calças; estou me conformando quando mantenho a esquerda ou a direita nas estradas; estou me conformando quando aprendo uma língua; estou me conformando quando aperto as mãos de alguém. Então eu estou me conformando numa certa direção, em certos níveis, e em outros níveis eu não estou me conformando porque isso é parte do isolamento. Então, o que aconteceu?

O que aconteceu à mente que observou as atividades da ambição — conformar-se, vontade, desejo de mudar "aquilo que existe" naquilo "que deveria existir", e assim por diante? Todas essas são atividades da ambição que produziram esse sentimento de solidão desesperadora. Então acontecem todos os tipos de atividades neuróticas. E como já pude observar, examinar, sem fazer nada a respeito, então dessa observação a atividade da ambição chegou a um fim, porque a mente ficou extremamente sensível à ambição. Tudo se passa como se ela não pudesse mais suportar a ambição; então, por ter ficado muito sensível, ela ficou extraordinariamente inteligente. Ela diz: "Como viverei neste mundo sendo altamente sensível, inteligente e, portanto, sem ambição?"

Como farei para viver com vocês que são ambiciosos? Temos algum relacionamento entre nós? Vocês são ambiciosos e eu não. Ou vocês não e eu sim — não importa. Qual é o nosso relacionamento?

Q: Não há nenhum relacionamento.

K: Então o que devo fazer? Porque eu verifico que a vida é relacionamento. Você é ambicioso e eu talvez não o seja. E percebo que não temos relacionamento porque você segue esse caminho e eu sigo aquele, ou eu estou parado e você segue adiante. Qual é o nosso relacionamento? E, no entanto, eu não posso viver isolado.

Olhe para isso, absorva isso, cheire e prove isso, e então você poderá responder. O que devo fazer, vivendo neste mundo, que é feito de ambição, de cobiça, de hipocrisia e de violência; tentando mudar uma coisa em outra, você sabe que tudo isso está acontecendo. E eu percebo que tudo isso resulta em solidão e destrói o relacionamento... A mente chegou a esse ponto quando ela teve de enfrentar uma multidão, uma civilização, um mundo no qual o veneno da ambição é predominante. E essa mente não irá tolerar psicológica e fisicamente nenhuma forma de ambição. No entanto, ela tem de viver aqui. O que deve fazer?

Eu agora lhes pergunto. Digamos que sou ambicioso. Vocês não são ambiciosos. Qual é o nosso relacionamento?

Q: Não existe relacionamento.

K: Não existe relacionamento? O que se passa então?

Q: Completo isolamento.

K: O senhor não entendeu bem a questão, que é o seguinte: quando a mente tiver observado a atividade da ambição, quando a mente tiver observado tudo isso e tiver visto a falsidade e, portanto, a verdade disso tudo, ela fica muito sensível e vê todas as correntes da ambição. Portanto, a mente é inteligente. Ela ficou inteligente no sentido de que, através da observação da corrente e das sutilezas da ambição, ela verifica que a ambição é um veneno. Sendo altamente sensível à ambição e, portanto, inteligente, a mente tem que viver com você. Ela não pode se isolar. Porque ela vê que o isolamento é que causou toda essa confusão que vemos em torno de nós. Mas, como ela fará para viver com você? Você está indo naquela direção, e a pessoa não-ambiciosa pode não seguir por essa direção ou pode não seguir direção alguma.

Uma mente assim não está isolada, não é verdade? O isolamento, que é solidão, acontece quando existem todas as atividades da ambição. Quando não há atividades de ambição não existe solidão. Tomei um exemplo examinando a causa da solidão. Uma vez compreendida uma das causas da solidão, terei compreendido todas as outras causas. Porque nesta causa em particular está incluído o ato de se conformar; está incluída a vontade, a vontade de mudar isso naquilo de forma a se tornar algo diferente, de forma a se tornar maior, mais nobre, mais sábio, mais rico, e assim por diante. Tudo isso eu descubro nesse único ato de ambição.

❖

Para mim, ser ambicioso é algo aterrador. Eu verifiquei isso, e vejo a feiúra, a falsidade disso, não verbalmente, mas verdadeiramente. Portanto, o que ocorre? É como ver um precipício; não se trata de uma abstração: quando eu vejo um precipício eu fujo dele,

se estou bom da cabeça. E por isso eu me torno solitário? É claro que não. Eu sou independente. Compreende? Meu relacionamento com você então é que eu sou independente e você não é; portanto, você irá me explorar. Você irá me usar para satisfazê-lo, e eu digo: "Não faça isso; é uma perda de tempo." Assim, o relacionamento baseado na solidão é uma coisa, mas o relacionamento baseado na não-solidão, na completa independência, é outra.

Chegamos a um ponto maravilhoso. O relacionamento nascido da solidão resulta em grandes desgraças. Ouçam bem isso. Não digam: "Eu preciso viver dessa forma." É como cheirar uma flor; cheirem apenas. Vocês nada podem fazer a respeito; vocês não podem criar uma flor, podem apenas destruí-la. Portanto, cheirem apenas, olhem para a flor, para a sua beleza, para as pétalas, a delicadeza, a extraordinária qualidade da suavidade; você sabe o que é uma flor. Prestem atenção no que estou dizendo; ouçam isto. O relacionamento nascido da solidão leva ao conflito, à desgraça, ao divórcio, a brigas, a disputas, a insuficiência sexual. E dessa solidão nascem todas as desgraças no relacionamento. Então, o que ocorre quando não há solidão, quando há completa auto-suficiência, quando não há dependência? Compreende? Quando não existe dependência, o que acontece? Eu amo você. Você pode não me amar, mas eu amo você — assim está bom. Compreende? Eu não quero que você diga que também me ama. Eu não me importo. Como a flor, isso está ali para ser olhado, para ser cheirado, para que se veja a sua beleza. A flor não diz "Me ame". Ela está ali. Portanto, está relacionada com tudo. Compreende? Pelo amor de Deus, apreendam isso. E na grande profundidade e beleza da suficiência — na qual não existe nem solidão nem ambição — existe realmente o amor, e o amor está relacionado com a natureza. Se você o quer, ele está ali; se não o quer, isso não importa. Essa é a beleza de tudo o que eu disse.

De Verdade e Realidade, *Capítulo 10, Saanen, 25 de Julho de 1976*

Ganhar a Vida Corretamente

Questionador: Será necessário ter um motivo nos negócios? Qual o motivo certo ao se ganhar a vida?

Krishnamurti: Qual é para você a forma correta de ganhar a vida? — não o que é mais conveniente, não o que é mais lucrativo, prazeroso ou vantajoso; mas a forma correta de ganhar a vida? Bem, mas como você irá descobrir o que é correto? A palavra *correto* significa "direito, preciso". E não pode ser "preciso" se você faz algo por lucro ou prazer. Essa é uma questão bastante complexa. Tudo o que o pensamento construiu é realidade. Este pavilhão onde está ocorrendo este debate foi erguido pelo pensamento; ele é uma realidade. A árvore não foi gerada pelo pensamento, mas ela é uma realidade. As ilusões são realidade — as ilusões de uma pessoa, a imaginação, tudo isso é realidade. E a ação resultante dessas ilusões é neurótica, o que também é realidade. Assim, quando você faz esta pergunta, "O que é o viver certo?", você precisa entender o que é realidade. Realidade não é verdade.

Bem, qual é a atitude correta nessa realidade? E como fará você para descobrir o que é certo nessa realidade? — descubra por você mesmo, não deixe que lhe contem. Assim, temos de descobrir qual a atitude precisa, correta, certa, ou a forma correta de ganhar dinheiro num mundo de realidade, sendo que a realidade inclui a ilusão. Não

fuja, não tente escapar; a crença é uma ilusão, e as atividades da crença são neuróticas; o nacionalismo e tudo o mais é uma outra forma de realidade, mas é também uma ilusão. Então, tomando tudo isso como realidade, qual é, no caso, a atitude correta?

E quem irá dizer isso para você? Ninguém, é óbvio. Mas quando você enxerga a realidade sem ilusão, a própria percepção dessa realidade é a sua inteligência — não é verdade? — na qual a realidade e a ilusão não se misturam. Assim, quando existe a observação da realidade, a realidade da árvore, a realidade da cabana, a realidade que o pensamento produziu, incluindo-se as visões, as ilusões, quando você enxerga toda essa realidade, a própria percepção disso é a sua inteligência — não é mesmo? Portanto, sua inteligência diz o que você irá fazer. Será que você entende isso? A inteligência serve para perceber o que é e o que não é — para perceber "o que é" e enxergar a realidade "o que é", o que significa que você não precisa ter nenhum envolvimento psicológico, nenhuma exigência de ordem psicológica, que não passam de formas de ilusão. Perceber tudo isso é inteligência; e essa inteligência atuará onde quer que você esteja. Portanto, ela lhe dirá o que fazer.

Mas, então, o que é a verdade? Qual a ligação entre realidade e verdade? A ligação é essa inteligência. Inteligência que enxerga a totalidade da realidade e, portanto, não a transporta para a verdade. E a verdade então age sobre a realidade, através da inteligência.

Ojai, 3 de Abril de 1977

Quando não existe conflito interior, não existe conflito externamente, porque não há diferença entre o interior e o exterior. É como o movimento da maré: o mar vai e vem... E se eu tenho que ganhar a vida, o que farei, se não tenho nenhum tipo de conflito psicológico? Sabe o que isso significa? Porque não há conflito, não há ambição, não há desejo de ser alguma coisa. Interiormente, existe algo que é absolutamente inviolável, que não pode ser tocado, que não pode ser danificado; então eu não dependo, psicologicamente, de ninguém. Portanto, não existe conformismo.

Assim, não havendo nada disso, então eu farei o que eu puder no mundo, serei um jardineiro, um cozinheiro, qualquer coisa. Mas você está muito condicionado pelo sucesso e pelo fracasso. Sucesso no mundo, dinheiro, posição, prestígio, você sabe, tudo isso, e é por tudo isso que estamos lutando. A consciência humana está pesadamente condicionada pelo sucesso, e pelo medo do fracasso. Para ser alguma coisa, não apenas externamente, mas interiormente. Eis por que vocês aceitam todos os gurus, porque vocês esperam que eles os conduzam a algum tipo de iluminação, a algum tipo de bobagem ilusória. Não que não haja algo absolutamente verdadeiro, mas ninguém pode levá-lo a isso.

Portanto, toda a nossa consciência, ou a maior parte dela, é condicionada para aceitar, para viver uma vida de luta constante, porque queremos adquirir, queremos nos tornar, queremos desempenhar um determinado papel, queremos realizar, e tudo isso implica a negação daquilo "que existe" e a aceitação daquilo "que deveria existir". Se observarem a violência, a palavra *violência* já é contaminada — a

própria palavra — porque existem pessoas que a aprovam, pessoas que não a aprovam; já está deformada. E toda a filosofia da não-violência, politicamente, religiosamente, e tudo o mais. Existe a violência e o seu oposto, a não-violência. O oposto tem raiz "naquilo que existe". Mas acreditamos que, por ter um oposto, por algum extraordinário mecanismo ou método, nos livraremos daquilo "que existe" — ou seja, daquilo "que existe" e daquilo "que deveria existir". Para chegar ao "que deveria existir", você precisa de tempo. Veja tudo aquilo porque estamos passando, a desgraça, o conflito, o absurdo de tudo isso. "O que existe" é violência, e "o que deveria existir" é não-violência. Assim, dizemos que precisamos de tempo para chegar à não-violência, dizemos que precisamos fazer um esforço, que precisamos lutar para não sermos violentos. Essa é a filosofia, esse é o condicionamento, essa é a tradição.

Bem, mas você pode deixar de lado o oposto e olhar apenas a violência, que é um fato. A não-violência não é um fato. A não-violência é uma idéia, um conceito, uma conclusão. Mas o fato é a violência, é a sua raiva, é o fato de você odiar alguém, de você querer magoar alguém; raiva, ciúme, tudo isso são implicações da violência. Agora, você pode analisar esse fato sem introduzir o seu oposto. Compreende? Então você tem a energia — que está sendo gasta na tentativa de atingir o oposto — para observar "aquilo que existe". Nessa análise não há conflito.

Então, o que fará o homem que compreendeu esta existência extraordinariamente complexa baseada na violência, no conflito, na luta; que está realmente, não teoricamente, mas verdadeiramente livre, o que significa, sem conflito? O que fará ele no mundo? Você fará essa pergunta — se você está interiormente, psicologicamente, completamente livre dos conflitos? Fará?

A sociedade está baseada no conflito. Mas a sociedade é aquilo que você fez dela; você é responsável por ela, porque você tem cobiça, é invejoso, violento, e a sociedade é o que você é. Então, não existe diferença entre você e a sociedade. Esses são fatos. Mas você se separa da sociedade e diz: "Eu sou diferente da sociedade", o que é uma grande bobagem. Se existe uma completa transformação na estrutura da sociedade — que é violência, imoralidade, e tudo o mais

— em você, você afeta a consciência da sociedade. E quando você está livre interiormente, será que você alguma vez fez esta pergunta: "O que devo fazer no mundo exterior?" Responda para você mesmo, descubra qual a resposta para você mesmo, porque então você, interiormente, terá transformado alguma coisa para a qual o homem está condicionado — esta constante luta, luta, luta...

De Comentários Sobre a Vida, Terceira Série, *Capítulo 48*

O que Devo Fazer?

Soprava um vento fresco e frio. Não era do ar seco do semideserto que havia nos arredores, mas provinha das montanhas distantes. Essas montanhas estavam entre as mais altas do mundo, formavam uma grande cadeia que ia do Noroeste para o Sudeste. Eram imponentes e sublimes, formavam uma visão incrível quando se as via ao romper da manhã, antes que o sol banhasse a terra adormecida. Seus picos elevados, com delicado brilho róseo, possuíam uma claridade que se destacava contra o céu de pálido azul. À medida que o sol se erguia, as planícies se cobriam de grandes sombras. Logo esses misteriosos picos desapareceriam nas nuvens, mas antes que se retirassem deixariam suas bênçãos sobre os vales, os rios e as cidades. Embora não fossem mais visíveis, podia ainda sentir-se sua presença silenciosa, imensa e eterna.

Um mendigo se aproximava pela estrada, cantando; ele era cego e uma criança o conduzia. As pessoas passavam por ele e, de vez em quando, alguém depositava uma moeda ou duas na pequena lata que ele carregava em uma das mãos; mas ele prosseguia com sua canção, indiferente ao ruído das moedas. Um servo, saindo de uma casa, colocou uma moeda na lata, murmurou algo e voltou, fechando o portão atrás de si. Os papagaios estavam soltos naquele dia e voavam ruidosamente, amalucadamente. Iam para os campos e florestas, mas lá pelo final da tarde voltavam para passar a noite nas árvores

que margeavam a estrada; era mais seguro ali, embora as luzes da rua ficassem quase que entre as folhas. Muitos outros pássaros parece que passavam o dia na cidade e vários deles tentavam caçar minhocas que dormiam em um gramado enorme. Um garoto passou por ali tocando sua flauta. Era magro e estava descalço; havia certa arrogância no seu andar e seus pés pareciam não se preocupar com o lugar onde pisavam. Ele era a flauta e a canção estava em seus olhos. Caminhando atrás dele, tinha-se a impressão de que ele era o primeiro menino do mundo a ter uma flauta. E, de certa forma, era; pois ele não dava a menor importância ao carro que passava velozmente ao seu lado, ou ao policial parado na esquina, pesado de sono, nem à mulher com um pacote na cabeça. Ele estava perdido para o mundo mas sua canção prosseguia.

E agora o dia rompera.

A sala não era muito grande, e os poucos que tinham vindo não chegavam a lotar suas dependências. Eles eram de todas as idades. Havia um velho com uma filha muito jovem, um casal, e um estudante. Eles evidentemente não se conheciam, e cada um estava ávido por falar de seus problemas, sem entretanto desejar interferir com os outros. A garota sentava-se ao lado do pai, muito quieta e tímida; ela devia ter por volta de dez anos. Vestia roupas novas e havia uma flor em seus cabelos. Permanecemos todos sentados sem dizer palavra. O estudante aguardava que os mais velhos falassem, mas o velho preferia deixar os outros falar primeiro. Por fim, algo nervoso, o jovem começou.

"Estou no meu último ano da faculdade, onde venho estudando engenharia, mas de alguma forma parece que eu não me interesso por carreira nenhuma em particular. Eu simplesmente não sei o que quero fazer. Meu pai, que é advogado, não se importa com o que eu faça, desde que eu faça alguma coisa, é claro; como estou estudando engenharia, ele gostaria que eu me tornasse um engenheiro, mas eu não tenho o menor interesse por isso. Eu disse isso a ele, mas ele argumenta que o interesse surgirá assim que eu me dedicar a isso para ganhar a vida. Tenho alguns amigos que seguiram diferentes carreiras e que agora estão ganhando a vida a seu modo; mas a maioria deles já está ficando aborrecido e cansado, e o que eles se tornarão

dentro de poucos anos só Deus sabe. Não quero ser desse jeito — e tenho a certeza de que ficarei assim se me tornar um engenheiro. Não se trata de ter medo dos exames; eu posso passar com facilidade, e não estou me gabando. Simplesmente eu não quero ser um engenheiro, e nada parece me interessar também. Escrevi um pouco e dediquei-me um pouco à pintura, mas esse tipo de ocupação não vai me levar muito longe. A única preocupação de meu pai é me conseguir um emprego, e ele poderia me arranjar um muito bom; mas eu sei o que me acontecerá se eu o aceitar. Sinto que gostaria de jogar tudo para o alto e deixar a faculdade sem esperar os exames finais."

Isso parece uma tolice, não é mesmo? Afinal, você quase terminou a faculdade; por que não terminá-la? Que mal há nisso?

"Nenhum, suponho. Mas o que farei depois?"

Além das carreiras usuais, o que você gostaria realmente de fazer? Você deve ter algum interesse, ainda que vago. Em algum lugar, bem lá no fundo, você sabe, não é verdade?

"Sabe, eu não quero ficar rico; não tenho interesse em constituir família e não quero me tornar escravo de uma rotina. A maioria de meus amigos que tem empregos, ou que se dedicaram a carreiras, estão presos ao escritório da manhã à noite. E o que eles tiram disso? Uma casa, a mulher, alguns filhos — e monotonia. Para mim, essa é realmente uma perspectiva assustadora, e não quero me aprisionar a ela; mas ainda assim não sei o que fazer."

De vez que já pensou tanto no assunto, será que não tentou descobrir onde está o seu verdadeiro interesse? O que diz sua mãe?

"Ela não se importa com o que eu faça, contanto que eu esteja seguro, o que significa estar seguramente casado e amarrado; assim, ela apóia o meu pai. Em minhas caminhadas, tenho pensado bastante sobre o que eu realmente gostaria de fazer, e já conversei bastante sobre isso com meus amigos. Mas a maior parte de meus amigos está debruçada sobre uma carreira ou outra, e não adianta muito conversar com eles. Uma vez que se dedicam a uma carreira, qualquer que seja ela, eles pensam que é a coisa certa a fazer — dever, responsabilidade, e tudo o mais. Eu simplesmente não quero ficar preso

à mesma rotina monótona. Mas o que realmente quero fazer? Eu gostaria de saber."

Você gosta das pessoas?

"De maneira vaga. Por que pergunta?"

Talvez você se interessasse em fazer algo na linha do trabalho social.

"É curioso ouvir isso. Já pensei em me dedicar ao trabalho social, e durante algum tempo convivi com pessoas que dedicam sua vida a isso. Falando de modo geral, são pessoas secas, frustradas, assustadoramente preocupadas com os pobres, incessantemente ativas em tentar melhorar as condições sociais, mas infelizes por dentro. Conheço uma moça que daria o braço direito para casar e ter família, mas seu idealismo a está destruindo. Ela está presa à rotina de fazer boas obras, e tornou-se terrivelmente bem disposta acerca de seu tédio. Trata-se de um idealismo sem talento, sem alegria interior."

Suponho que a religião, no sentido usual, não significa nada para você?

"Quando eu era menino, costumava ir com minha mãe à igreja, com seus padres, preces e cerimônias, mas não tenho mais ido há muitos anos."

Isso também vira rotina, uma sensação repetitiva, uma vida baseada em palavras e explicações. A religião é muito mais do que isso. Você é algum aventureiro?

"Não no sentido comum da palavra — escalar montanhas, explorações polares, mergulhar nas profundezas do mar, e assim por diante. Não estou me fazendo de superior, mas para mim parece que há algo de imaturo em tudo isso. Eu não poderia escalar montanhas mais do que caçar baleias."

E sobre a política?

"O jogo político habitual não me interessa. Tenho alguns amigos comunistas, e já li algum material deles, e em certa época pensei em me ligar ao partido; mas não suporto sua conversa de duplo sentido, sua violência e tirania. E é isso o que eles realmente defendem, não importa qual seja sua ideologia oficial e sua conversa sobre a paz. Passei rapidamente por essa fase."

Eliminamos muita coisa, não é mesmo? Se você não quer nada disso, então o que sobra?

"Não sei. Será que sou ainda muito jovem para saber?"

Não é uma questão de idade, não é mesmo? A insatisfação faz parte da existência, mas em geral encontramos uma forma de domesticá-la, quer seja através de uma carreira, quer seja através do casamento, através de uma crença ou através do idealismo e das boas ações. De uma forma ou de outra, a maioria de nós consegue amainar a chama do seu descontentamento, não é verdade? Depois de a aplacarmos com sucesso, pensamos que afinal somos felizes — e pode ser que sejamos, pelo menos no momento. Mas, em vez de aplacar essa chama do descontentamento com alguma forma de satisfação, será possível mantê-la sempre ardendo? E será então descontente?

"O senhor quer dizer que eu deveria permanecer tal como estou, insatisfeito com tudo em torno de mim e dentro de mim, e não buscar algum tipo de ocupação satisfatória que faria com que esse fogo se apagasse? É isso o que o senhor quer dizer?"

Ficamos descontentes porque acreditamos que deveríamos ficar contentes; a idéia de que deveríamos estar em paz conosco mesmos torna penoso o descontentamento. Você acredita que deveria ser alguém, não é mesmo? — uma pessoa responsável, um cidadão útil, e tudo o mais. Com a compreensão do descontentamento, você pode ser tudo isso e muito mais. Mas você quer fazer algo satisfatório, algo que vá ocupar a sua mente e, assim, pôr fim a esse distúrbio interior. Não é assim?

"De certa maneira é, mas eu agora vejo ao que leva essa ocupação."

A mente ocupada torna-se embotada, rotineira; em essência, ela é medíocre. Porque se estabeleceu no hábito, na crença, numa rotina respeitável e lucrativa, a mente se sente segura, tanto interior quanto exteriormente; e, portanto, deixa de ser perturbada. Isso é verdade, não é mesmo?

"Em geral, sim. Mas o que devo fazer?"

Você pode descobrir a solução se examinar melhor essa questão da sensação de descontentamento. Não pense nisso em termos de ficar contente. Descubra por que isso existe, e se não se deve deixar

que continue a arder. Afinal de contas, você não está particularmente preocupado com ganhar a vida, está?

"Falando francamente, não estou. Sempre se pode viver de uma forma ou de outra."

Então, esse não é o seu problema em absoluto. Mas você não quer ficar preso a uma rotina, nas rodas da mediocridade; não é com isso que você está preocupado?

"Parece que sim, senhor."

Não ser cativo dessa forma requer trabalho duro, observação incessante: significa não chegar a conclusão alguma como ponto de partida para prosseguir pensando. E é porque a mente parte de uma conclusão, de uma crença, da experiência, do conhecimento, que ela se prende a uma rotina, a uma rede de hábitos, e então o fogo do descontentamento se apaga.

"Vejo que o senhor está absolutamente certo e eu agora compreendo em que realmente tenho estado pensando. Eu não quero ficar igual àqueles cuja vida é rotina e tédio, e digo isso sem nenhum sentimento de superioridade. Perder-se em várias formas de aventura é igualmente sem sentido; e não quero também apenas ficar contente. Comecei a enxergar, ainda que vagamente, numa direção que nem sequer suspeitava que existisse. E será essa direção aquilo a que o senhor se referia no outro dia em sua palestra quando falava de um estado, ou de um movimento, que é eterno e sempre criativo?"

Talvez. A religião não é uma questão de igrejas, de templos, de rituais e de crenças; é a descoberta, momento a momento, desse movimento, que pode ter qualquer nome ou nenhum nome.

"Temo que tenha abusado do tempo que me cabia", disse ele, dirigindo-se aos outros. "Espero que não se importem."

"Ao contrário", replicou o velho, "eu de minha parte ouvi tudo com muita atenção, e aproveitei bastante; eu, também, enxerguei algo além do meu problema. Ao ouvir em silêncio os problemas dos outros, nossas cargas às vezes ficam mais leves."

Ele permaneceu em silêncio por um minuto ou dois, como se a considerar a forma de expressar aquilo que queria dizer.

"Pessoalmente, atingi uma idade", prosseguiu ele, "em que não pergunto mais o que irei fazer; em vez disso, olho para trás e penso

no que fiz com a minha vida. Eu também fui à faculdade, mas eu não era tão pensativo quanto o nosso amigo aqui. Depois de me formar na faculdade, parti em busca de trabalho e, uma vez tendo encontrado um emprego, passei os quarenta e poucos anos seguintes ganhando a vida e sustentando uma família bastante grande. Durante todo esse tempo, fiquei preso à rotina do escritório a que me referi, e aos hábitos da vida familiar, e conheço seus prazeres e atribulações, suas lágrimas e alegrias passageiras. Envelheci lutando, me desgastando, e nos últimos anos meu declínio foi mais acentuado. Olhando para trás, para tudo isso, eu agora me pergunto: 'O que você fez com a sua vida? Além da família e do emprego, o que você realmente realizou?'"

O velho fez uma pausa, antes de responder à própria pergunta.

"Ao longo dos anos, liguei-me a diversas associações em prol do melhoramento disso ou daquilo; pertenci a diversos grupos religiosos diferentes, e troquei um pelo outro; e cheio de esperanças li a literatura da extrema esquerda, para no final chegar à conclusão que sua organização era de um autoritarismo tirânico idêntico ao da igreja. Agora que me aposentei, percebo que tenho vivido na superfície da vida; apenas me deixei levar. Embora eu tenha me rebelado um pouco contra a forte corrente da sociedade, no final eu fui puxado o tempo todo por ela. Mas não me entendam mal. Não estou derramando lágrimas sobre o passado, não lamento as coisas que aconteceram. Estou preocupado com os poucos anos que me restam. Entre hoje e o dia, cada vez mais próximo da minha morte, como devo encarar aquilo que chamamos de vida? Esse é meu problema."

O que nós somos é feito daquilo que fomos; e o que fomos também molda o nosso futuro, mesmo sem claramente dar corpo e substância a cada pensamento e ação. O presente é um movimento do passado para o futuro.

"O que foi o meu passado? Praticamente, nada. Não houve grandes pecados, nenhuma ambição gigantesca, nenhuma violência degradante. Minha vida foi a vida de um homem médio, nem quente nem fria; teve um curso homogêneo; uma vida medíocre o tempo todo. Construí um passado no qual não há nada de que me orgulhar ou de que me envergonhar. Toda a minha existência foi aborrecida

e vazia, sem grande significado. Teria sido o mesmo, tivesse eu vivido num palácio ou num casebre de aldeia. É muito fácil cair na correnteza da mediocridade! Agora, a minha pergunta é: poderei eu mesmo me opor a essa correnteza da mediocridade? Será possível romper com o meu passado insignificante que se prolonga?"

O que é o passado? Quando você usa a palavra *passado*, o que ela significa?

"Parece-me que o passado é, acima de tudo, uma questão de associações e recordações."

Você se refere à memória como um todo ou apenas à memória dos incidentes do dia-a-dia? Incidentes que não têm significado psicológico; conquanto eles possam ser lembrados, não criam raízes no solo da mente. Eles vêm e vão; eles não ocupam e nem sobrecarregam a mente. Permanecem apenas os que têm uma significação psicológica. Assim, o que você entende por passado? Existe um passado que permanece sólido, imutável, com o qual você pode clara e bruscamente romper?

"Meu passado é constituído de uma multidão de pequenas coisas reunidas, e suas raízes são superficiais. Um grande choque, tal como um vento forte, poderia mandar tudo para longe."

E você está esperando esse vento. Será esse o seu problema?

"Não estou esperando por nada. Mas será que tenho de continuar assim pelo resto de meus dias? Não poderei romper com o passado?"

Mais uma vez, pergunto: o que é esse passado com o qual você quer romper? O passado é estático ou é uma coisa viva? Se for uma coisa viva, como ele faz para conseguir a vida que tem? Através de que mecanismo ele revive? Se for uma coisa viva, você pode escapar dele? E quem é o "você" que quer escapar?

"Agora estou ficando confuso", queixou-se ele. "Fiz uma pergunta simples, o senhor retruca fazendo outras muito mais complicadas. Será que poderia me fazer a gentileza de explicar o que quer dizer?"

Você diz que quer se libertar do passado. O que é esse passado?

"Ele consiste em experiências e recordações que a pessoa tem dele."

Bem, essas recordações, você diz, estão na superfície, não têm raízes profundas. Mas será que algumas delas não têm raízes profundas no inconsciente?

"Não acredito que eu tenha recordações profundamente enraizadas. A tradição e a crença têm raízes profundas em muitas pessoas, mas eu as sigo apenas como uma questão de conveniência social. Elas não desempenham um papel de muita significação na minha vida."

Se o passado deve ser posto de lado com tanta facilidade, não há problema; se apenas a casca externa do passado permanece, o que pode ser removido a qualquer tempo, então na verdade você já rompeu com ele. Mas o problema não se resume a isso, não é verdade? Como fará você para romper com essa sua vida medíocre? Como você irá quebrar a insignificância da mente? Não será esse também o seu problema, senhor? E certamente, o "como", nesse caso, é uma extensão da investigação, não a exigência de um método. É a prática de um método, baseado na vontade de vencer, com seu medo e autoridade, que produziu a insignificância em primeiro lugar.

"Vim para cá com a intenção de dispersar o meu passado, que não tem grande significação para mim, mas estou tendo de enfrentar outro problema."

Por que diz que o seu passado não tem grande significação?

"Flutuei à deriva pela superfície da vida, e quem anda à deriva, não pode criar raízes profundas, mesmo na família. Percebo que para mim a vida não tem muito significado; eu não fiz nada com ela. Agora me resta apenas alguns poucos anos, e eu quero parar de me deixar levar, quero fazer algo com o que me resta da vida. Será isso possível de algum modo?"

O que você quer fazer da sua vida? Será que o padrão do que você quer ser não parte do que você foi? Certamente, seu padrão é uma reação àquilo que você foi; é um produto do passado.

"Então, como fazer algo da vida?"

O que você quer dizer por vida? Você pode influir sobre ela? Ou a vida é incalculável e não deve ser mantida dentro dos limites da mente? A vida é tudo, não é mesmo? Ciúmes, vaidade, inspiração e desespero; moralidade social, e a virtude que está do lado de fora

do reino da integridade cultivada; o conhecimento acumulado através dos séculos; caráter, que é o encontro do passado com o presente; crenças organizadas, denominadas religiões, e a verdade que existe por trás delas; ódio e afeição; amor e compaixão, que não estão dentro do campo da mente — tudo isso e muito mais é a vida, não é assim? E você quer fazer algo com ela, você quer dar a ela uma forma, uma direção, um significado. Mas, qual é o "você" que quer fazer tudo isso? Será você diferente daquilo que você procura mudar?

"O senhor está sugerindo que a gente deve se deixar levar?"

Quando você deseja dar uma direção e uma forma à sua vida, seu padrão só pode ser de acordo com o passado; ou, sendo incapaz de moldá-lo, sua reação é deixar-se levar. Mas o conhecimento da totalidade da vida produz a sua própria ação, na qual não existe nem o se deixar levar nem a imposição de um padrão. Essa totalidade deve ser entendida a cada novo momento. É preciso que o momento passado morra.

"Mas serei eu capaz de entender a totalidade da vida?", perguntou ele ansiosamente.

Se você não a entender, ninguém poderá entendê-la para o senhor. O senhor jamais poderá aprender isso através de outro.

"Como devo proceder?"

Com o autoconhecimento; pois a totalidade, todo o tesouro da vida, está em você.

"O que o senhor quer dizer com autoconhecimento?"

Significa perceber os caminhos da sua própria mente; significa aprender sobre seus anseios, seus desejos, suas urgências e buscas, tanto as escondidas quanto as visíveis. Não há aprendizado onde existe acúmulo de conhecimento. Com o autoconhecimento, a mente se sente livre para se manter calada. Só então torna-se realidade aquilo que está além dos limites da mente.

O casal ficara ouvindo todo o tempo; ficara aguardando a sua vez sem interromper a conversa, e só então o marido falou:

"Nosso problema era o ciúme; mas depois de ouvir tudo o que foi dito aqui, acho que seremos capazes de resolvê-lo. Talvez tenhamos compreendido com mais profundidade ouvindo em silêncio do que o faríamos fazendo perguntas."

De Cartas para as Escolas, Volume I, *1º de Dezembro de 1978*

Para aprender a arte de viver é preciso ter tempo disponível. A palavra *lazer* é muito malcompreendida. Em geral significa não estar ocupado com as coisas que devemos fazer, tais como ganhar a vida, ir para o escritório, para a fábrica, e assim por diante; só quando tudo isso está feito é que existe lazer. Durante o assim chamado lazer você quer ser distraído, quer relaxar, quer fazer as coisas de que realmente gosta ou que exigem a sua melhor capacidade. Seu modo de ganhar a vida, o que quer que você faça, está em oposição com o assim chamado lazer. Portanto, existe sempre o esforço, a tensão e a fuga dessa tensão, e a folga ocorre quando você não faz esse esforço. Durante esse lazer você pega um jornal, começa a ler um romance, conversa, joga, e assim por diante. Esse é o fato real. Isso é o que ocorre por toda parte. Ganhar a vida é sinônimo de negação de viver.

Assim, chegamos à questão — o que é o lazer? O lazer, tal como é entendido, é uma suspensão temporária da pressão do viver. A pressão de ganhar a vida, ou qualquer pressão que nos é imposta, nós em geral consideramos como uma ausência de lazer. Mas existe uma pressão muito maior agindo sobre nós, consciente ou inconsciente, que é o desejo.

A escola é um lugar de lazer. Somente quando se tem lazer se pode aprender. Ou seja, o aprendizado só pode ocorrer quando não existe nenhum tipo de pressão. Quando você está diante de uma cobra ou de um perigo, existe um certo tipo de aprendizado que deriva da

pressão da realidade desse perigo. Aprender sob pressão é cultivar a memória que irá nos ajudar a reconhecer futuros perigos, tornando-se assim uma resposta mecânica.

O lazer implica uma mente que não esteja ocupada. Só então pode ocorrer o estado de aprendizado. A escola é um local de aprendizado e não meramente um lugar para se acumular conhecimentos. É muito importante que se compreenda isso. Como dissemos, o conhecimento é necessário e tem o seu lugar limitado na vida. Infelizmente, essa limitação tem devorado todas as nossas vidas e não temos espaço para aprender. Vivemos tão ocupados com o nosso viver que isso consome toda a energia do mecanismo de pensamento, de forma que chegamos ao fim do dia exaustos e precisando de estímulos. Nós nos recobramos dessa exaustão através dos entretenimentos — da religião ou de algo parecido. Essa é a vida dos seres humanos. Os seres humanos criaram uma sociedade que consome todo o seu tempo, todas as suas energias e toda a sua vida. Não existe lazer para se aprender e, assim, sua vida se torna mecânica, quase que sem significado. Portanto, precisamos estar muito bem esclarecidos quanto ao sentido exato da palavra *lazer* — tempo, período em que a mente não está ocupada com nada de qualquer tipo. É o tempo da observação. Só uma mente desocupada pode observar. A observação livre é o campo de ação do aprendizado. Isso faz com que a mente deixe de ser mecânica.

Pode então o professor, o educador, ajudar o estudante a compreender toda essa questão de ganhar a vida, com toda essa pressão, ministrar o ensinamento que ajuda você a conseguir um emprego com todos os seus medos e ansiedades, e olhar para o amanhã cheio de apreensão? Pelo fato de ele ter compreendido a natureza do lazer e da observação pura, de forma que ganhar a vida deixa de ser uma tortura, um grande desafio ao longo de toda a vida, pode o professor ajudar o aluno a não ter uma mente mecânica? É absoluta responsabilidade do professor cultivar o florescimento da bondade no lazer. Para isso existe a escola. É responsabilidade do professor criar uma nova geração que possa modificar a estrutura social, liberando-a totalmente da preocupação de ganhar a vida. Então, ensinar torna-se uma missão sagrada.

De Esta Questão de Cultura, *Capítulo 7, com os Jovens*

Estivemos discutindo sobre o fato de ser essencial ter amor, e vimos que ele não pode ser adquirido ou comprado; e, no entanto, sem amor, todos os nossos planos para uma ordem social perfeita, na qual não exista exploração nem arregimentação, não terão nenhum significado, e acredito que é muito importante compreender isso enquanto somos jovens.

Aonde quer que se vá no mundo, não importa onde, descobre-se que a sociedade está em perpétuo estado de conflito. Existem sempre os poderosos, os ricos, os que estão bem de vida, de um lado, e os trabalhadores, de outro; e cada um está competindo invejosamente, cada qual quer uma posição mais alta, um salário maior, mais poder, mais prestígio. Essa é a situação do mundo, e por isso há sempre uma guerra acontecendo tanto dentro quanto fora.

Agora, se você e eu quisermos fazer uma completa revolução na ordem social, a primeira coisa que precisamos compreender é esse instinto de conquista do poder. A maioria de nós, de uma forma ou de outra, aspira por alguma forma de poder. Acreditamos que, através da opulência e do poder, poderemos viajar, associar-nos a pessoas importantes e ficar famosos; ou sonhamos em criar uma sociedade perfeita. Achamos que iremos conseguir o que é bom através do poder; mas a própria busca do poder — poder para nós mesmos, poder para o nosso país, poder para uma ideologia — é má, perniciosa, porque inevitavelmente cria poderes opostos, e assim existirá sempre o conflito.

Não é certo, então, que a educação deveria ajudá-los, à medida que vocês crescem, a perceber a importância de criar um mundo no qual não existe conflito interno ou externo, um mundo no qual não existe conflito com o vizinho ou com qualquer grupo de pessoas porque a motivação da ambição, que é o desejo de posição e poder, deixou completamente de existir? E será possível criar uma sociedade na qual não exista conflito interno ou externo? Sociedade é o relacionamento entre eu e você; e se o nosso relacionamento é baseado na ambição, cada um de nós desejando ser mais poderoso que o outro, então evidentemente estaremos sempre em conflito. Pode então essa causa de conflito ser eliminada? Poderemos nos educar a não ser competitivos, a não nos compararmos com o outro, a não querermos essa ou aquela posição — em uma palavra, a não sermos nada ambiciosos?

Quando você sai da escola com seus pais, quando você lê os jornais ou conversa com as pessoas, você deve ter notado que a maioria das pessoas quer produzir uma mudança no mundo. E não terá você notado também que essas mesmas pessoas estão sempre em conflito umas com as outras sobre alguma coisa ou outra — sobre idéias, propriedades, raça, casta ou religião? Seus pais, seus vizinhos, os ministros e os burocratas — não são todos eles ambiciosos, lutando por uma posição melhor, e portanto sempre em conflito com alguém? Certamente, somente quando toda essa competitividade tiver sido eliminada poderá haver uma sociedade pacífica na qual todos nós possamos viver felizes e criativos.

Mas como isso poderá ser feito? Podem os regulamentos, a legislação ou o treinamento para a sua mente deixar de ser ambiciosa, acabar com a ambição? Externamente, você pode ser treinado para não ser ambicioso; socialmente, você pode deixar de competir com os outros; mas interiormente você ainda será ambicioso, não é mesmo? E será possível varrer por completo essa ambição, que está trazendo tanta desgraça para os seres humanos? Provavelmente, você não pensou sobre isso antes, porque ninguém falou com você assim antes; mas agora que alguém está falando sobre isso com você, você não quer descobrir se é possível viver neste mundo ricamente, felizmente, criativamente, sem o impulso destrutivo da ambição, sem com-

petição? Você não quer saber como viver de modo que a sua vida não destrua uma outra ou deixe um rastro de sombra ao longo do seu caminho?

Veja: pensamos que isso é um sonho utópico que jamais poderá ser concretizado; mas não estou falando sobre Utopia; isso seria uma tolice. Podemos, você e eu, que somos pessoas simples e comuns, viver criativamente neste mundo sem a motivação da ambição, que se revela em diferentes formas tais como o desejo de poder, de posição? Você descobrirá a resposta correta quando amar aquilo que está fazendo. Se você for engenheiro apenas porque precisa ganhar a vida, ou porque seu pai ou a sociedade espera isso de você, isso é outra forma de compulsão; e a compulsão, sob qualquer aspecto, cria uma contradição, um conflito. Ao passo que, se você realmente gosta de ser engenheiro, ou um cientista, ou se você pode plantar uma árvore, ou pintar um quadro, ou escrever um poema, não para obter reconhecimento, mas apenas porque gosta do que faz, então você descobrirá que jamais compete com o outro. Acredito que essa é a verdadeira solução: gostar do que você faz.

Mas quando você é jovem, muitas vezes é muito difícil saber o que você gosta de fazer, porque você quer fazer muitas coisas. Você quer ser engenheiro, condutor de locomotivas, um piloto de avião rasgando o azul dos céus; ou talvez você queira ser um orador famoso ou um político. Você pode querer ser um artista, um químico, um poeta ou um carpinteiro. Você pode querer trabalhar com a cabeça, ou fazer algo com as mãos. Será alguma dessas coisas aquilo de que você realmente gosta, ou será o seu interesse por elas apenas uma questão de pressão social? Como descobrir? E não será o verdadeiro objetivo da educação ajudar você a descobrir, de forma que, à medida que você cresce, você possa começar a dedicar toda a sua mente, todo o seu coração e todo o seu corpo naquilo que você realmente gosta de fazer?

Descobrir o que você gosta de fazer requer grande dose de inteligência; porque, se você acha que não é capaz de ganhar a vida, ou não se ajustar a esta sociedade apodrecida, você jamais descobrirá. Mas, se não tiver medo, se você se recusar a ser empurrado para a trilha da tradição pelos seus pais, pelos professores, pelas exigências

superficiais da sociedade, então existe uma possibilidade de descobrir aquilo de que você realmente gosta. Assim, para descobrir isso, não pode haver o medo de não sobreviver.

Mas a maioria de nós tem medo de não sobreviver. Dizemos: "O que acontecerá comigo se eu não fizer o que os meus pais dizem para eu fazer, se eu não me ajustar a esta sociedade?" Ficando com medo, fazemos o que nos dizem, e nisso não existe amor, existe apenas contradição, e essa contradição interior é um dos fatores que produz a ambição destrutiva.

Portanto, é função básica da educação ajudá-lo a descobrir o que você realmente gosta de fazer, de maneira que você possa dedicar toda a sua mente, todo o seu coração a isso, porque é isso o que cria a dignidade humana, que varre completamente a mediocridade, a insignificante mentalidade burguesa. Eis por que é muito importante ter os professores certos, a atmosfera certa, de modo que você cresça com o amor que se expressa naquilo que você faz. Sem esse amor aos seus exames, ao seu conhecimento e às suas capacidades, sua posição e suas posses não passarão de cinzas, não terão nenhum significado; sem esse amor, suas ações trarão mais guerras, mais ódio, mais maldades e destruição.

Tudo isso pode não significar nada para vocês, porque externamente vocês ainda são muito jovens, mas eu espero que signifique algo para os seus professores — e também para vocês, em algum lugar do seu íntimo.

De Cartas para as Escolas, Volume I, *15 de Dezembro de 1978*

A educação não se resume ao ensinamento dos vários assuntos acadêmicos, mas é também o cultivo da responsabilidade total do estudante. Um educador talvez não perceba que está criando uma nova geração. A maioria das escolas está preocupada apenas em transmitir conhecimentos. Elas não estão nada preocupadas com a transformação do homem e com sua vida diária, e você — o educador nessas escolas — precisa ter essa profunda preocupação e o cuidado com essa responsabilidade como um todo.

De que maneira então você pode ajudar o estudante a sentir essa qualidade do amor com toda a sua excelência? Você mesmo não sente isso em profundidade; falar sobre responsabilidade é algo sem sentido. Pode você, como educador, sentir a verdade que há nisso?

Perceber essa verdade produzirá naturalmente esse amor e a total responsabilidade. Você precisa ponderar sobre isso, observar isso diariamente na sua vida, nas suas relações com a mulher, com os amigos, com os alunos. E no seu relacionamento com os estudantes, você falará sobre isso com todo o seu coração, não procurando apenas a clareza verbal. A percepção dessa realidade é o maior dom que o homem pode possuir e, uma vez que isso esteja ardendo em você, você descobrirá a palavra certa, a ação adequada e o comportamento correto. Quando você considera o estudante, percebe que ele vem até você totalmente despreparado para tudo isso. Ele vem até você assustado, ansioso por agradar, na defensiva, condicionado pelos pais e pela sociedade na qual viveu seus poucos anos. Você precisa co-

nhecer a sua formação, precisa estar a par do que ele realmente é e não impor a ele as suas opiniões, conclusões e julgamentos. Considerar o que ele é irá revelar-lhe o que você é, e assim você descobrirá que o estudante é você.

E agora, pergunto: ao ensinar matemática, física, e assim por diante — o que ele sem dúvida precisa aprender, pois esse é o caminho para se poder ganhar a vida —, você pode transmitir ao estudante que ele é responsável pela humanidade como um todo? Embora ele possa estar trabalhando pela sua própria carreira, pelo seu próprio modo de vida, isso não tornará a mente dele mais estreita. Ele verá o perigo da especialização, com todas as suas limitações e sua estranha brutalidade. Você precisa ajudá-lo a ver tudo isso. O florescimento da bondade não está no conhecimento da matemática ou da biologia, ou em passar nos exames e ter uma carreira de sucesso. Esse florescimento está fora de tudo isso e, quando ele existe, a carreira e as outras atividades necessárias são tocadas pela sua beleza. Costuma-se dar grande ênfase ao primeiro aspecto e desconsiderar totalmente o florescimento. Nessas escolas, estamos tentando juntar as duas coisas, não artificialmente, não como um princípio ou padrão a ser seguido, mas porque você percebe que é absolutamente verdadeiro o fato de que esses dois aspectos precisam caminhar juntos para a regeneração do ser humano.

Você é capaz de fazer isso? Não por todos vocês terem concordado em fazer isso depois de discutirmos e chegarmos a uma conclusão, mas porque vocês vêem com um olhar interior a extraordinária gravidade disso — enxergam por vocês mesmos. Então, tudo o que disserem terá significado. Então vocês se tornarão um foco de luz, não acendido por outro. Como todos vocês pertencem à humanidade — o que não é, na verdade, uma afirmação verbal —, vocês são enormemente responsáveis pelo futuro do homem. Por favor, não considerem isso como um fardo pesado. Se procederem assim, esse fardo será um amontoado de palavras sem nenhuma realidade. Seria uma ilusão. Essa responsabilidade tem a sua própria alegria, o seu próprio humor, o seu próprio ritmo, sem o peso da razão.

Saanen, 28 de Julho de 1979

Krishnamurti: Se me permitem, eu gostaria de sugerir algo. Temos falado sobre meditação, amor, pensamento, e outras coisas mais, mas me parece que não estamos falando sobre a nossa vida diária, os nossos relacionamentos com os outros, o nosso relacionamento com o mundo, o nosso relacionamento com o todo da humanidade. E o tempo todo parecemos nos afastar do tema central, que é a nossa vida diária, a maneira como vivemos, e a questão de saber se estamos de alguma forma cientes de nossas confusões diárias, de nossas ansiedades, inseguranças e depressões diárias, da constante exigência da nossa existência diária. E não deveríamos estar preocupados com isso? Estou apenas perguntando se não poderíamos conversar como amigos sobre a nossa vida diária, sobre o que fazemos, sobre o que comemos, sobre quais são os nossos relacionamentos, por que nos aborrecemos tanto com a nossa existência, por que nossas mentes são tão mecânicas, e assim por diante. Podemos falar sobre isso? E nos limitar a apenas isso.

Questionador: Sem dúvida.

K: O que é a nossa vida diária? Não a fuga para algumas fantasias, mas levantar pela manhã, fazer alguns exercícios, se você tem inclinação para isso, comer, sair para o escritório ou para a fábrica, ou para um negócio ou outro, e mais as nossas ambições, realizações, nossos relacionamentos com os outros, íntimos ou não, sexuais e não-sexuais, e assim por diante. Qual o tema central da nossa vida? Será o dinheiro? Não os assuntos periféricos, não os assuntos superficiais,

mas o anseio mais profundo. Qual é esse anseio, perguntamos? Será que queremos ter dinheiro? Nós precisamos de dinheiro. O dinheiro é o tema central? Ou ter uma posição? Ter segurança, financeiramente, psicologicamente; ser completamente certo, sem confusões? Qual o nosso anseio básico, a exigência, o desejo da nossa vida?

Q: A alegria de trabalhar.

K: A alegria de trabalhar. Você diria isso para o homem que está apertando parafusos dia após dia, dia após dia, numa esteira rolante? Ou para um homem que precisa ir para o escritório todas as manhãs, e a quem se diz o que deve fazer em cada dia da sua vida? Por favor, pensem bem isso. Isso é o que estamos perguntando: É o dinheiro? Será a segurança? Será falta de trabalho? E, tendo trabalho, então existe a rotina, a monotonia e o tédio, e a fuga através dos divertimentos, dos cabarés. Estão me acompanhando? Qualquer coisa fora da nossa vida cotidiana. Porque o mundo está numa situação horrível. Vocês devem saber tudo isso. Então, como seres humanos bastante inteligentes e sérios, respondam: qual o nosso relacionamento com tudo isso? A deterioração moral, a desonestidade intelectual, os preconceitos de classe, e assim por diante. A confusão que os políticos estão fazendo. A interminável preparação para a guerra. Qual é o nosso relacionamento com tudo isso?

Q: Somos todos parte disso.

K: De certa forma, eu concordo. Sabemos que somos parte disso? Será que nos damos conta de que a nossa vida *diária* contribui para tudo isso? E, uma vez que o faz, o que faremos? Tomar drogas? Nos embriagar? Ingressar em alguma comunidade? Retirar-nos para algum mosteiro? Ou vestir amarelo, violeta ou cores brilhantes? Isso resolveria tudo? O que faremos? O que é a nossa vida diária, da qual a sociedade é feita? Os políticos nos usam irrefletidamente para o seu próprio poder, para a sua própria posição. Assim, estando cientes de

tudo isso, qual o nosso relacionamento com isso, e o que é a nossa vida, que evidentemente está colaborando para isso?

Q: Gostaríamos de mudar a nossa atual maneira de viver.

K: A maneira como estamos vivendo agora; não sabemos como mudá-la. Portanto, nós a aceitamos. Por que será que não conseguimos mudá-la?

Q: Talvez aguardemos que alguém nos ensine a fazê-lo.

K: Estão esperando que aconteça algum milagre? Estamos esperando que surja alguma autoridade que nos diga o que fazer? O padre, o guru, e toda essa confusão?

Bem, mas por que não podemos nós mesmos alterar o que estamos fazendo? Vamos voltar atrás: o que é a nossa vida diária? Minha pergunta é: se somos parte de uma sociedade que está ficando cada vez mais horrível, cada vez mais intolerável, feia, destrutiva, em processo de degeneração, não estamos também, como seres humanos, nos degenerando?

Q: Acho que não percebemos isso.

K: Por quê? Não conhecemos a nossa vida diária?

Q: Nossa vida diária é uma atividade que gira ao redor de si mesma.

K: A nossa vida interior, a nossa vida é uma atividade que gira em torno de si mesma. Mas se isso é assim, e se isso está contribuindo para essa monstruosa sociedade em que vivemos, por que não podemos mudar a atividade central, a atividade egotista? Por que não podemos?

Q: Não temos consciência de nossas próprias vidas. Enquanto não nos tornarmos conscientes de tudo o que fazemos, não poderemos mudá-la.

K: Compreendo. E é isso o que estou perguntando. Poderemos nos tornar conscientes, cientes das atividades da nossa vida diária, daquilo que estamos fazendo?

Q: Sendo uma mãe, tendo filhos, é muito difícil.

K: Certo. A vida de uma mãe, com seus filhos, é muito difícil. E será esse um de nossos problemas? Eu sou mãe. Tenho filhos, e eles estão crescendo e se transformando em monstros, como o resto do mundo? Feios, violentos, egoístas, consumistas, vocês sabem o que somos. Quero que meus filhos sejam assim?

Q: Nós poderíamos ao menos tentar acelerar a negação do nosso condicionamento passado, o qual a esta altura deveríamos conhecer inteiramente e não de forma fragmentária, e tentar descobrir de que maneira na nossa vida diária cada um pode colocar para funcionar uma espécie de amor universal, sem segundas intenções, para com os seres humanos idênticos a nós.

Q: Eu diria que o problema não são os empregos na cidade grande, mas tenho problemas com os meus filhos; pois me parece que preciso aprimorar a qualidade do meu condicionamento no relacionamento com meus filhos e com tudo ao meu redor. Esse parece ser o meu problema, e não as condições externas.

K: O que faremos em conjunto?

Q: Podemos falar sobre o medo?

K: Sim, podemos examinar o medo. Se você amasse os seus filhos, eles não seriam mandados a escolas nas quais eles devem ser condicionados dessa maneira. Aparentemente, esse não é um problema para você. Você fala sobre o assunto, mas ele não é um problema agudo, urgente e imperioso.

Q: A maioria das pessoas simplesmente vai trabalhar todos os dias e não há uma fusão entre seu trabalho e suas recreações. Mas poderia

haver aprendizado o tempo todo, e quando toca o sinal avisando que você está livre para sair, você ainda pode aprender. Você pode adaptar seu emprego ao seu lazer, mas há sempre um processo de aprendizagem ocorrendo. Mas parece que isso absolutamente não acontece. Quantas pessoas vão para casa e refletem sobre seus empregos quando não estão no escritório? Quantas pessoas vão para casa e tentam aprender mais sobre suas vidas, quer estejam no escritório, quer estejam em casa?

K: Tendo dito isso, onde estou eu? Onde está você? Estamos ainda lidando com o que poderia ser, com o que deveria ser, com o que precisaria ser, ou estamos enfrentando os fatos? Compreendem? Encarando os fatos.

Q: Estamos encarando o fato de que há uma grande separação entre nossas vidas de trabalho e o nosso tempo livre.

K: Será que encaramos o fato de que somos parte dessa sociedade? Contribuímos para isso; nossos pais, nossos avós, e assim por diante, contribuíram para isso, e a pessoa ainda contribui. Será isso um fato? Será que me apercebo disso?

Q: Está muito claro que é assim.

K: Vamos nos fixar nesse ponto e examiná-lo com cuidado. Será que percebemos, assim como percebemos a dor, uma dor de dentes, que estamos contribuindo para isso? Certo? Fazemos isso?

Q: Sim, fazemos.

Q: Sim, estamos contribuindo para isso com base no nosso condicionamento passado se ainda estamos envolvidos nele.

K: Ou seja, "se", "deveria", "precisaria"... Vocês não podem encarar o fato? Quando dizemos: "Eu sou parte dessa sociedade", o que queremos dizer com isso?... Não podemos pensar juntos sobre essa única

coisa: ou seja, nós, seres humanos, criamos esta sociedade; não foram os deuses, nem os anjos, ninguém a não ser os seres humanos criaram esta sociedade terrível, violenta, destruidora. E fazemos parte dela. Quando dizemos fazer parte dela, o que queremos dizer com a palavra *parte*?

Q: Mas não estará essa abordagem estabelecendo uma separação entre a sociedade e eu? Em outras palavras, existirá aquilo que chamamos de "sociedade"? Quando você se refere a essa sociedade monstruosa, horrível, ela é uma abstração diferente das pessoas que estão nesta sala.

K: Não, eu não estou afirmando que a sociedade está lá fora. A sociedade está aqui.

Q: Bem aqui?

K: Sim, bem aqui.

Q: Bem, então não poderemos trabalhar em conjunto e nos desprender do nosso condicionamento passado em relação a essas palavras que o senhor nos vem ensinando ao longo de todos esses anos, e começar a agir de uma forma que seja nova e criativa?

K: Não podemos trabalhar juntos. Isso é um fato. Não podemos pensar em conjunto, e parece que não somos capazes de fazer nada juntos, a menos que sejamos forçados; a menos que haja uma tremenda crise, como a guerra; então, nos juntamos. Se houver um terremoto, estamos envolvidos nele. Mas eliminem os terremotos, as grandes crises das guerras, e eis que estamos de volta aos nossos pequenos mundinhos separatistas, lutando uns contra os outros. Isso é óbvio.

Podemos examinar isso por um instante? Quando dizemos que somos parte de uma sociedade, será isso uma idéia ou uma realidade? Por idéia, eu entendo um conceito, uma figura, uma conclusão. Ou será um fato, como uma dor de dentes?

Q: Eu sou essa sociedade.

K: Eu sou essa sociedade. Qual é a minha contribuição para o que está acontecendo nela? Estou buscando a minha segurança, as minhas experiências, envolvido nos meus problemas, preocupado com as minhas ambições? Assim, cada um de nós está lutando em benefício próprio na sociedade tal como ela existe hoje. E provavelmente esse tem sido o processo histórico desde o início: cada um lutando para si mesmo e, portanto, cada qual em oposição ao outro. Agora, será que percebemos isso?

Q: Sim.

Q: Não sabemos o que fazer...

K: Descobriremos o que fazer, mas vamos começar pelo que está bem perto; depois poderemos prosseguir. Estamos falando sobre a nossa vida diária. E a nossa vida diária não é apenas parte da sociedade, mas estamos também encorajando essa sociedade com as nossas atividades. Então, como ser humano que faz parte dessa sociedade, o que farei? Qual é a minha responsabilidade? Tomar drogas? Deixar crescer a barba? Fugir? Qual é a minha responsabilidade?

Q: Fazer algo a respeito.

K: Só poderei fazer algo a respeito disso quando eu me clarificar, esclarecer.

Q: Não é espantoso o fato de que, se formos claros e lógicos sobre isso, poderemos ser excluídos da sociedade?

K: É isso mesmo. Então, vamos descobrir como ser claros para nós mesmos. Como estar seguro sobre as coisas. Vamos descobrir se é possível para alguém ter segurança, tanto física quanto psicológica. Então, como a mente confusa, como é a da maioria das pessoas, como essa confusão será varrida de maneira a ficar tudo claro? Se houver clareza, a partir dela, eu posso agir. Certo?

Q: Certo.

K: Mas como farei para atingir essa clareza a respeito da política, do trabalho, do meu relacionamento com a minha mulher, com o meu marido, e com todo o resto — o meu relacionamento com o mundo? Como farei para atingir essa clareza, uma vez que estou tão confuso? Os gurus dizem uma coisa, os padres dizem outra, os economistas e os filósofos dizem uma terceira — estão me seguindo? Os analistas dizem algo sobre a dor primordial, ou algo parecido. Então, estão todos eles gritando, escrevendo, explicando. E eu fico enredado em tudo isso e fico cada vez mais confuso. Não sei o que fazer para atingir essa clareza, para saber quem está certo, quem está errado. Essa é a nossa posição, não é verdade?

Q: Sem dúvida.

K: Então eu digo para mim mesmo: eu estou confuso. Essa confusão foi provocada por todas essas pessoas, cada qual dizendo coisas diferentes. Fiquei confuso. Então afirmo que não vou ouvir nenhum de vocês; vou descobrir porque estou confuso. Vamos começar deste ponto.

De Cartas para as Escolas, Volume II, *15 de Novembro de 1983*

Observando, talvez se aprenda mais do que através dos livros. Os livros são necessários para que se aprenda um assunto, seja ele a matemática, a geografia, a história, a física ou a química. Os livros têm impressa em suas páginas a sabedoria acumulada dos cientistas, dos filósofos, dos arqueólogos, e assim por diante. Esse conhecimento acumulado que se aprende na escola, e depois na faculdade e nas universidades, se a pessoa tem a sorte de passar por uma universidade, foi reunido ao longo de séculos, desde os tempos mais remotos. Há uma grande sabedoria acumulada da Índia, do Egito antigo, da Mesopotâmia, dos gregos e dos romanos e, é claro, dos persas. No mundo ocidental, bem como no mundo oriental, esse conhecimento é necessário para se fazer carreira, para qualquer emprego, seja ele mecânico ou teórico, prático ou algo que você tenha que pensar ou inventar. Esse conhecimento resultou numa grande quantidade de tecnologia, especialmente neste século. Há a sabedoria dos assim chamados livros sagrados, os Vedas, os Upanishades, a Bíblia, o Korão e as Escrituras dos hebreus. Assim, existem livros religiosos e livros pragmáticos, livros que os ajudarão a ter conhecimento, a agir com destreza, quer seja você um engenheiro, biólogo ou carpinteiro.

A maioria de nós em qualquer escola, e particularmente nessas escolas, armazena conhecimento e informação, e é para isso que as escolas existiram até agora: para armazenar uma grande dose de informação a respeito do mundo lá fora, a respeito do céu, a respeito das razões pelas quais o mar é salgado e as árvores crescem, sobre

os seres humanos, sua anatomia, a estrutura do cérebro, e assim por diante. E também sobre o mundo à sua volta, a natureza, o ambiente social, a economia, e muitas coisas mais. Esse conhecimento é absolutamente necessário, mas o conhecimento é sempre limitado. Não importa quanto ele possa evoluir, o armazenamento de conhecimentos é sempre limitado. Aprender é parte da aquisição desse conhecimento de vários assuntos de forma que você possa ter uma carreira, um emprego que lhe agrade, ou um que as circunstâncias, as exigências sociais o podem ter forçado a aceitar, embora você possa não gostar muito de fazer esse tipo de trabalho.

Você aprende um bocado observando, observando o que se passa à sua volta, observando os pássaros, as árvores, observando os céus, as estrelas, a constelação de Órion, a Ursa Maior, a Estrela Vespertina. Você aprende não apenas com a observação dessas coisas ao seu redor, mas também por observar as pessoas, observar como elas andam, seus gestos, as palavras que usam, como elas se vestem. Você observa não apenas aquilo que está do lado de fora mas a você também, por que você pensa isto ou aquilo, o seu comportamento, a conduta da sua vida diária, as razões pelas quais seus pais querem que você faça uma coisa ou outra. Você está observando, não resistindo. Se você resiste, não aprende. Ou se você chega a algum tipo de conclusão, a alguma idéia que você acredita que seja correta e se apega a ela, então naturalmente você jamais aprenderá. A liberdade é necessária para que se aprenda, e a curiosidade, essa necessidade de saber por que você ou os outros se comportam de determinada maneira, por que as pessoas vivem zangadas, por que vocês se aborrecem.

Aprender é extraordinariamente importante porque aprender é um processo interminável. Aprender por que os seres humanos matam uns aos outros, por exemplo. Certamente existem explicações nos livros, todas as razões psicológicas pelas quais os seres humanos se comportam de determinada maneira, por que os seres humanos são violentos. Tudo isso foi explicado pelos livros de vários tipos por eminentes autores, psicólogos, e assim por diante. Mas o que você lê não é o que você é. O que você é, como você se comporta, por que você fica zangado, com inveja, por que fica deprimido, se você observar a si mesmo aprenderá muito mais do que em algum livro

que lhe diga o que você é. Mas você percebe que é mais fácil ler um livro sobre você mesmo do que observar a si mesmo. O cérebro está acostumado a armazenar informação de todas as ações e reações externas. E você não acha que é mais confortável poder ser dirigido, aguardar que outros digam o que deve ser feito? Seus pais, especialmente no Oriente, dizem a você com quem você deve casar e arranjam o casamento, dizem qual deve ser a sua carreira. Então o cérebro aceita a maneira mais fácil, e a maneira mais fácil nem sempre é a maneira mais certa. Eu gostaria de saber se vocês já notaram que ninguém mais gosta do próprio trabalho, com exceção talvez de alguns poucos cientistas, artistas, arqueólogos. Mas o homem médio, comum, raramente gosta do que está fazendo. Ele foi compelido pela sociedade, pelos pais, ou pela necessidade de ter mais dinheiro. Aprenda então através de uma observação muito cuidadosa do mundo exterior, o mundo fora de você, e do mundo interior, ou seja, o mundo de você mesmo.

Parece que há dois meios de se aprender: um deles é adquirindo uma grande dose de conhecimento, inicialmente através dos estudos e, a seguir, agindo a partir desse conhecimento. Isso é o que a maioria de nós faz. O segundo meio é agindo, fazendo algo e aprendendo através da ação, e isso se torna também um acúmulo de conhecimento. Na verdade, ambos os métodos se equivalem: aprender de um livro ou adquirir conhecimento pela ação. Ambos se baseiam no conhecimento, na experiência e, como dissemos, a experiência e o conhecimento são sempre limitados.

Portanto, tanto o educador como o estudante deveriam descobrir o que vem a ser realmente aprender. Por exemplo, você aprende com um guru se ele for do tipo certo, um guru equilibrado, não o guru ganhador de dinheiro, não um daqueles que querem ficar famosos e se mandam para outros países para fazer fortuna com suas teorias bastante desequilibradas. Descubra o que vem a ser aprender. Hoje em dia, aprender vem se tornando cada vez mais uma forma de divertimento. Em algumas escolas do Ocidente, quando já ultrapassaram o curso colegial, a escola secundária, os estudantes nem sequer sabem ler e escrever. E mesmo quando aprendem a ler e a escrever, e aprendem sobre vários assuntos, vocês são todos pessoas medíocres.

Vocês sabem o que quer dizer a palavra *mediocridade*? O significado do radical é subir até a metade da montanha, nunca alcançar o topo. Isso é mediocridade: nunca exigir a excelência, o ponto mais alto de você mesmo. E o aprender é infinito: realmente, não tem fim. Então, com quem vocês estão aprendendo? Com os livros? Com o educador? E, talvez, se a mente de vocês for brilhante, através da observação? Até agora parece que vocês estão aprendendo do que vem de fora: aprendendo, acumulando conhecimento e agindo a partir desse conhecimento, estabelecendo a sua carreira, e assim por diante. Se você está aprendendo a partir de você mesmo — ou melhor, se está aprendendo pela observação de você mesmo, dos seus preconceitos, de suas conclusões definitivas, de suas crenças — se você está observando as sutilezas do seu pensamento, a sua vulgaridade, a sua sensibilidade, então você se torna o professor e o aluno. Então você não depende interiormente de ninguém, nem de qualquer livro, nem de especialista — embora, na verdade, se você estiver doente e tiver algum tipo de doença, você precise ir a um especialista; isso é natural, isso é necessário. Mas depender de alguém, não importa quão excelente ele seja, impede que você aprenda sobre você mesmo e sobre o que você é. E é muito importante aprender o que você é porque o que você é produz esta sociedade tão corrompida, imoral, na qual existe tamanha disseminação de violência, que é tão agressiva, cada qual buscando o seu próprio sucesso, a sua própria forma de satisfação. Aprenda a saber quem você é, não através de outro, mas pela observação de você mesmo; não condenando, não dizendo: "Está bem, eu sou assim, não posso mudar", e indo em frente. Quando você se observa sem nenhum tipo de reação ou resistência, então essa observação age; tal qual uma chama, ela queima as tolices e as ilusões que a pessoa tem.

Assim, aprender torna-se importante. Um cérebro que deixa de aprender torna-se mecânico. É como um animal amarrado a uma estaca; ele pode se movimentar apenas dentro dos limites estabelecidos pelo comprimento da corda, ou da corrente que está presa à estaca. A maioria de nós está presa a uma estaca particular própria, uma estaca e uma corda invisíveis. Você pode se movimentar dentro dos limites do comprimento dessa corda, e isso é bastante limitado. É

como um homem que passa o dia pensando em si mesmo, em seus problemas, desejos, prazeres, e no que ele gostaria de fazer. Você conhece essa ocupação constante consigo mesmo. Isso é muito limitado. E essa limitação alimenta diversas formas de conflito e de infelicidade. Os grandes poetas, os grandes pintores, os grandes compositores, jamais ficam satisfeitos com o que fazem. Eles estão sempre aprendendo. Não que você, depois de ter passado nos exames, depois de ter começado a trabalhar, você deixe de aprender. Há uma grande força e vitalidade no estudo, especialmente sobre você mesmo. Estude, observe, de tal forma que não haja nada em você que não tenha sido descoberto e examinado. Isso realmente vem a ser estar livre do seu condicionamento particular. O mundo se divide de acordo com seus condicionamentos: você, como indiano, você, como americano, você, como inglês, russo, chinês, e assim por diante. Em função desse condicionamento ocorrem guerras, a matança de milhares de pessoas, infelicidade e brutalidade.

Assim, tanto o educador como o educando estão aprendendo no mais profundo sentido da palavra. Quando ambos estão aprendendo, não existe educador e nem educando. Existe apenas o estudo. O estudo liberta o cérebro e o pensamento do prestígio, da posição, do *status*.

O estudo produz a igualdade entre os seres humanos.

De Princípios do Aprendizado, *Capítulo 13, Diálogo em Brockwood Park School, 17 de Junho de 1973*

Krishnamurti: No outro dia estávamos falando sobre saúde mental e mediocridade, sobre o significado dessas palavras. Estávamos inquirindo se, por viver neste lugar como uma comunidade, nós nos transformamos em medíocres. E também perguntávamos se somos totalmente sadios, ou seja, de corpo, mentalmente e emocionalmente. Somos equilibrados e saudáveis? Tudo isso está implícito nas palavras *saudável, total.* Estamos educando uns aos outros para sermos medíocres, para sermos ligeiramente malucos, ligeiramente desequilibrados?

O mundo é bastante louco, não-saudável, corrupto. Estamos produzindo esse mesmo desequilíbrio, essa loucura e corrupção na nossa educação aqui? Essa é uma questão bastante séria. Podemos descobrir a verdade que há nela? — não o que pensamos que deveríamos ser em termos de sanidade, mas na verdade descobrir por nós mesmos se estamos educando uns aos outros para sermos realmente sadios e não medíocres.

Questionador: Muitos de nós temos um emprego para o qual temos que ir todos os dias; muitos casarão e terão filhos — essas são as coisas que irão acontecer.

K: Qual é o seu lugar neste mundo como ser humano que se supõe seja educado, que precisa ganhar a vida, mundo no qual você pode

ou não se casar, ter a responsabilidade de filhos, uma casa com uma hipoteca, e pode ser enredado por isso pelo resto da sua vida?

Q: Talvez estejamos esperando que alguém olhe por nós.

K: Isso significa que você precisa ser capaz de fazer algo. Você não pode simplesmente dizer: "Por favor, cuidem de mim" — ninguém irá fazer isso. Não fique deprimido por causa disso. Olhe bem, familiarize-se com isso, conheça todos os truques que as pessoas estão pregando umas nas outras. Os políticos jamais tornarão o mundo unido: ao contrário, pode não haver nenhuma guerra de verdade, mas estará sempre ocorrendo uma guerra econômica. Se você for um cientista, você é um escravo do governo. Todos os governos são mais ou menos corruptos. Alguns mais, outros menos, mas todos são corruptos. Olhe então para tudo isso sem ficar deprimido e dizer: "O que vou fazer? Como irei enfrentar isso? Não tenho capacidade para fazer isso." Você terá essa capacidade; quando você souber como olhar, você terá tremenda capacidade.

Então, qual é o seu lugar em tudo isso? Se você enxerga o todo, então você pode fazer essa pergunta; mas se você meramente diz para você mesmo: "O que eu vou fazer?" sem enxergar o todo, então você se deixa prender, então não há resposta para isso.

Q: Com certeza, a primeira coisa que temos a fazer é discutir essas coisas abertamente. Mas acredito que as pessoas ficam um pouco atemorizadas para discutir livremente. Talvez a coisa com que elas realmente se preocupam fique ameaçada.

K: Vocês estão com medo?

Q: Se eu disser que o que quero é um carro veloz, então talvez alguém questione isso.

K: E precisa ser questionado. Eu recebo cartas me questionando o tempo todo: tenho sido desafiado desde a infância.

Q: Senhor, existe algo que sempre me aborrece quando essas coisas são discutidas. Costuma-se dizer que vivemos numa sociedade industrial altamente mecanizada e que, se alguns de nós puder optar por fugir dela, é porque existem outras pessoas que vão para o escritório e trabalham e se tornam mecânicas.

K: Certamente.

Q: Não poderíamos optar por sair dela se essas pessoas não levassem uma vida mecânica e miserável.

K: Não. Como viver neste mundo sem pertencer a ele? Essa é a questão. Como viver nessa loucura e ainda assim ser sadio?

Q: O senhor está dizendo que o homem que vai para o escritório e leva uma vida aparentemente mecânica poderia fazer tudo isso e, ainda assim, ser um tipo diferente de ser humano? Em outras palavras, não é necessariamente o sistema...

K: Este sistema, qualquer que seja ele, está tornando a mente mecânica.

Q: Mas ele precisa tornar a mente mecânica?

K: É o que está acontecendo.

Q: Todos os jovens se deparam com o crescimento; eles percebem que talvez venham a ter que aceitar um emprego que imponha isso. Pode haver uma outra resposta para isso?

K: Minha pergunta é: como viver com equilíbrio neste mundo louco? Embora eu tenha que ir para o escritório e tenha que ganhar a vida, deve haver um coração diferente, uma mente diferente. Agora, por exemplo, está presente aqui esta mente diferente, este coração diferente? Ou estamos apenas mantendo a rotina e nos deixando ser lançados neste mundo monstruoso?

Q1: Não há mais necessidade de se manter um emprego de nove às cinco, seis dias por semana, devido à automação. O que está acontecendo é que a nossa época agora está nos dando o tempo extra para que possamos cuidar do nosso outro lado.

Q2: Mas estávamos dizendo que queremos lazer, e não sabemos como usar o lazer.

Q3: Certamente não há nada de errado em ganhar a vida, não é?

K: Eu nunca disse que é errado ganhar a vida; é preciso ganhar a vida. Eu ganho a minha vida falando para as pessoas em diversas partes do mundo. Eu venho fazendo isso há cinqüenta anos e eu faço o que gosto de fazer. O que eu estou fazendo é realmente o que eu acho que é certo, é verdade; essa é a minha forma de viver — ela não me foi imposta por ninguém — e é a minha forma de ganhar honestamente a vida.

Q: Eu gostaria apenas de dizer que o senhor está em condições de fazer isso porque existem pessoas que fabricam e dirigem os aviões.

K: Certamente, eu sei disso; sem eles, eu não poderia viajar. Mas se não existissem aviões eu permaneceria num único lugar, no vilarejo onde nasci, e ainda assim estaria fazendo a mesma coisa.

Q: Sim, mas nesta sociedade altamente mecanizada, onde o lucro é a motivação, essa é a forma pela qual as coisas são organizadas.

K: Não; outras pessoas fazem o trabalho sujo, e eu faço o trabalho limpo.

Q: Então, há quem tente fazer o trabalho limpo?

K: Chega a esse ponto.

Q: Mas, além de ganhar a vida, precisamos começar a verificar que, para viver com equilíbrio e, ainda assim, ganhar a vida neste mundo, é preciso que se faça uma revolução interior.

K: Estou fazendo a mesma pergunta de uma outra maneira. Como vou viver com equilíbrio neste mundo desequilibrado? Isso não significa que eu não vá ganhar a vida, que eu não vá me casar, que eu não assuma responsabilidades. Para viver com equilíbrio neste mundo desequilibrado eu preciso rejeitar este mundo, e é preciso que se faça uma revolução em mim de forma que eu possa me tornar equilibrado e agir com equilíbrio. Nisso se resume a minha posição.

Q: Porque eu fui criado com insanidade eu preciso questionar tudo.

K: E é isso o que vem a ser educação. Você foi mandado para aqui, ou você veio para cá, contaminado por um mundo de loucura. Não se iluda; você foi condicionado por este mundo maluco, moldado por gerações passadas — incluindo os seus pais — e você veio para cá e precisa se descondicionar, precisa passar por uma enorme mudança. Essa mudança está acontecendo? Ou estamos apenas dizendo: "Bem, estamos fazendo um belo trabalho aqui e ali, dia após dia" — e quando vocês se forem daqui a dois ou quatro anos, irão embora tendo feito uma pequena colcha de retalhos?

Q: Parece que há um conflito entre o que queremos fazer, o que sonhamos fazer e o que é preciso fazer.

K: O que é que você quer fazer? Eu quero ser um engenheiro, porque vejo que isso me traz um bocado de dinheiro, ou isto ou aquilo. Posso confiar nesse desejo? Posso confiar nos meus instintos, que foram tão distorcidos? Posso confiar nos meus pensamentos? Dentre as qualidades que tenho, em que posso confiar? Portanto, a educação serve para criar uma inteligência que não é mero instinto ou desejo ou alguma exigência insignificante, mas uma inteligência que funcione neste mundo.

Está a nossa educação em Brockwood ajudando você a ser inteligente? Com essa palavra quero dizer: ser bastante sensível, não para os seus próprios desejos, as suas próprias exigências, mas ser sensível para o mundo, para com o que acontece no mundo. Sem dúvida, a educação não consiste apenas em lhe dar conhecimento, mas também

em dar a você a capacidade de olhar para o mundo de forma objetiva, para ver o que está acontecendo — as guerras, a destruição, a violência, a brutalidade. A função da educação é descobrir como viver de maneira diferente, não apenas passar nos exames, conseguir um diploma, qualificar-se em certas matérias. É ajudá-lo a enfrentar o mundo de uma maneira totalmente diferente e inteligente, sabendo que você precisa ganhar a vida, conhecendo todas as responsabilidades, as desgraças de tudo isso. Minha pergunta é: Isso está sendo feito aqui? O educador está sendo educado tanto quanto o estudante?

Q: A sua pergunta é também a minha pergunta. Eu pergunto se essa educação está ocorrendo aqui.

K: Você está perguntando se essa educação está ocorrendo aqui em Brockwood para ajudá-lo a se tornar tão inteligente, tão consciente que você poderá enfrentar essa loucura? Se não, de quem é a culpa?

Q: Qual é a base que torna possível essa educação?

K: Veja, por que você está sendo educado?

Q: Eu realmente não sei.

K: Portanto, você precisa descobrir o que significa educação, não é verdade? O que é a educação? Transmitir-lhe informações, conhecimento sobre vários assuntos e, assim por diante, um bom treinamento acadêmico? Isso tem que ser assim, não é mesmo? Milhões de pessoas estão sendo preparadas pelos colégios e pelas universidades.

Q: Eles fornecem as ferramentas com as quais viver.

K: Mas quais são as mãos que irão usá-las? São as mesmas mãos que produziram este mundo, as guerras e tudo o mais.

Q: O que significa dizer que as ferramentas estão aí, mas se não houver uma revolução interior e psicológica o senhor usará essas fer-

ramentas da mesma forma antiga e manterá em funcionamento toda a podridão. Minha pergunta é sobre isso.

K: Se essa revolução não está acontecendo aqui, por que será que ela não está acontecendo? E se estiver acontecendo, será que ela está efetivamente influenciando a mente, ou será ainda apenas uma idéia e não uma realidade, como ter de comer três refeições num dia. Isso é uma realidade, alguém tem de cozinhar, isso não é uma idéia.

Assim, eu lhes pergunto: esse tipo de educação sobre o qual estamos falando está ocorrendo aqui? E se estiver, vamos descobrir como vitalizá-la, como dar-lhe vida. Se não estiver, vamos descobrir por quê.

Q: Não parece que esteja ocorrendo em toda a escola.

K: Por que não? Pode estar acontecendo com umas poucas pessoas aqui e acolá — por que não está acontecendo com todos nós?

Q: Acredito que seja como uma semente que quer germinar, mas o solo arável é muito duro.

K: Você já viu a erva crescendo através do cimento?

Q1: Bem, sabe, essa é uma semente fraca. (Risos.)

Q2: Mas será que nos convencemos de que somos medíocres? Será que queremos sair disso? Essa é a questão.

K: Estou perguntando: vocês são medíocres? Não estou usando essa palavra com um sentido pejorativo — estou usando a palavra *medíocre* tal como aparece no dicionário. Vocês estão destinados a ser classe média se apenas prosseguirem em suas pequenas atividades em vez de enxergar o todo — o mundo todo e o seu pequeno lugar no todo, e não o caminho inverso. As pessoas não enxergam o todo; elas estão perseguindo seus pequenos desejos, seus pequenos praze-

res, suas pequenas vaidades e brutalidades, mas se elas vissem o todo e compreendessem o lugar que ocupam nele, seu relacionamento com o todo seria totalmente diferente.

Vivendo em Brockwood como estudantes numa pequena comunidade, relacionando-se com os professores e os colegas, vocês enxergam a totalidade do que está ocorrendo no mundo? Essa é a primeira coisa. Enxergar objetivamente, não emocionalmente; não com preconceitos ou preferências; apenas olhar. Os diversos governos não solucionarão esse problema; nenhum político está interessado nisso. Eles querem, de certa forma, manter o *status quo,* com uma pequena alteração aqui e ali. Eles não querem a unidade do homem; eles querem a unidade da Inglaterra. Mas mesmo ali os diversos partidos políticos não dizem: "Vamos nos unir e descobrir o que é melhor para o homem."

Q: Mas o senhor não está afirmando que isso não é possível?

K: Eles não estão fazendo.

Q: E nós, estamos?

K: Estamos observando; para começar, estamos olhando o mundo. Quando você vê a coisa como um todo, qual o seu desejo em relação ao todo? Se você não enxerga o todo e se limita a perseguir seu instinto particular, sua tendência ou desejo, isso é a essência da mediocridade, e é isso o que está acontecendo no mundo.

Vejam. Nos velhos tempos as pessoas realmente sérias diziam: "Não teremos nada a ver com o mundo; nos tornaremos monges, nos tornaremos pregadores, viveremos sem propriedades, sem casamento, sem posição na sociedade. Somos professores, percorreremos os vilarejos e aldeias por todo o país; as pessoas nos alimentarão, nós lhes ensinaremos a moralidade, nós lhes ensinaremos a serem bons, a não odiarem uns aos outros." Isso costumava acontecer, mas não podemos mais fazer isso. Na Índia ainda se pode. Você pode ir de leste a oeste, de norte a sul, mendigando. Vista uma determinada bata e eles o alimentarão e o vestirão, pois isso é parte da tradição

da Índia. Mas até mesmo isso está começando a desaparecer, pois existem muitos charlatães.

Portanto, precisamos ganhar a vida, precisamos viver neste mundo uma vida que seja inteligente, sadia, não mecânica — essa é a questão. E a educação serve para nos ajudar a nos tornar sadios, não-mecânicos e inteligentes. Eu vivo repetindo isso. Mas como faremos, eu e você, para discutir isso e descobrir inicialmente o que somos na verdade, e saber se isso pode ser drasticamente alterado? Olhem então de início para vocês mesmos; não evitem isso, não digam: "Como é terrível, como é feio!" Limitem-se a observar se vocês têm todas as inclinações que a loucura produziu neste mundo feio. E se você notar as suas próprias peculiaridades, descubra como mudá-las. Vamos conversar sobre isso; isso é relacionamento, isso é amizade, isso é afeição, isso é amor. Falem sobre isso e digam: "Vejam: eu tenho muita cobiça, eu me sinto terrivelmente tolo." Isso pode ser alterado radicalmente? Isso faz parte da sua educação.

Q: Eu me torno tolo quando me sinto inseguro.

K: Com certeza. Mas está certo disso? Não teorize a respeito disso. Você está em busca de segurança? — em alguém, numa profissão, em alguma qualidade ou numa idéia?

Q: Todos precisam de segurança.

K: Veja como você defende isso? Verifique inicialmente se você está em busca de segurança; não afirme que todos precisam disso. Em seguida, veremos se ela é necessária ou não, mas antes verifique se você está ou não em busca de segurança. É claro que está! Você compreendeu mesmo o sentido e as implicações da palavra *dependente?* — dependente de dinheiro, dependente de pessoas, de idéias, tudo isso vindo de fora. Depender de alguma crença ou da imagem que você tem sobre você mesmo, que você é um grande homem, que você tem isso ou aquilo, você sabe, toda essa tolice que existe por aí. Então, é preciso que você compreenda quais são as implicações dessa palavra e se você está amarrado por essas coisas. Se você per-

ceber que depende de alguém para a sua segurança, então você começa a questionar, então você começa a aprender. Você começa a aprender o que está implicado na dependência, no apego. Na segurança estão implicados o medo e o prazer. Quando não há segurança, você se sente perdido, você se sente só; e quando você se sente só, você foge — através de bebida, das mulheres, ou do que quer que você faça. Você age neuroticamente porque, na verdade, você não resolveu esse problema.

Assim, na realidade e não apenas em teoria, descubra, aprenda qual o sentido, o significado e as implicações dessa palavra. Aprender: isso faz parte da nossa educação. Eu dependo de certas pessoas. Dependo delas para a minha segurança, para estar a salvo, para o meu dinheiro, para o meu prazer. Portanto, se elas fizerem algo que me perturba, eu me amedronto, me frustro, fico irritado, com raiva, com ciúmes, e então eu corro e ponho minhas garras em alguma outra pessoa. O mesmo problema acontece o tempo todo. Então eu digo para mim mesmo: Deixe-me primeiro entender o que isso significa. Eu preciso ter dinheiro, preciso ter roupas, alimento e abrigo; essas são coisas normais. Mas quando o dinheiro está envolvido, todo o ciclo tem início. Então, eu preciso aprender e saber a coisa toda; não depois de eu ter me comprometido, pois então será tarde demais. Eu me comprometo ao me casar com alguém, e então eu me sinto amarrado, eu me sinto dependente; então a batalha começa, sonhando em ser livre mas estando preso pela responsabilidade, pela hipoteca.

Eis aqui um problema. Esse jovem diz: "Preciso ter segurança." Eu respondi: Antes de dizer "Eu preciso", descubra o que isso significa, aprenda sobre isso.

Q: Preciso ter roupas, alimento e uma casa.

K: Sim, prossiga.

Q: Para conseguir tudo isso, preciso ter dinheiro suficiente.

K: Então você faz o que pode. E, a seguir, o que sucede?

Q: Para conseguir esse dinheiro, eu dependo de alguém...

K: Você depende da sociedade, do seu patrão, do seu empregador. Ele o persegue, ele é brutal, e você suporta tudo porque depende dele. E isso é o que acontece no mundo todo. Por favor, examinem isso primeiro, como se examinassem um mapa. Você diz: "Preciso ganhar a vida. Eu sei que para ganhar a vida eu dependo da sociedade tal como ela existe. Isso requer muitas horas por dia, cinco ou seis dias por semana, e se eu não ganhar a vida não tenho nada. Isso é uma coisa. E eu também dependo interiormente da minha mulher ou de um padre ou de um conselheiro." Compreendem?

Q: Então, sabendo de tudo isso, eu não me caso. Eu vejo a dependência, toda a confusão que vai ocorrer.

K: Você não está aprendendo. Não diga que você não vai se casar; veja antes qual é o problema. Eu preciso de alimento, de roupas, de abrigo; essas são as necessidades básicas e para atendê-las eu dependo da sociedade tal como ela é, seja ela comunista ou capitalista. Eu sei disso e vou olhar em outras direções; eu preciso emocionalmente de segurança, o que significa dependência de alguém, da minha mulher, dos amigos, dos vizinhos, não importa quem sejam. E quando eu dependo de alguém, sempre existe o medo. Eu estou aprendendo; eu ainda não estou dizendo o que fazer. Eu dependo de você, você é o meu irmão, a minha mulher, o meu marido, e no momento em que você vai embora eu me sinto perdido, eu me apavoro — tenho reações neuróticas. Vejo que a dependência em relação às pessoas resulta nisso.

E eu pergunto ainda: Será que eu dependo de idéias? Da crença de que existe um Deus — ou não —, de que precisamos viver numa irmandade universal, qualquer que seja ela; esta é outra dependência. E vocês chegam e dizem: "Que bobagem! Você está vivendo num mundo de ilusão." Eu então estremeço e digo: "O que devo fazer?" Então, em vez de aprender sobre isso, eu me ligo a algum outro culto. Percebeu o que eu digo? Será que percebem que, sozinhos, vocês são insuficientes e, portanto, são dependentes? Então você bus-

ca suficiência em você mesmo: "Eu sou bom; encontrei Deus; aquilo em que eu acredito é verdade; minha experiência é o que existe de real." Então você pergunta: "O que é tão completamente seguro que jamais se perturba?"

Q: Não vejo a relação entre as duas coisas das quais o senhor está falando...

K: Estamos indagando quais são as implicações de se querer segurança. Estamos examinando o mapa da segurança. Ele mostra que eu dependo de alimentos, de roupas, de abrigo, pois eu vivo numa sociedade corrupta — e vejo quais as implicações se eu depender de pessoas. Não estou dizendo que isso deveria ou não deveria ser assim. O mapa diz: Olhe, esta estrada leva ao medo, ao prazer, à raiva, à satisfação, à frustração, à neurose. E diz também: Olhe o mundo das idéias. Depender de idéias é a forma mais frágil de dependência, pois elas não passam de palavras que se tornaram realidade como uma imagem; você vive numa imagem. E o mapa diz: Seja auto-suficiente. Então eu dependo de mim mesmo, preciso ter confiança em mim mesmo. O que você é? Você é o resultado de tudo isso. Então o mapa mostrou a você todas essas coisas e você me pergunta agora: "Onde está a completa segurança — inclusive um emprego e tudo o mais?" Onde você irá encontrá-la?

Q: Você a encontra quando não tem medos.

K: Você não entendeu o que eu estou dizendo. Ponha um mapa desses na sua frente. Olhe para ele: segurança física, segurança emocional, segurança intelectual e segurança em seus próprios pensamentos, em seus próprios sentimentos, na sua autoconfiança. Você diz: como tudo isso é frágil. Olhando para isso e vendo toda essa fragilidade, e nulidade, a falta de realidade que há por trás disso, onde está então a segurança? É aprender sobre tudo isso que produz a inteligência. Portanto, na inteligência está a segurança. Compreenderam?

Q: Pode alguém viver sem segurança?

K: Você não aprendeu a olhar primeiro. Você aprendeu a olhar através da sua imagem particular; essa imagem lhe deu a sensação de segurança. Assim, olhe primeiro para o mapa, ponha de lado a imagem do que você acredita que seja segurança — que você precisa ter — e limite-se a olhar. Quais são as implicações de se querer segurança? Quando você descobre que não existe segurança em nada daquilo em que você procurou, que não existe segurança na morte, não há segurança na vida, quando você descobre tudo isso, então o próprio ato de constatar o fato de que não existe segurança nas coisas onde se procurou, é inteligência. Essa inteligência lhe dá completa segurança.

Portanto, aprender é o começo da segurança. O ato de aprender é inteligência, e no aprendizado existe uma enorme segurança. Você está aprendendo aqui?

Q: Na família, costuma-se dizer que é preciso tratar de ganhar a vida, de ter uma boa dose de conhecimento. Existe essa idéia de segurança, essa necessidade básica.

K: Isso está bastante certo. Sua família, a tradição diz que você precisa ter segurança física, que você precisa ter um emprego; precisa ter conhecimentos, uma técnica; precisa se especializar, precisa ser isso ou aquilo, de forma a ter segurança.

Q: É uma idéia.

K: Eu preciso de dinheiro, isso não é uma idéia — tudo o mais é uma idéia. A continuidade física na segurança é a coisa real; tudo o mais carece de realidade. E perceber isso é inteligência. Nessa inteligência está a mais completa segurança; eu posso viver em qualquer lugar, no mundo comunista ou no mundo capitalista.

Lembra-se de que dissemos no outro dia que meditar é observar? Esse é o início da meditação. Você não pode observar esse mapa se tiver a mínima distorção em sua mente; se sua mente estiver distorcida

pelo medo ou pelos preconceitos. Olhar esse mapa é olhar sem preconceito. Aprenda, então, meditando, o que vem a ser estar livre de preconceitos; isso é parte da meditação, e não apenas sentar com as pernas cruzadas em algum lugar. Isso torna você tremendamente responsável, não apenas por você mesmo e pelo seu relacionamento, mas por tudo o mais, o jardim, as árvores, as pessoas à sua volta — tudo se torna tremendamente importante.

Ser sério também significa se divertir. Você não pode ser sério sem se divertir. Falamos outro dia sobre ioga, não falamos? Eu lhes mostrei alguns exercícios de respiração. Vocês precisam fazer tudo com alegria, divertir-se com as coisas, compreendem?

Q: Há certas coisas, como o estudo, que eu não acredito que sejam possíveis de ser discutidas com um senso de diversão.

K: Oh, sim! Veja, aprender é divertido. Ver novas coisas é extremamente divertido; se você sozinho faz uma grande descoberta, isso lhe dá uma enorme energia. O mesmo não acontece quando alguma outra pessoa descobre algo e lhe revela tudo sobre o assunto; então será de segunda mão. É muito divertido, quando você está estudando, ver algo totalmente novo, como descobrir um novo inseto, uma nova espécie. Descobrir como a minha mente está trabalhando, perceber todas as nuanças, as sutilezas: aprender tudo isso é muito divertido.

De Perguntas e Respostas, *Saanen, 24 de Julho de 1980*

Viver Corretamente

Questionador: Trabalho como professor e vivo em permanente conflito com o sistema da escola e o padrão da sociedade. Devo desistir de trabalhar? Qual é a maneira correta de ganhar a vida? Existirá uma forma de viver que não perpetue o conflito?

Krishnamurti: Essa é uma questão bastante complexa e vamos abordá-la passo a passo.

O que é um professor? Um professor, ou dá informações sobre história, sobre física, sobre biologia, e assim por diante, ou ele próprio também está aprendendo, junto com os alunos, sobre ele mesmo. É assim que se procede para compreender o movimento da vida. Se eu sou um professor, não de biologia ou de física, mas de psicologia, o aluno irá me compreender ou a minha maneira de apontar as coisas irá ajudá-lo a compreender a si mesmo?

Precisamos ser muito cuidadosos com o que queremos dizer com a palavra professor. Existem professores de psicologia? Ou existirão apenas professores de fatos? Existirá um professor que possa ajudá-lo a compreender a si mesmo? O questionador pergunta: Eu sou professor. Preciso lutar, não só contra o sistema estabelecido de escolas e de educação, mas a minha vida também é uma constante batalha comigo mesmo. Será que preciso desistir de tudo isso? Então, o que farei se desistir de tudo isso? Ele pergunta, não apenas o que vem

a ser ensinar corretamente, como ele também quer descobrir o que vem a ser viver corretamente.

O que é o viver corretamente? Da forma como é a sociedade atual, não existe maneira correta de viver. Você precisa ganhar a vida, você se casa, tem filhos, torna-se responsável por eles, e por isso aceita a vida de engenheiro ou de professor. Da forma como está constituída a sociedade, pode haver uma forma correta de viver? Ou será a busca por um modo correto de viver meramente uma busca por uma utopia, um desejo por algo mais? O que a pessoa deve fazer numa sociedade corrompida, que tem essas contradições em si mesma, na qual existe tanta injustiça — pois essa é a sociedade em que vivemos? E não apenas como o professor numa escola, eu me pergunto: O que farei?

Será possível viver nesta sociedade, não apenas para ter um meio adequado de vida, mas viver sem conflito? Será possível ganhar a vida corretamente e também acabar com todos os conflitos interiores? Bem, será que são realmente duas coisas separadas: ganhar a vida corretamente e viver sem conflitos interiores? Serão esses dois compartimentos estanques e separados? Ou será que caminham juntos? Viver uma vida sem conflitos requer grande dose de compreensão de si mesmo e, portanto, grande inteligência — não a inteligência esperta do intelecto — mas a capacidade de observar, de ver objetivamente o que está acontecendo, tanto externamente quanto interiormente, e saber que não existe diferença entre o exterior e o interior. É como uma maré que vai e que vem. Viver nesta sociedade, que nós criamos, sem nenhum conflito em mim mesmo e, ao mesmo tempo, ter um modo de vida correto — será isso possível? A qual deles devo dar ênfase: no modo correto de ganhar a vida ou no modo correto de viver, ou seja, descobrir como viver uma vida sem conflitos? O que vem antes? Não façam com que eu apenas fale e vocês escutem, concordando ou discordando, dizendo: "Isso não é prático. Não é dessa forma nem daquela" — porque isso é o problema de vocês. Estamos perguntando uns aos outros: Haverá uma forma de viver que produza naturalmente um modo de ganhar a vida correto e, ao mesmo tempo, nos permita viver sem uma única sombra de conflito?

Tem-se dito que não se pode viver dessa maneira exceto num mosteiro, como um monge; e porque você renunciou ao mundo e a toda a sua desgraça, e se comprometeu com o serviço de Deus, porque você entregou sua vida a uma idéia, ou a uma pessoa, a uma imagem ou símbolo, você espera que alguém cuide de você. Mas são poucos os que ainda acreditam em mosteiros, ou em dizer: "Vou renunciar." Se renunciam, isso significa a rendição a uma imagem que criaram ou projetaram a respeito de alguém.

Só é possível viver uma vida isenta de qualquer sombra de conflito quando você tiver compreendido todo o significado de viver, que é relacionamento e ação. O que é, em *todas* as circunstâncias, a ação correta? Essa coisa existe? Existirá uma ação correta absoluta, que não seja relativa? A vida é ação, movimento, falar, adquirir conhecimento, e também o relacionamento com o outro, não importa se profundo ou superficial. Você precisa descobrir o relacionamento certo se pretende descobrir uma ação correta que seja absoluta.

Qual é o seu atual relacionamento com o outro — não aquele relacionamento romântico, imaginário, florido e superficial que desaparece em alguns minutos — mas, na verdade, qual é o seu relacionamento com o outro? Qual é o seu relacionamento com uma determinada pessoa? — talvez íntima, envolvendo sexo, envolvendo a dependência de um em relação ao outro, possuindo um ao outro e, portanto, fazendo brotar ciúme e antagonismo. O homem ou a mulher sai para o escritório, ou faz algum tipo de trabalho físico, em que ele ou ela se torna ambicioso ou cheio de cobiça, competitivo, agressivo, em busca do êxito; ele ou ela volta para casa e se torna um marido manso ou esposa tranqüila, amiga, talvez afetuosa. Esse é o relacionamento diário real. Ninguém pode negar isso. E estamos perguntando: este é um relacionamento correto? Dizemos que não, certamente que não; seria absurdo dizer que esse é um relacionamento correto. Dizemos isso, mas continuamos da mesma forma. Dizemos que isso está errado, mas não parecemos capazes de compreender o que é o relacionamento correto — a não ser de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade e por nós mesmos.

Nós podemos desejar isso, podemos querer, ansiar por isso, mas querer e desejar apenas não é o bastante para produzi-lo. Precisamos examinar com seriedade esse assunto para descobrir.

O relacionamento em geral é sensual— começa assim — em seguida, da sensualidade vem o companheirismo, um senso de dependência de cada um em relação ao outro; então há a constituição de uma família, o que aumenta a dependência de um em relação ao outro. Quando nessa dependência há incerteza, a panela ferve. Para descobrir o relacionamento correto é preciso investigar essa grande dependência que se estabelece entre um e outro. Psicologicamente, por que somos tão dependentes em nossos relacionamentos em relação ao outro? Será por que nos sentimos desesperadamente sós? Será que não acreditamos em ninguém — até mesmo no nosso próprio marido ou mulher? De outro lado, a dependência dá uma sensação de segurança, uma proteção contra este vasto mundo de terror. Dizemos: "Eu te amo." Nesse amor há sempre o sentimento de possuir e de ser possuído. E quando a situação se mostra ameaçadora, aí então afloram todos os conflitos. Este é o nosso relacionamento atual com o outro, íntimo ou não. Criamos uma imagem a respeito do outro e nos aferramos a essa imagem.

A partir do momento em que você se sente amarrado a outra pessoa, ou a um conceito ou idéia, começou a corrupção. Eis o que é importante verificar, e nós não queremos verificar isso. Assim, podemos nós viver juntos sem nos sentir presos, sem nos sentir psicologicamente dependentes um do outro? A menos que você descubra isso por si mesmo você viverá sempre em conflito, porque a vida é relacionamento. Bem, mas podemos nós, objetivamente, sem nenhum motivo, observar as conseqüências do apego e deixar que elas se afastem imediatamente? O apego não é o oposto de desprendimento. Eu me apego e luto para me desligar; ou seja, eu crio o oposto. No momento em que eu criei o oposto, está instalado o conflito. Mas não existe esse oposto; existe apenas o que eu tenho, que é o apego. Existe apenas a realidade do apego — no qual eu enxergo todas as conseqüências do apego no qual não existe amor — não a busca do desprendimento. O cérebro foi condicionado, educado, treinado para observar o que é o seu oposto: "Eu sou violento, mas eu não devo ser violento" — portanto, existe o conflito. Mas quando eu observo apenas a violência, a natureza da violência — não analiso, mas observo —, então o conflito do oposto fica totalmente eliminado. Se a

pessoa quer viver sem conflito, que lide apenas com "aquilo que existe"; nada mais existe. E quando a pessoa vive dessa forma — e é possível viver dessa forma — permanece completamente com "aquilo que existe", então "aquilo que existe" murcha. Experimentem isso.

Quando você realmente compreende a natureza do relacionamento, que só existe quando não há apego, quando não existe uma imagem sobre o outro, então existe uma verdadeira comunhão com o outro.

A ação correta pressupõe ação precisa e acurada, que não se baseia em motivos; essa é a ação que não é dirigida ou comprometida. A compreensão da ação correta, do relacionamento correto, produz o entendimento. Não o entendimento do intelecto, mas o entendimento profundo, que não é o seu ou o meu. Essa inteligência irá ditar o que você fará para ganhar a vida; quando existe essa inteligência, você pode ser um jardineiro, um cozinheiro, não importa. Sem essa inteligência o seu meio de vida será ditado pelas circunstâncias.

Há um modo de vida no qual não existe conflito; e porque não existe conflito existe inteligência, que mostrará o modo correto de viver.

De Krishnamurti para Si Mesmo, *Brockwood Park, 30 de Maio de 1983*

Tem chovido aqui diariamente há mais de um mês. Quando você chega de um clima como o da Califórnia, onde as chuvas terminaram há mais de um mês, onde os campos verdejantes estavam secando e ficando castanhos e o sol estava muito quente (fazia mais de trinta e oito graus e ainda ficaria mais quente, embora todos dissessem que aquele seria um verão suave) — quando você chega de um clima desses é bastante surpreendente e chocante ver a grama verde, as maravilhosas árvores verdes e os galhos de cor avermelhada formando um castanho suave que se espalha, tornando-se gradualmente mais e mais escuro. Vê-los agora por entre as árvores verdes é um deleite. Eles ficarão muito mais escuros à medida que o verão se aproxima. E essa terra é muito bonita. A terra, seja ela do deserto ou rica em pomares e campos verdejantes e brilhantes, é sempre bonita.

Sair para um passeio no campo com o gado e os cordeirinhos, e nos bosques, com o canto dos pássaros, sem um único pensamento na mente, apenas observando a terra, as árvores, as ovelhas, e ouvindo os cucos chamando as companheiras e os pombos-torcazes; andar sem nenhuma emoção, sem sentimento, observar as árvores e toda a terra — quando você observa assim, você apura o seu próprio pensamento, percebe as suas próprias reações e não permite que um único pensamento fuja de você sem compreender por que ele veio, o que foi que o causou. Se você for observador, não permitindo jamais que um pensamento passe a esmo, então o cérebro fica bastante silencioso.

Então você observa em grande silêncio, e esse silêncio tem bastante profundidade, uma beleza duradoura e incorruptível.

O garoto era muito bom nos jogos, realmente muito bom. Ele era também muito bom nos estudos; era autêntico. Então um dia ele dirigiu-se ao professor e disse: "Senhor, posso ter uma conversa com o senhor?" O educador respondeu: "Sim, podemos conversar; vamos dar um passeio." Então eles mantiveram um diálogo. Foi uma conversa entre o que ensina e o que é ensinado, uma conversa na qual havia respeito de ambos os lados, e como o educador também era autêntico, a conversa foi agradável e amistosa, e eles esqueceram quem era o professor e quem era o aluno; a hierarquia foi esquecida, a importância de quem sabe, a autoridade, e do outro que tem curiosidade.

"Senhor, eu gostaria de saber se o senhor sabe do que se trata, por que eu estou recebendo uma educação, que papel isso terá quando crescer, qual o meu papel neste mundo, por que eu tenho de estudar, por que tenho de me casar, e qual é o meu futuro? É claro que sei que preciso estudar e passar em exames de alguns tipos, e eu espero ser capaz de passar. Eu provavelmente viverei por muitos anos, talvez cinqüenta, sessenta ou mais, e em todos esses anos que virão qual será a minha vida e a vida das pessoas ao meu redor? O que serei e qual é o sentido de passar todas essas longas horas debruçado sobre os livros e ouvindo os professores? Pode haver uma guerra devastadora; podemos morrer todos nós. Se a morte é tudo o que temos pela frente, então, qual o sentido dessa educação? Por favor, estou fazendo essas perguntas com bastante seriedade, porque ouvi outros professores, e o senhor também, chamando a atenção para várias dessas coisas."

"Eu gostaria de abordar uma questão por vez. Você fez várias perguntas, você me apresentou diversos problemas, então vamos inicialmente examinar a que talvez seja a questão de maior importância: Qual o futuro da humanidade e de você mesmo? Como você sabe, seus pais estão muito bem financeiramente e, certamente, eles querem ajudar você de todas as formas possíveis. Talvez se você vier a se casar, eles lhe dêem uma casa, comprem uma casa com tudo o que for necessário, e você poderia vir a ter uma bela esposa — poderia. Então, o que é que você vai ser? A usual pessoa medíocre? Ter um

emprego, estabelecer-se com todos os problemas ao seu redor e no seu interior — será esse o seu futuro? É claro que pode estourar uma guerra. Vamos torcer para que o homem acabe por perceber que as guerras de qualquer natureza jamais resolverão nenhum problema. Os homens podem melhorar, podem inventar aviões melhores e assim por diante, mas as guerras jamais resolveram nenhum problema humano e jamais o farão. Vamos então esquecer por alguns momentos que todos nós podemos ser destruídos pela loucura das superpotências, pela loucura dos terroristas ou de algum demagogo de algum país, desejoso de destruir seus supostos inimigos. Vamos esquecer tudo isso por enquanto. Vamos considerar qual será o seu futuro, sabendo-se que você é parte do resto do mundo. Qual é o seu futuro? Como eu perguntei — ser uma pessoa medíocre? Mediocridade significa ir até a metade do caminho ao subir a montanha, ir até a metade do caminho em qualquer coisa, jamais atingindo o topo da montanha ou exigindo toda a sua energia, toda a sua capacidade, jamais exigindo excelência.

"Certamente, você deve verificar também que surgirão inúmeras pressões de fora — pressões para que faça isso, todas as pressões e propaganda das diversas seitas religiosas. A propaganda jamais pode dizer a verdade; a verdade nunca pode ser propagada. Assim, espero que você perceba as pressões que surgirão sobre você — pressões vindas de seus pais, da sociedade, da tradição de ser um cientista, ou um filósofo, ou de ser um físico, um homem que se dedica à pesquisa de qualquer natureza; ou de ser um homem de negócios. Verificando tudo isso, coisa que você precisa fazer na sua idade, que caminho você seguirá? Nós temos falado sobre tudo isso há muitos semestres e, provavelmente, se me é possível observar, você aplicou sua mente a tudo isso. Portanto, como temos bastante tempo juntos antes de dar a volta na colina e retornar, eu lhe pergunto, não como professor, mas com a afeição de um amigo sinceramente preocupado, qual é o seu futuro? Mesmo que você já tenha se decidido a ser aprovado em alguns exames e a começar uma carreira, uma boa profissão, ainda você precisa se perguntar: isso é tudo? Mesmo que você tenha uma boa profissão, uma vida talvez bastante agradável, ainda assim você terá inúmeros dissabores e problemas. Se tiver uma fa-

mília, qual será o futuro de seus filhos? Essa é uma questão que você tem que se responder e talvez possamos falar sobre ela. Você precisa pensar no futuro de seus filhos, não apenas no seu futuro, e você precisa considerar o futuro da humanidade, esquecendo que você é alemão, francês, inglês ou indiano. Vamos falar sobre isso, mas por favor, note que eu não estou lhe dizendo o que você tem de fazer. Apenas os tolos dão conselhos, e eu não pretendo ingressar nessa categoria. Estou apenas questionando, de forma amiga, e espero que você encare isso assim; eu não o estou empurrando, dirigindo, persuadindo. Qual é o seu futuro? Você amadurecerá rápida ou lentamente, com graça, com sensibilidade. Você será medíocre, mesmo que seja de primeira classe na sua profissão? Você pode atingir a excelência, ser muito bom no que quer que faça, mas eu estou me referindo à mediocridade da mente, do coração, à mediocridade de todo o seu ser."

"Senhor, realmente eu não sei como responder a essas perguntas. Não pensei muito sobre tudo isso, mas quando me faz essas perguntas, quando me pergunta se vou me tornar idêntico ao resto do mundo, medíocre, só o que posso responder é que certamente eu não quero ser isso. Percebo também a atração que é exercida pelo mundo. Vejo também que há uma parte de mim que quer tudo isso. Eu quero me divertir, quero momentos felizes, mas o meu outro lado vê também o perigo de tudo isso, as dificuldades, as ânsias, as tentações. Assim, eu realmente não sei aonde irei parar. E também, como o senhor já observou em diversas ocasiões, eu mesmo não sei o que sou. Uma coisa está bem clara: eu realmente não quero ser uma pessoa medíocre com uma mente e um coração pequenos, embora com um cérebro que pode ser brilhante. Eu posso vir a estudar em muitos livros e adquirir uma grande dose de conhecimento e, ainda assim, continuar uma pessoa limitada e estreita. A mediocridade, senhor, é uma palavra muito boa, que o senhor tem usado, e quando penso nela fico assustado — não pela palavra em si, mas por todas as implicações do que o senhor tem mostrado. Eu realmente não sei, e talvez conversar sobre o assunto com o senhor possa tornar as coisas mais claras. Eu não posso falar com a mesma facilidade com meus pais. Eles provavelmente tiveram o mesmo tipo de problema que eu; talvez sejam mais maduros fisicamente, mas podem se encontrar na mesma posição que

eu. Assim, se o senhor permite, posso dispor de uma outra oportunidade para conversar a respeito? Eu realmente me sinto um tanto nervoso, apreensivo e assustado a respeito da minha capacidade de enfrentar tudo isso, de passar por tudo isso sem me tornar uma pessoa medíocre."

❖

Era uma daquelas manhãs como jamais foram vistas: a campina próxima, as faias inertes e o caminho que se dirige para o interior da floresta — tudo era silêncio. Não havia o trinado de um único pássaro e os cavalos que estavam por perto mantinham-se imóveis. Uma manhã como essa, fresca e´suave, é algo bastante raro. Havia muita paz na região e tudo permanecia muito quieto. Havia aquela sensação, aquele senso de silêncio absoluto. Não era um sentimentalismo romântico e nem uma imaginação poética. Era e é. Uma coisa simples, eis tudo o que é. As faias avermelhadas estavam cheias de esplendor naquela manhã contra os verdes campos que se estendiam para a distância, e uma nuvem cheia daquela luz matinal flutuava preguiçosamente. O sol estava apenas se levantando, havia grande paz e um senso de adoração. Não a adoração de algum deus ou divindade criada pela imaginação, mas a reverência que é fruto da grande beleza. Naquela manhã seria possível deixar ir embora tudo o que se armazenara e ficar em silêncio com os bosques e as árvores e a relva imóvel. O céu era de um azul suave e pálido e, bem ao longe, na outra extremidade dos campos, um cuco estava chamando, os pombos-torcazes estavam arrulhando e os melros começavam sua canção matinal. A distância, podia-se ouvir um carro que passava. É provável que quando os céus exibem uma tal quietude e encanto venha a chover mais tarde. Isso sempre acontece quando o amanhecer é muito claro. Mas essa era uma manhã muito especial, algo que jamais acontecera e que jamais poderia se repetir.

"Estou contente pelo fato de você ter vindo por sua própria conta, sem ser convidado e, talvez, se você estiver preparado, possamos prosseguir nossa conversa sobre a mediocridade e o futuro da sua vida. A pessoa pode ser excelente na sua carreira; não estamos afir-

mando que existe mediocridade em todas as profissões; um bom carpinteiro pode não ser medíocre em seu trabalho, mas ser medíocre na sua vida diária, na sua vida interior, na sua vida com a família. Ambos compreendemos agora o significado dessa palavra e vamos investigar juntos sua profundidade. Estamos falando sobre a mediocridade interior, sobre os conflitos psicológicos, sobre os problemas e o trabalho árduo. Pode haver grandes cientistas que, no entanto, interiormente levem uma vida medíocre. Então, o que irá ser a sua vida? Sob alguns aspectos, você é um estudante brilhante, mas para que você irá usar o seu cérebro? Não estamos falando da sua carreira, isso virá depois; de que forma você vai viver, essa é nossa preocupação agora. É claro que você não vai ser um criminoso no sentido comum da palavra. Se você for esperto, você não irá ser um valentão; eles são muito agressivos. Você provavelmente conseguirá um belo emprego, fará um excelente trabalho seja o que for que resolva fazer. Deixemos, portanto, isso tudo de lado por alguns momentos. Mas, lá por dentro, qual é a sua vida? E, interiormente, qual é o seu futuro? Será você idêntico ao resto do mundo, sempre buscando prazer, sempre preocupado com uma dúzia de problemas psicológicos?"

"No momento, senhor, eu não tenho problemas, a não ser o de ser aprovado nos exames e o aborrecimento que é tudo isso. De outra forma, parece que eu não tenho problemas. Há uma certa liberdade. Eu me sinto feliz, jovem. Quando vejo todos esses velhos eu me pergunto: Será que eu terminarei como eles? Parece que eles tiveram boas carreiras ou que fizeram algo que queriam fazer mas, a despeito disso, eles se tornaram secos, apáticos, e parece que eles jamais se excederam nas qualidades mais profundas do cérebro. Eu seguramente não quero ficar assim. Não se trata de vaidade, mas eu quero ser algo diferente. Não é uma ambição. Eu quero ter uma boa carreira e tudo o mais, mas eu certamente não quero ser como essas pessoas que envelheceram parecendo ter perdido tudo aquilo de que gostavam."

"Você pode não querer ser como eles, mas a vida é algo muito cruel e exigente. Não o deixará em paz. Você sofrerá grande pressão da sociedade quer você more na América ou em qualquer outra parte do mundo. Você será constantemente solicitado a ser como os demais,

a se tornar algo hipócrita, dizer coisas que você realmente não pensa, e se você se casar isso também pode trazer problemas. Você precisa compreender que a vida é um negócio bastante complexo — não basta perseguir aquilo que você deseja fazer e se fixar teimosamente nisso. Esses jovens querem se tornar alguém — advogados, engenheiros, políticos, e assim por diante; existe a ansiedade, a motivação da ambição de poder, de dinheiro. É por isso que passaram esses velhos a que você se refere. Eles se desgastaram pelos constantes conflitos, por seus desejos. Olhe para isso, veja as pessoas à sua volta. Estão todos no mesmo barco. Alguns pulam do barco, perambulam interminavelmente e morrem. Outros procuram algum canto tranqüilo da terra e para aí se retiram; alguns se ligam a um mosteiro, tornam-se monges de várias espécies, tomando votos desesperados. A grande maioria, milhões e milhões, leva uma vida bastante pequena, de um horizonte muito limitado. Eles têm seus sofrimentos e suas alegrias, e parece que jamais se livram deles ou os compreendem e superam. Assim, de novo, perguntamos um ao outro: qual é o nosso futuro; especificamente, qual é o seu futuro? Com certeza, você ainda é muito jovem para entrar nessa questão com muita profundidade, pois a juventude não tem nada a ver com a total compreensão dessa questão. Você pode ser um agnóstico; os jovens não acreditam em nada, mas, à medida que passarem os anos, você pode se voltar para alguma forma de superstição religiosa, de dogma religioso, de convicção religiosa. A religião não é um narcótico, mas o homem fez a religião à sua imagem — num abrigo seguro e, portanto, em segurança. Ele fez da religião algo totalmente tolo e impraticável; e não algo com o que se possa viver. Que idade você tem?"

"Vou fazer dezenove anos, senhor. Minha avó me deixou certa quantia para quando eu completar vinte e um anos e, talvez, antes de ingressar na universidade, eu possa viajar e conhecer o que há por aí. Mas sempre levarei comigo essa pergunta, onde quer que eu esteja, qualquer que seja o meu futuro. Posso vir a me casar, provavelmente eu o farei, e ter filhos, e assim a grande questão surge — qual será o futuro deles? De alguma forma, estou a par daquilo que os políticos estão fazendo em todo o mundo. Para mim, trata-se de algo muito feio e, portanto, acredito que jamais serei um político.

Estou seguro disso, mas quero ter um bom emprego. Eu gostaria de trabalhar com minhas mãos, com meu cérebro, mas a questão é como não me tornar uma pessoa medíocre como noventa e nove por cento da humanidade. Sendo assim, senhor, o que devo fazer? Oh, sim, estou ciente das igrejas e templos e de tudo isso; não me sinto atraído por isso. Eu me sinto é revoltado contra tudo isso — os padres e a hierarquia da autoridade, mas como faço para evitar que eu mesmo me torne uma pessoa comum, mediana, medíocre?"

"Se me permite a sugestão, nunca, em circunstância alguma, pergunte 'como'. Quando você usa a palavra *como*, você na realidade está pedindo para alguém lhe dizer o que fazer, algum dia, algum sistema, alguém que o leve pela mão, de maneira que você perde a sua liberdade, a sua capacidade de observar, suas próprias atividades, seus próprios pensamentos, sua própria maneira de viver. Quando você pergunta 'como', você realmente está se tornando um ser humano de segunda mão; você perde a integridade e também a honestidade inata de olhar para você mesmo, de ser o que você é, de ir além e acima do que você é. Nunca, nunca, faça a pergunta 'como'. Estamos falando do ponto de vista psicológico, é claro. Você precisa perguntar 'como' quando quer colocar um motor para funcionar ou construir um computador. Você precisa aprender tudo sobre isso com alguém. Mas ser original e livre psicologicamente só pode acontecer quando você está ciente de suas próprias atividades interiores, quando observa o que está pensando, e não permite jamais que algum pensamento fuja sem observar de que natureza ele é, qual a sua origem. Observar, examinar. A pessoa aprende sobre si mesma muito mais pela observação do que pelos livros ou através de algum psicólogo ou de um estudioso ou professor erudito, sábio e complicado.

"Vai ser muito difícil, meu amigo. Isso pode destruí-lo. Existe um sem-número das assim chamadas tentações — biológicas, sociais, e você pode ser arrasado pela crueldade da sociedade. É claro que você terá de enfrentar tudo sozinho, mas você não atingirá essa capacidade pela força, pela determinação ou pelo desejo, e sim por começar a distinguir as coisas falsas ao seu redor e em você mesmo: as emoções, as esperanças. Quando você começar a distinguir o que é falso, então passará a ter percepção, inteligência. Você precisa se

tornar uma luz para você mesmo, e essa é uma das coisas mais difíceis da vida."

"Senhor, o senhor fez com que tudo ficasse muito difícil, muito complexo, muito horrível e assustador."

"Estou apenas apontando tudo isso para você. Não quero dizer que os fatos devam assustá-lo. Os fatos estão aí para serem observados. Se você os observa, eles jamais o assustarão. Os fatos não são assustadores. Mas se você quer evitá-los, virar as costas para eles e fugir, então tudo é assustador. Permanecer, verificar que o que você fez pode não ter sido totalmente correto, viver com o fato e não interpretar o fato de acordo com o seu prazer ou forma de reagir, isso não é assustador. A vida não é simples. Pode-se levar uma vida simples, mas a vida em si mesma é muito ampla e complexa. Ela se estende de horizonte a horizonte. Você pode viver com algumas poucas roupas ou com uma refeição por dia, mas isso não é simplicidade. Assim, seja simples, não viva de forma complicada, contraditória e assim por diante; seja simples interiormente... Você jogou tênis esta manhã. Eu estava observando e você parece muito bom nisso. Talvez voltemos a nos encontrar. Isso depende de você."

"Muito obrigado, senhor."

De Comentários Sobre a Vida, Terceira Série, *Capítulo 30*

O Interesse por si Mesmo Empobrece a Mente

Serpenteando de um lado para o outro do vale, o caminho cruzava uma pequena ponte sob a qual corria suavemente a água que as chuvas recentes haviam tingido de cor pardacenta. Voltando-se para o norte, o caminho prosseguia, em suaves ondulações, em direção a uma aldeia isolada. A aldeia e seus habitantes eram bastante pobres. Os cães sarnentos latiam a distância, jamais se aventurando a aproximar-se, com seus rabos encolhidos, as cabeças erguidas, prontos para correr. Havia inúmeras cabras espalhadas pelas encostas das colinas, balindo e comendo os arbustos silvestres. Era um lugar muito bonito, o campo era verdejante e as montanhas, azuladas. O granito desnudo que se projetava dos picos das montanhas, tinha sido lavado pelas chuvas de incontáveis séculos. Essas montanhas não eram altas, mas eram muito antigas e, destacando-se contra o azul do céu, possuíam uma fantástica beleza, aquele estranho encanto produzido pelo tempo imensurável. Os picos eram como os templos que o homem constrói tentando imitá-los, em seu desejo de alcançar o firmamento. Mas naquele entardecer, com o sol que se punha pairando sobre elas, aquelas montanhas pareciam muito próximas. Ao longe, ao sul, formava-se uma tempestade, e os clarões entre as nuvens produziam na região uma estranha sensação. A tempestade rebentaria durante a noite; as montanhas, entretanto, tinham resistido às tempestades durante eras,

e permaneceriam sempre ali, indiferentes a toda a labuta e dor dos homens.

Os aldeões voltavam exaustos para suas casas, depois de um dia de trabalho nos campos. Logo se poderia avistar a fumaça saindo de suas cabanas, a indicar que preparavam suas refeições. Não seria grande coisa; e as crianças, enquanto aguardavam a refeição, sorririam quando passássemos por elas. Elas ficavam surpresas e tímidas diante de estranhos, mas eram amistosas. Duas jovens seguravam pequenas criancinhas, apoiando-as em seus quadris, enquanto as mães cozinhavam; os bebês escorregavam e eram puxados novamente para os quadris. Embora com apenas dez ou doze anos de idade, essas jovens já estavam acostumadas a carregar os bebês; e ambas sorriam. A brisa do entardecer soprava por entre as árvores e o gado estava sendo recolhido para passar a noite no abrigo.

Naquele caminho não havia agora mais ninguém, nem mesmo um aldeão solitário. A terra de repente parecia vazia, estranhamente silenciosa. A lua, que acabara de surgir, brilhava acima das montanhas. A brisa deixara de soprar, nem uma única folha se agitava: tudo permanecia estático, e a mente estava completamente só. Não estava solitária, não estava isolada, fechada em seus próprios pensamentos, mas sozinha, intocada, não contaminada. Não era arredia e distante, afastada das coisas da terra. Estava só e ao mesmo tempo com todas as coisas; porque estava só, tudo lhe pertencia. O que está separado se reconhece como estando separado; mas aquela solidão não conhecia separação, não conhecia divisão. As árvores, a correnteza, o aldeão chamando a distância, tudo isso fazia parte daquela solidão. Não se tratava de uma identificação com o homem, com a terra, pois toda e qualquer identificação havia desaparecido. Naquela solidão não havia mais a sensação do transcorrer do tempo.

Eles eram três: o pai, o filho e um amigo. O pai devia estar com cinqüenta e tantos anos, o filho em seus trinta e o amigo era de idade indefinível. Os dois homens mais velhos eram calvos, mas o filho ainda tinha bastante cabelo. Sua cabeça era bem formada, um nariz curto e os olhos a uma distância harmoniosa um do outro. Seus lábios agitavam-se sem parar, embora ele estivesse sentado calmamente. O pai acomodara-se atrás do filho e do amigo, dizendo que só tomaria

parte na conversa se fosse necessário, pois do contrário apenas observaria e ouviria. Um pardal pousou na janela aberta e logo voou para fora novamente, assustado pela presença de tantos homens. Ele conhecia aquela sala, e com freqüência pousava na janela, onde permanecia a pipilar sem nenhum medo.

"Embora meu pai talvez não participe da conversa", começou o filho, "ele quer fazer parte dela, pois o problema diz respeito a todos nós. Minha mãe teria vindo se não estivesse se sentindo tão mal, e ela está aguardando o relato que iremos lhe fazer. Já lemos algumas coisas que o senhor disse, e meu pai, em particular, tem acompanhado suas palestras a distância; mas apenas há cerca de um ano ou dois tomei real interesse pelo que o senhor diz. Até recentemente, a política absorvia grande parte da minha atenção e entusiasmo; mas eu comecei a ver a imaturidade da política. A vida religiosa é apenas para a mente que está amadurecendo e não para políticos e advogados. Fui um advogado razoavelmente bem-sucedido, mas agora não sou mais advogado, uma vez que pretendo dedicar o resto de meus dias a algo útil e de muito maior significação. E falo também pelo meu amigo, que quis nos acompanhar quando ouviu dizer que vínhamos até aqui. Sabe, senhor, o nosso problema é o fato de estarmos envelhecendo. Mesmo eu, embora ainda relativamente jovem, estou chegando àquele período da vida em que o tempo parece voar, quando os dias parecem ficar mais curtos e a morte parece se aproximar. A morte, até o momento, pelo menos, não é o problema; mas a velhice, sim."

O que você entende por velhice? Está se referindo ao envelhecimento do organismo físico, ou o da mente?

"O envelhecimento do corpo certamente é inevitável, ele se desgasta pelo uso e pela doença. Mas, e a mente, ela precisa envelhecer e se deteriorar?"

Pensar especulativamente é fútil e desperdício de tempo. Será a deterioração da mente um fato real ou uma suposição?

"É um fato, senhor. Estou seguro de que minha mente está envelhecendo, está cansada; uma lenta deterioração está em curso."

Mas não será esse também um problema que ocorre com os jovens, embora eles talvez não se dêem conta disso? Mesmo agora,

suas mentes estão colocadas num molde; seu pensamento já está enclausurado nos limites de um modelo estreito. Mas o que quer dizer exatamente ao afirmar que sua mente está envelhecendo?

"Ela já não é tão flexível, tão alerta e sensível como costumava ser. Sua capacidade de percepção está encolhendo; suas respostas aos diversos desafios da vida são cada vez mais um produto de tudo aquilo que ela armazenou do passado. Está se deteriorando, funcionando cada vez mais apenas dentro dos limites de seus próprios horizontes."

Então, o que faz a mente se deteriorar? É uma autoproteção e uma resistência à mudança, não é mesmo? Cada um de nós tem um interesse de benefício pessoal que está consciente ou inconscientemente protegendo, e do qual está cuidando, tentando evitar que algo o atrapalhe.

"O senhor se refere ao interesse que se tem na propriedade?"

Não apenas na propriedade, mas em relacionamentos de qualquer natureza. Nada pode existir isolado. Vida é relacionamento; e a mente tem um interesse pessoal no seu relacionamento com as pessoas, com as idéias e com as coisas. Esse interesse por si mesmo e a recusa em promover uma revolução fundamental dentro de si mesma é o ponto de partida da deterioração da mente. Em sua maioria, as mentes são conservadoras, resistem às mudanças. Até mesmo a chamada "mente revolucionária" é conservadora pois, uma vez atingido seu êxito revolucionário, ela também resiste às mudanças; a própria revolução torna-se para ela um interesse de benefício pessoal.

Ainda que a mente, seja ela a conservadora ou a "revolucionária", possa permitir certas mudanças superficiais nas suas atividades, ela permanece avessa a mudanças profundas ou radicais. As circunstâncias podem até fazer com que ela ceda, se adapte, com muita dor ou com facilidade, a um padrão diferente; mas o núcleo permanece endurecido, e é esse núcleo que causa a deterioração da mente.

"O que o senhor quer dizer com núcleo?"

Não sabe? Está buscando uma descrição dele?

"Não, senhor, mas através da descrição eu posso tocá-lo, ter a sensação dele."

"Senhor", acrescentou o pai, "podemos ter consciência desse núcleo intelectualmente, mas na realidade a maioria de nós jamais se viu frente a frente com ele. Eu mesmo já o vi descrito com astúcia e sutileza em vários livros, mas jamais me confrontei com ele; e quando pergunta se nós o conhecemos, eu de minha parte posso afirmar que não. Conheço apenas as descrições que há dele."

"Trata-se, mais uma vez, do nosso interesse pessoal", disse o amigo, "do nosso desejo de segurança que, profundamente arraigado, nos impede de conhecer esse núcleo. Eu não conheço o meu próprio filho, embora tenha vivido com ele desde a infância, e conheço ainda menos o que está muito mais próximo de mim do que o meu filho. Para conhecê-lo, é preciso olhá-lo, observá-lo, escutá-lo, mas jamais faço isso. Estou sempre com pressa; e quando ocasionalmente eu olho para ele, sinto-me em desacordo com ele."

Estamos falando sobre o envelhecimento, sobre a mente que se deteriora. A mente está sempre construindo o modelo da sua própria certeza, a segurança de seus interesses; as palavras, a forma e a expressão podem variar de tempos em tempos, de cultura para cultura, mas o centro, o núcleo de interesse por si mesmo permanece. É esse núcleo que faz a mente deteriorar-se, por mais ativa e alerta que ela seja externamente. Esse núcleo não é um ponto fixo, mas vários pontos dentro da mente e, assim, é a própria mente. Aprimorar a mente, ou passar de um núcleo a outro, não expulsa esses núcleos; a disciplina, supressão ou sublimação de um núcleo faz apenas com que um outro núcleo se estabeleça no seu lugar.

Agora, vejam, o que queremos dizer quando afirmamos que estamos vivos?

"De modo geral", replicou o filho, "nós nos consideramos vivos quando falamos, quando podemos rir, quando existem sensações, quando existem pensamento, atividade, conflito, alegria."

Portanto, o que chamamos viver é aceitação ou "revolta", dentro do padrão social; é um movimento dentro da gaiola da mente. Nossa vida é uma série infindável de dores e de prazeres, de medos e frustrações, de desejos e apego; e quando refletimos sobre a deterioração da mente, e perguntamos se é possível por um fim a isso, nossa investigação está também dentro da gaiola da mente. Isso é viver?

"Suponho que não conhecemos outro tipo de vida", disse o pai. "À medida que envelhecemos, os prazeres diminuem, ao passo que os sofrimentos parecem aumentar; e se a pessoa reflete um pouco, percebe que sua mente aos poucos está se deteriorando. O corpo inevitavelmente envelhece e atinge e decadência; mas o que a pessoa pode fazer para impedir esse envelhecimento da mente?"

Vivemos uma vida insensata, e já perto de seu final começamos a pensar nos motivos da decadência da mente e no que fazer para interromper esse processo. Com certeza, o que importa é como viver os nossos dias, não apenas enquanto somos jovens, mas também na meia-idade e durante os anos de declínio. O tipo correto de vida exige de nós muito mais inteligência do que qualquer ocupação para ganhar o próprio sustento. O pensar correto é essencial ao viver correto.

"O que o senhor quer dizer com 'pensar corretamente'?", perguntou o amigo.

Há uma enorme diferença, seguramente, entre pensar corretamente e pensamento correto. Pensar corretamente é percepção constante; pensamento correto, por outro lado, significa ou o ajustamento a um padrão estabelecido pela sociedade ou uma reação contra a sociedade. O pensamento correto é estático; é um processo de reunião num mesmo grupo de certos conceitos chamados ideais, e segui-los. O pensamento correto promove inevitavelmente o ponto de vista do autoritarismo e da hierarquia e engendra a respeitabilidade; ao passo que o pensar corretamente é ter a percepção de todo o processo de ajustamento, de imitação, de aceitação e revolta. Pensar corretamente, ao contrário do pensamento correto, não é algo que se adquire; ele surge espontaneamente com o conhecimento que a mente tem de si mesma que é a percepção dos caminhos do eu. O pensar corretamente não pode ser aprendido em livros ou através de outra pessoa; ele surge da percepção que a mente tem de si mesma na ação do relacionamento. Mas não pode existir compreensão dessa ação enquanto a mente a estiver justificando ou condenando. Assim, o pensar corretamente elimina o conflito e a contradição interior, que são as causas fundamentais da deterioração da mente.

"Mas o conflito não é parte essencial da vida?", perguntou o filho. "Se não lutássemos, nos limitaríamos a vegetar."

Acreditamos que estamos vivos quando somos apanhados no conflito da ambição, quando somos levados pela compulsão da inveja, quando o desejo nos coloca em ação; mas isso tudo leva apenas a maiores desgraças e confusão. O conflito aumenta a atividade egocêntrica, mas a compreensão do conflito surge através do pensar corretamente.

"Infelizmente esse processo de lutas e sofrimentos, com algumas poucas alegrias, é a única vida que conhecemos", disse o pai. "Há indícios de outros tipos de vida, mas eles são poucos e raros. Ultrapassar toda essa confusão e alcançar essa outra vida é sempre o objeto da nossa busca."

Procurar o que está além do real é ser tomado pela ilusão. É preciso compreender a existência diária, com suas ambições, invejas, e assim por diante; mas, para compreendê-la, é indispensável a percepção, o pensar corretamente. Não existe o pensar corretamente quando o pensamento parte de uma pressuposição, de um preconceito. Partir de uma conclusão, ou procurar uma resposta predeterminada, põe termo ao pensar corretamente; de fato, não há então sequer nenhum tipo de pensamento. Portanto, o pensar corretamente é a base da probidade.

"Parece-me", disse o filho, "que ao menos um dos fatores responsáveis por todo esse problema da deterioração da mente é a questão da ocupação correta."

O que quer dizer com ocupação correta?

"Já notei, senhor, que aqueles que se deixaram absorver totalmente por uma atividade ou profissão logo se esquecem deles mesmos; estão muito ocupados para pensar neles mesmos, o que é algo muito bom."

Mas não será esse ato de se deixar absorver uma fuga de si mesmo? E fugir de si mesmo é uma ocupação errada; ela corrompe, gera inimigos, divisão, e assim por diante. A ocupação correta resulta do tipo correto de educação e da compreensão de si mesmo. Não notaram ainda que qualquer que seja a atividade ou profissão, o eu, consciente ou inconscientemente, a utiliza para a sua própria satisfação, para a satisfação da sua ambição, ou para alcançar êxito em termos de poder?

"Infelizmente, isso é verdade. Parece que utilizamos em nosso próprio benefício tudo aquilo que tocamos."

O que torna a mente mesquinha é esse interesse por si mesmo, essa constante promoção do eu, e embora sua atividade seja ampla, embora ela se ocupe com a política, a ciência, a arte, a pesquisa ou com o que quer que você deseje, há um estreitamento do pensar, uma superficialidade que produz a deterioração, o declínio. Somente quando houver a compreensão da mente como um todo, tanto da mente inconsciente quanto da consciente, poderá haver a possibilidade da regeneração da mente.

"A mundanidade é a maldição das novas gerações", disse o pai. "Elas se deixam levar pelas coisas do mundo, e não dão atenção às coisas sérias."

Esta geração é idêntica às outras gerações. As coisas mundanas não são apenas refrigeradores, camisas de seda, aviões, aparelhos de televisão, e assim por diante; entre elas se incluem também os ideais, a busca de poder, seja ele pessoal ou coletivo, e o desejo de segurança, neste mundo ou no outro. Tudo isso corrompe a mente e produz a sua decadência. O problema da deterioração deve ser compreendido no início, na juventude, e não no período do declínio físico.

"Isso significa que para nós não há esperanças."

De forma alguma. É muito mais difícil interromper a deterioração da mente na nossa idade, apenas isso. Para conseguir uma mudança radical no nosso modo de viver, é preciso que a percepção esteja em contínua expansão, e se faz necessária uma grande profundidade de sentimento, que é o amor. Com amor, tudo é possível.

Fontes e Agradecimentos

Da transcrição original da nona palestra pública em Ojai, 9 de julho de 1944, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Da transcrição original da segunda palestra pública em Ojai, 3 de junho de 1945, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Da transcrição original da primeira palestra pública em Ojai, 27 de maio de 1945, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da sexta palestra pública em Bangalore, 8 de agosto de 1948, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da quarta palestra pública em Ojai, 14 de agosto de 1955, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

"Trabalho", capítulo 88 de *Commentaries on Living First Series,* © 1956 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Comentários sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

De "O Indivíduo e a Sociedade", capítulo 3 em *The First and Last Freedom,* © 1954, Krishnamurti Writings, Inc., © 1987 Krishnamurti Foundation of America. (Em português, *A Primeira e a Última Liberdade*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

Do Relato Verbatim da quinta palestra pública em Bombaim, 24 de fevereiro de 1957, em *Collected Works of J. Krishnamurti,* © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

"Qual a Verdadeira Função do Educador?", capítulo 31 de *Commentaries on Living Second Series,* © 1958 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Reflexões sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

Do Relato Verbatim da sexta palestra pública em Varanasi, 12 de janeiro de 1962, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

"Que Vos Está Tornando Insensível?", capítulo 17 de *Commentaries on Living Second Series*, © 1958 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Reflexões sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

Do capítulo 17 de *This Matter of Culture*, © 1964 Krishnamurti Writings, Inc.

Do Relato Verbatim da décima segunda palestra pública em Bombaim, 28 de março de 1948, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da sétima palestra pública em Bangalore, 15 de agosto de 1948, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da oitava palestra pública em Poona, 17 de outubro de 1948, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da terceira palestra pública em Bombaim, 26 de fevereiro de 1950, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

"A Beleza e o Artista", *The Urgency of Change*, © 1970 Krishnamurti Foundation of London.

Do Relato Verbatim da décima palestra pública em Bombaim, 11 de março de 1953, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da décima terceira palestra com os estudantes em Rajghat School, 20 de janeiro de 1954, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Do Relato Verbatim da quarta palestra pública em Amsterdã, 23 de maio de 1955, em *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Da transcrição da gravação em fita do quarto diálogo público (com jovens) em Saanen, 5 de agosto de 1972, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Sobre a Formação de Imagem", capítulo 8 de *Krishnamurti on Education*, © 1974 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Condicionamento", capítulo 2 de *Commentaries on Living Second Series*, © 1958 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Reflexões sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

Da transcrição da gravação em fita do quinto diálogo público em Saanen, 24 de julho de 1973, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Da transcrição da gravação em fita do terceiro diálogo público em Saanen, 3 de agosto de 1973, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Viver Corretamente", capítulo 10 de *Truth and Actuality*, © 1977 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Da transcrição da gravação em fita do segundo diálogo público em Ojai, 3 de abril de 1977, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Que Devo Fazer?", capítulo 48 de *Commentaries on Living Third Series*, © 1960 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Diálogos sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

De *Letters to the Schools Volume One*, 1 de dezembro de 1978, © 1981 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Do capítulo 7 de *This Matter of Culture*, © 1964 Krishnamurti Writings, Inc.

De *Letters to the Schools Volume One*, 15 de dezembro de 1978, © 1981 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Da transcrição da gravação em fita do quarto diálogo público em Saanen, 28 de julho de 1979, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

De *Letters to the Schools Volume Two*, 15 de novembro de 1983, © 1985 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Diálogo em Brockwood Park School, capítulo 13 em *Beginnings of Learning*, © 1975 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"A Vida Correta", pergunta 24 em *Questions and Answers*, Saanen, 24 de julho de 1980, © 1982 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd. (Em português, *Perguntas e Respostas*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

De *Krishnamurti to Himself*, Brockwood Park, 30 de maio de 1983, © 1987 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"O Auto-interesse Corrompe a Mente", capítulo 30 de *Commentaries on Living Third Series*, © 1960 Krishnamurti Writings, Inc. (Em português, *Diálogos sobre a Vida*, Ed. Cultrix, São Paulo.)

SOBRE O VIVER CORRETO

J. Krishnamurti

Krishnamurti disse: "Não será acaso necessário que cada um saiba por si mesmo qual o modo correto de ganhar a vida? Se formos avarentos, invejosos, sedentos de poder, nosso modo de ganhar a vida corresponderá às nossas exigências internas, criando um modo de competitividade, inquietação, opressão e acabando, em última análise, em guerra."

Sobre o Viver Correto analisa os modos de nos engajarmos em nosso trabalho sem sermos engolidos por ele. Num mundo sequioso de produção, de bens materiais e de consumo, poucos de nós têm tempo para analisar se nosso trabalho causa danos ao ambiente, se estamos aproveitando ao máximo os talentos que temos ou se simplesmente estamos trabalhando para sobreviver. Krishnamurti traz ensinamentos sábios e eloqüentes sobre esses assuntos de máxima importância para todos.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986), o renomado mestre espiritual, divulgou sua imagem em conferências em numerosos livros, dentre os quais se destacam os seguintes, que fazem parte do catálogo da Editora Cultrix: *Comentários sobre o Viver, Diálogos sobre a Vida, A Educação e o Significado da Vida, Diário de Krishnamurti, Liberte-se do Passado, A Primeira e Última Liberdade* e outros.

Nesta nova série estão incluídos os seguintes títulos:

- *Sobre Deus*
- *Sobre Relacionamentos*
- *Sobre a Vida e a Morte*
- *Sobre Conflitos*
- *Sobre Aprendizagem e Conhecimento*
- *Sobre Amor e Solidão*
- *Sobre a Mente e o Pensamento*

EDITORA CULTRIX